

REVISTA EDIÇÃO Nº 130 | ABRIL DE 2026

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS



**ENTREVISTA
EXCLUSIVA
COM**

**Rosenilda
Carvalho**

**AUTORA DO LIVRO
ETARISMO - A IDADE NÃO DEFINE AS PESSOAS**

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Rosenilda Carvalho - Foto divulgação



6

ROSENILDA CARVALHO construiu uma trajetória marcada pela versatilidade, pelo conhecimento e, sobretudo, pelo compromisso com o desenvolvimento humano. [...] Confira + na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: [Ademir Pascale](#)

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
ENTE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: [@conexaoliteratura](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



ÍNDICE

Expediente, pág. 02

Editorial, pág. 04

Patrocinadores da Revista Conexão Literatura, pág. 05

Entre experiência e potência: Rosenilda Carvalho em destaque, pág. 06

Camões e a épica; a épica e suas marcas, pág. 12

Poema: Metáforas da evolução, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 19

Não temos todo tempo do mundo, por Fauno Mendonça, pág. 23

Entre cartas e diário: neostalgia sem juvenoia, por Clarissa Machado, pág. 26

Poema: Ao nada, por Fátima Cordeiro, pág. 31

Poema: Canto aos céus do Pindorama, por Sellma Luanny, pág. 33

Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny, pág. 35

Dicas para leitura, pág. 39

Poema: Meu pedido, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 41

Introduzindo o livro-jogo pelo uso do Twine, por Pedro Panhoca, pág. 45

A medicalização da educação, por Potiara Cremonese, pág. 51

Poema: A noite, por Eva M. Z. Griep, pág. 55

Música: Sensações, por Jaff Silva, pág. 57

Poema: Ensinar com Amor, por Adriano Rosa da Silva, pág. 63

Até o final das tintas, por Mônica Palacios, pág. 67

O banquete dos bichos, por Ivana T. Souza, pág. 70

O universalismo em contos de fada, por Loecy Rosa Damasio e Marina Solé Pagot, pág. 74

A estética da escrevivência e a condição social em Olhos D'água, de Conceição Evaristo, por José Flávio da Paz, pág. 81

Poema: A hora de seu retorno, por Flavio Joppert, pág. 87

Poema: Do Menestrel Feudal, por Flavio Joppert, pág. 88

Poema: Ardente, por Roberto Ferrari, pág. 89

Literatura, história e sociedade: as marcas da resistência e da violência no tecido poético, por José Flávio da Paz, pág. 90

Pierre Richard Gerismo e a literatura que atravessa fronteiras, pág. 97

Poema: O tornado das palavras, por Thiago Christoni, pág. 102

Poema: Adão e Eva, por Renan Apolônio, pág. 103

Entrevista com Alcimário Júnior, pág. 106

Entrevista com Isah Oliveira, pág. 111

Entrevista com Lenita Barreto Carneiro, pág. 118

Entrevista com Pipo R. Ananias, pág. 124

Citações de grandes autores, pág. 128

Conto: Às vezes, eles continuam aqui, por Raquel Fiori, pág. 132

Conto: Indiscreto, por Idicampos, pág. 137

Conto: A tortura, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 142

Conto: As flores do túmulo de Lídia, por Ney Alencar, pág. 147

Conto: Celsus, por Raul Schaefer Filho, pág. 152

Conto: No fim do horizonte, por Roberto Schima, pág. 156

Colecione, pág. 173

Passatempo, pág. 174

Baixe as edições anteriores, pág. 176

Mídia Kit, pág. 178

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 179

EDITORIAL

Caros leitores,

A literatura segue sendo um espaço de encontro — entre vozes, experiências e diferentes formas de enxergar o mundo. Nesta edição de abril da Revista Conexão Literatura, mantemos esse compromisso ao apresentar mais um conjunto de textos que valorizam a diversidade, a reflexão e a força da escrita contemporânea.

Na capa, destacamos Rosenilda Carvalho, autora de “Etarismo – A idade não define as pessoas”, que concede uma entrevista exclusiva à revista. Com uma trajetória marcada pelo conhecimento e pela atuação no desenvolvimento humano, Rosenilda traz à pauta um tema atual e necessário: o preconceito relacionado à idade e seus impactos na sociedade. Sua participação nesta edição convida à reflexão sobre novos olhares e possibilidades em todas as fases da vida.

Aproveitamos também para agradecer, com carinho, a todos os autores e autoras participantes desta edição. Cada texto publicado aqui carrega muita dedicação e compromisso — elementos essenciais para que a literatura continue cumprindo seu papel de conectar pessoas e ideias.

Para saber como participar da nossa edição de maio/2026, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.



Ademir Pascale
ESCRITOR E EDITOR

E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Joaquim Cândido de Gouvêa

Instagram: @joaquimgouvea_



Casa Brasileira de Livros

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



Luciana Simon de Paula Leite

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpm



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterochoa.com.br
Instagram: @gilmarduarterochoa



Clarissa Xavier Machado

Instagram: @clarissaxmachado



Fátima Cordeiro

literaturaacreana.blogspot.com
e-mail: mendescor2@gmail.com



Jaff Silva

Youtube: @Jaffkamphorst
Instagram: @jaffkamphorst

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.
SAIBA COMO:

clique aqui

Entre experiência e potência: Rosenilda Carvalho em destaque

POR ADEMIR PASCALE

Rosenilda Carvalho construiu uma trajetória marcada pela versatilidade, pelo conhecimento e, sobretudo, pelo compromisso com o desenvolvimento humano. Nascida em Campina Grande (PB), formada em Letras e com especializações que transitam entre a Psicopedagogia, a Educação e o Desenvolvimento Humano, a autora reúne em sua história profissional mais de três décadas de atuação na Caixa Econômica Federal, além de uma sólida formação em gestão e coaching. Hoje, como palestrante, mentora e gestora de alta performance, já impactou a vida de centenas de mulheres, incentivando lideranças mais conscientes e autônomas.

Essa vivência multifacetada encontra voz em sua produção literária. Autora dos livros *Superando Limites* e *Etarismo – A idade não define as pessoas*, Rosenilda se dedica a temas reais e urgentes, sempre ancorados em experiências concretas. Em sua obra mais recente, lançada no final de 2025, a escritora aborda o etarismo – um preconceito ainda pouco discutido, mas profundamente enraizado na sociedade. Com uma escrita direta e reflexiva, ela convida o leitor a repensar conceitos sobre envelhecimento, produtividade e valor humano.



ROSENILDA CARVALHO - FOTO DIVULGAÇÃO

Mais que um livro

“Etarismo – A idade não define as pessoas” nasce de escuta e observação. A partir de relatos reais e de sua própria vivência, Rosenilda constrói uma narrativa que evidencia como a idade, muitas vezes, é usada como um rótulo limitador, ignorando histórias, competências e potenciais. A obra propõe uma mudança de mentalidade, destacando que longevidade pode – e deve – caminhar lado a lado com protagonismo, realização e novas possibilidades.

Com lançamentos realizados em diferentes estados do Brasil e presença confirmada na Feira do Livro de Lisboa, a autora amplia o alcance de sua mensagem, levando ao público nacional e internacional uma reflexão necessária e contemporânea. Rosenilda Carvalho surge, assim, como uma voz relevante no debate sobre inclusão etária, reforçando que o tempo não define limites – mas, sim, amplia horizontes.

Rosenilda Carvalho nasceu em Campina Grande/PB, em 17/11/1960, filha de Apolonio Delfino de Carvalho e Maria José Pereira. Fez o Curso de Letras. Trabalhou na Caixa Econômica Federal por 32 anos. Durante esse período, prosseguiu em seus estudos, diversificando sua formação acadêmica. Cursou Tecnologia em Gestão Estratégica, especializou-se em Psicopedagogia e Educação e Desenvolvimento Humano, em cursos de pós-graduação *latu sensu*.

Tem formação completa como Coach. Atualmente, atua como corretora e administradora de flats. É escritora de dois livros: "Etarismo - A idade não define as pessoas" e "Superando Limites".

Palestrante, Gestora de Alta Performance é Mentora, ajudando mulheres a serem Líderes de Alta Performance + 500 mulheres impactadas.

ENTREVISTA:

Revista Conexão Literatura: "Etarismo – A idade não define as pessoas" nasce de que inquietações pessoais e profissionais? Em que momento a senhora percebeu que esse tema precisava virar livro?

Rosenilda Carvalho: Comecei a ouvir relatos das amigas e coloquei nas redes sociais pedindo depoimentos dos preconceitos e em uma semana recebi mais de 50, então pensei em

fazer o livro.

Revista Conexão Literatura: Como sua formação em Letras, Psicologia, Educação e Desenvolvimento Humano contribuiu para a construção do olhar crítico e sensível presente na obra?

Rosenilda Carvalho: Com certeza fui buscar livros que subsidiasse a pesquisa e fui me identificando que faço parte desse público e hoje levanto essa bandeira em prol dos 50+

Revista Conexão Literatura: Em sua trajetória de vida, em que momentos a senhora percebeu que a idade passou a ser usada como um rótulo limitador – e como essas experiências influenciaram a escrita do livro?

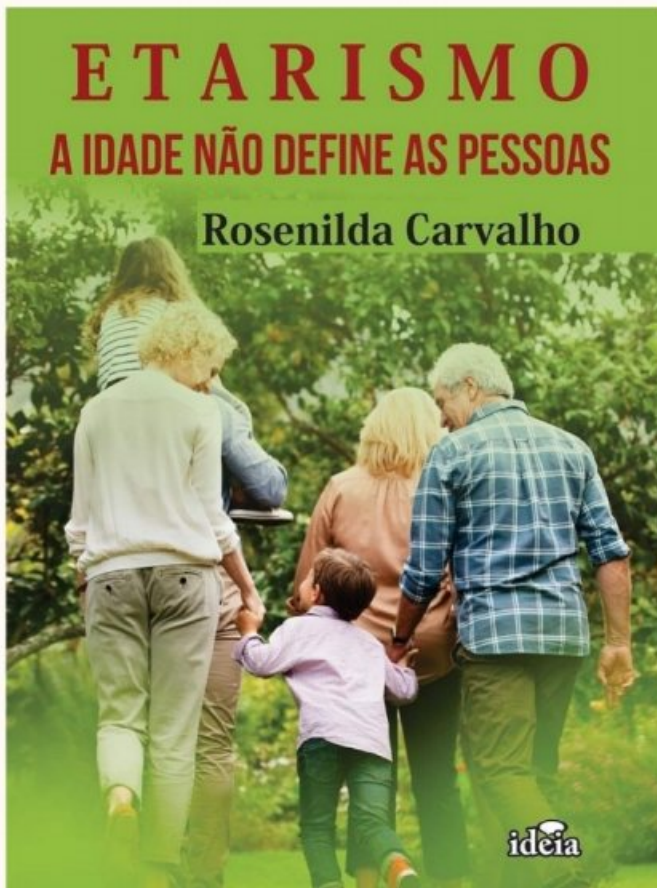
Rosenilda Carvalho: Sou uma pessoa ativa e trabalhadora até hoje, exerço várias atividades, mas em 2022 fui trocar meu carro e cheguei na concessionária e disse as características do carro que eu queria e a recepcionista me perguntou: A senhora quer comprar um carro mesmo?

"Comecei a ouvir relatos das amigas e coloquei nas redes sociais pedindo depoimentos dos preconceitos e em uma semana recebi mais de 50, então pensei em fazer o livro."



CUIDAR DO CURRÍCULO SEMPRE, FOI O QUE FIZ E JÁ SAIA NA FRENTE EM PROCESSOS SELETIVOS. CUIDAR DA SAÚDE FÍSICA E MENTAL. CONSTRUIR UMA BOA REDE DE RELACIONAMENTO COMEÇANDO EM CASA, NA EMPRESA, NA COMUNIDADE EM QUE VIVE, IGREJA, ASSOCIAÇÕES, ETC.

ROSENILDA CARVALHO



Revista Conexão Literatura: O livro propõe uma mudança de mentalidade. Na sua visão, qual é o maior mito sobre envelhecimento que ainda precisa ser desconstruído na sociedade?

Rosenilda Carvalho: Achar que se a pessoa aposenta da empresa deixa de ser ativo ou produtivo, quando tanta gente passa a empreendedor, a viajar mais, a realizar sonhos, etc.

Revista Conexão Literatura: Como presidente da Rede Sem Fronteiras na Paraíba, de que maneira sua atuação social dialoga com as ideias defendidas em Etarismo?

Rosenilda Carvalho: esse livro já está

na Amazon e estou levando pra feira do livro em Lisboa. Já fiz vários lançamentos em vários estados do Brasil inclusive no fórum da longevidade em São Paulo na Livraria da Longevidade.

Revista Conexão Literatura: A senhora também é autora de “Superando Limites”. Que pontes existem entre esse livro e A idade não define as pessoas? Eles se complementam?

Rosenilda Carvalho: Foram dois movimentos diferentes, Superando Limites é uma coletânea com 16 mulheres do nordeste, sul e sudeste, onde nós falamos como saímos do ponto A ao B em nossa trajetória. Etarismo é meu primeiro livro solo. E já estamos construindo outra coletânea sobre Saúde Mental. Gosto de falar de assuntos reais e não ficção.

Revista Conexão Literatura: Como palestrante, mentora e gestora de alta performance, a senhora já impactou mais de 500 mulheres. Que desafios relacionados à idade aparecem com mais frequência nessas mentorias?

Rosenilda Carvalho: Existe preconceito com a idade da mulher desde cedo e em vários ambientes e

como eu com 50 anos era da CAIXA e estava sendo disputada por superintendentes de dois estados no nordeste, porque meu resultado era de Alta Performance e sempre fui respeitada na minha casa e até hoje sou porque sempre defendi Independência e liberdade sem submissão. Por isso orientei muitas mulheres em mentorias.

Revista Conexão Literatura: O lançamento do livro acontecerá na Feira do Livro de Lisboa, entre 27/05 e 14/06. Qual é a importância simbólica e profissional desse lançamento internacional para sua trajetória como escritora brasileira?

Rosenilda Carvalho: Levar meu livro para mundo através da feira e da Rede sem Fronteiras.

Revista Conexão Literatura: Na sua opinião, o etarismo é percebido da mesma forma em diferentes culturas ou países? O que espera do diálogo com o público europeu?

Rosenilda Carvalho: Sim e quero cada vez mais me reunir com pessoas em qualquer lugar do mundo para compartilharmos conhecimento e experiências.

Revista Conexão Literatura: Que mensagem a senhora deixaria para mulheres que, ao chegarem a determinada idade, sentem que

suas oportunidades estão se encerrando – quando, na verdade, podem estar apenas começando?

Rosenilda Carvalho: cuidar do currículo sempre, foi o que fiz e já saia na frente em processos seletivos. Cuidar da saúde física e mental. Construir uma boa rede de relacionamento começando em casa, na empresa, na comunidade em que vive, igreja, associações, etc.

Revista Conexão Literatura: Para os leitores interessados em aprofundar esse debate, como é possível saber mais sobre o livro Etarismo – A idade não define as pessoas e onde ele pode ser adquirido?

Rosenilda Carvalho: O livro pode ser encontrado na Amazon - <https://www.amazon.com.br/Etarismo-idade-n%C3%A3o-define-pessoas-ebook/dp/B0FZLVH1WJ>





A CASA DA QUALIDADE

Em 2026, **participe** dos eventos da **Casa Brasileira de Livros** e mostre o seu **talento literário**.

Temos certeza de que você merece o original.



MicroConto de Ouro



PENA DE OURO



GRANDE PRÊMIO
HAIJIN DO BRASIL



www.casabrasileiradelivros.com
atendimento@casabrasileiradelivros.com

A man with a beard and a black cap is shown in a classroom setting, reading a large, open book. He is wearing a black robe over a white lace collar. The background is filled with other students, some looking towards the camera and others looking away. The lighting is warm and focused on the man and his book.

POR JUAREZ D. AMBIRES

CAMÕES E A ÉPICA: A ÉPICA E SUAS MARCAS

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

As armas e o barões assinalados

Luís Vaz de Camões (1524-1580) está na ordem do dia. Portugal o festeja e nós também devido aos quinhentos anos (1524-2024) de seu nascimento. Sua escrita representa o melhor da Renascença lusa (1527-1580), e da produção do poeta destacamos o poema épico *Os lusíadas* (1572). Em momentos de sua história, Portugal bem soube usar o mesmo poema, e o início desta prática se faz subsequente à morte do poeta. Com o trato nacionalista e elogioso recebido, a épica camoniana se torna um instrumento, um motivo. Em sua trajetória, percorre sob admiração geral também os séculos XIX e XX apesar da oposição da Modernidade às práticas do Antigo Regime. O fato nos faz em recorte recuperar o poema e referências que a ele se ligam.

No recorte feito, o enquadramento da obra nos leva a dar corpo a uma intenção. Interessam-nos as marcas do gênero épico e aspectos comparativos. O intuito é didático e essencialmente quer destacar as marcas do épico, gênero que anda no esquecimento. A Modernidade a isto promove, mas não o consegue de todo. Nela, poemas épicos não são produzidos, mas no seu acervo algumas de suas produções com eles conversam. Em alguns casos, o diálogo é animado e extenso. Com isto, reconhecendo-se aspectos da mesma Modernidade, muito de práticas do Antigo Regime indiretamente vêm à luz. Para se fazer o que é moderno, muito se negou, mas a extinção do passado não ocorre. Ele em verdade fica como substrato, quer ser substrato.

Com a deixa, lembramos que a poesia épica é um gênero anterior às peças épicas do Renascimento. A Renascença encontra o gênero em Roma e na Grécia, em epopeias destas culturas que serviram de modelo e pelos renascentistas foram apropriadas. Grécia e sua cultura clássica são paradigma para Roma, e ambas, na vez delas, são exemplos clássicos para o clássico que a Renascença quer ser. Deste modo, Homero e Virgílio foram lidos pelos humanistas do Renascimento e, particularmente, pelos poetas do movimento que quiseram se tornar referências de épico para sua cultura. Camões é um destes a partir das práticas renascentistas que Sá de Miranda traz da Itália para Portugal em 1527, e nas quais Camões, ainda jovem, se inicia.

Recordemos correlatamente que épica é o gênero que quer cantar feitos heroicos. Por isto, seus versos falam do grandioso, do que ultrapassa a força humana. O herói, entretanto, a tudo realiza, porque a inspiração que o conduz é maior, é divina. No Renascimento, o Deus cristão é a força primeira e última desta condução, apesar da presença de divindades pagãs no enredo. No universo greco-romano, as manifestações divinas vêm do Olimpo e apenas dele. Os deuses desta órbita se manifestam, aliando-se a seus protegidos, mas também ajudando a castigar inimigos. Na extensão, os temas a serem cantados também são grandiosos. Na épica, tudo é superlativo. Moderação, modéstia e senso comum são sentidos dissociados deste universo.

Em termo sinônimo, o comezinho está longe de tudo o que o poema congrega. Vida cotidiana e a luta para se chegar ao próximo pagamento são assuntos que interessam às artes da Modernidade. Por isto, a mesma Modernidade é a que abriga o anonimato na cidade grande, a solidão, o emparedamento das personagens. Abriga ainda o deambular

pelo bairro, pelo subúrbio, o andar a esmo e à noite, sem endereço certo ao qual se chegar. A vida na épica não se relaciona à vida burguesa ou à vida do proletariado que se reduziu ao trabalho nocivo e, nas refeições, a comer batatas, como no quadro de Van Gogh. A vida épica é a de homens da aristocracia, afiados na arte da guerra e afinados no gosto à conquista, ao domínio, à natureza.

Os soldados que às suas lideranças obedecem não veem inferioridade no fato. A grandeza da autoridade, da inteligência, da energia do grande guerreiro e senhor sobre o entorno se irradiam. É bom, reconfortante, honroso estar à sua sombra, servi-lo. Seu julgo é suave para aqueles que lhe devotam fidelidade. Ele desperta maravilhamento, os olhos baixos e respeitosos ante sua presença. Ulisses, para exemplo, é o retorno da esperança e da boa ordem à Ítaca. Fora do seu domínio, tudo é usurpação, corrupção, falsidade. Todavia, onde o humano se fragilizou, os animais assumem o critério da fidelidade. Mais de trinta anos após a partida de Ulisses (dez anos para o cerco de Tróia, vinte para o retorno a Ítaca), epicamente seu cão resiste e o aguarda e o reconhece.

Na ação e no fato, o impossível toma forma, expressa-se, mas, ainda assim, em graus de verossimilhança. A narrativa se vale de disfarces para não cair no ridículo. Não se ri da épica, de um herói épico, de sua vida e extensões. O gênero detém a história, o tempo e deles se vale em larga escala. Épica, história, tempo, altivez, masculinidade, genealogia e outros termos passam a ser sinônimos, a coabitar, a se equivaler nos teores do gênero. O passado ligado ao herói o autoriza em seu presente, é um segundo corpo. Antes do embate letal entre Heitor e Aquiles às portas de Tróia, ambos se apresentam um ao outro e às assistências que os acompanham. Dão notícias, contudo, de suas genealogias, daqueles dos quais orgulhosamente descendem.

A história, que é o passado, duas vezes se corporifica. Na ação do duelo, há dois corpos físicos, mas também dois metafísicos e metafóricos. Há luta e glória mesmo para aquele que perder. Em essência, heróis épicos nada perdem. A grandeza das casas que representam não se dilui com a morte corajosa de um descendente. Ela – a casa, ela – a genealogia são maiores. A morte é honrosa se for na guerra e no combate corajoso. Lembremos que duplo é ainda o herói devido ao epíteto que carrega. Ulisses, ainda, é o *sagaz*, o *arguto*, o *astuto*. As expressões sinônimas já o distinguem na Grécia e ganham mais força com a tomada de Tróia. O projeto do cavalo de madeira, recordemos, é dele, e é este herói quem nos ensina a suspeitar de *presente de grego*.

Penélope, ainda para exemplo, também ganha o seu epíteto. Ela é o símbolo da resistência, ela é a *fiel*. Sem vacilos, aguarda por Ulisses. Deseja-o. Por ele suplica aos deuses. Ele é o esposo, a quem jurou *fidelidade*. Lembremos que o adjetivo (*fiel*) e o substantivo (*fidelidade*) são palavras irmãs. Ambos respectivamente são vocábulos que vêm de *fides*, *fidelis* – palavra da terceira declinação, e de *fidelitas*, *fidelitatis* – da mesma terceira declinação. Ambos os termos nos remetem a *fidelidade*, mas também a *amizade*, termo este que contém no seu radical o *am* de *amor*. Ela – Penélope – é *a que ama* e seu exemplo épico só não é maior do que o do marido, porque o gênero em questão está centrado no masculino. Ele, em suas convenções, pede *um herói*.

Em conversa com esses valores, James Joyce (1882-1941) escreve o seu *Ulisses* (1922). Por meio dele, lembra, porém, o quanto a sociedade moderna é oposição a tudo o que se apresentou. Em verdade, no *Ulisses*, a épica não está mais na ordem do dia, nem a forma que a exprime. A estrofe e o verso metrificados caíram em desuso. Podemos ainda dizer que o *Ulisses* é uma paródia da *Odisseia*. O romance de Joyce, entretanto, também ri de si mesmo, da organização social que o produz. Para a épica, na sua vez, só esta possibilidade já seria um *sacrilégio*. Já se disse no texto que não se ri da épica. Em extensão do fato, a épica não ri de si mesma. As práticas antigas não admitem a autocontradição, a autonegação. A Modernidade, sim.

O Moderno quer o romance, e ambos representam a vitória da prosa. Quer o aqui, o agora, sem o anseio da grandeza que passou a ser vista doutra forma. No novo tempo, ela é *excesso*, ou fato de um certo mau gosto, ou mesmo coisa só possível à ficção. Não se quer mais a eternidade. Até a geografia na anti-épica de Joyce se altera. A ação de seu romance ocorre na capital da Irlanda, onde tudo é mais frio e, em nossa leitura, lunar. A épica tradicional é primeiramente grega e mediterrânea. Depois, romana e latina. Para nós, seria ainda solar. Para o anti-herói de Joyce, a grande vitória é chegar ao dia seguinte e sua história não tem moral ou virtude. Na épica tradicional, a vida é o inverso disto. Vive-se sim algo maior mesmo com as intempéries.

Em sua geografia de origem e devido à sua essência, o poema épico torna-se história de proveito e exemplo. Seu conteúdo é usado para a edificação da juventude, para um apuramento das virtudes, para a salvaguarda de valores. Ao fim de tudo, a ação dos homens é guiada por Deus, pelos deuses. O que se conta cria discípulos e é fonte de disciplina. O fato implica a existência do grupo e não a existência da individualidade burguesa. *Disápulos* e *disiplina*, ambas são palavras de mesmo radical, lembremos. Aquele que conhecia a história a repetia. Era preciso fazer memória dos fatos. O *memento* era necessário, esperado. Num mundo no qual poucos liam, este era o recurso para a perpetuação de valores edificantes. Na Modernidade, não.

Por isto, no *Ulisses* de Joyce tudo se resume a um dia da personagem e nada além disto apesar das centenas de páginas usadas para compor o enredo. O personagem está preso em si, em um tempo que é mais psicológico que cronológico, e o seu espaço é Dublin – a cidade – e o seu subúrbio. Tudo é pequeno, baço, solitário, burocrático, tempo contado, ansiedade, certa depressão, desencontro, fragmento. O *Ulisses* de Joyce definitivamente não é o *Ulisses* de Homero. O nome é o mesmo, mas as essências literárias e históricas, não. O *D. Quixote* de Cervantes não é o mesmo *Quixote* de Pierre Menard, nos ensina Borges. As palavras são as mesmas uma a uma, mas entre uma obra e outra há rio caudaloso, formado de trezentos anos de história.

O *Mensagem* (1934), de Fernando Pessoa (1888-1935), também é obra da Modernidade que dialoga com a épica. No caso, dialoga diretamente com *Camões* e *Os Lusíadas*. No livro, estamos no mundo da poesia e sua dinâmica é também a da épica invertida, tal como no *Ulisses*. O sentimento é o de que o presente cronológico é adverso, é insatisfação, busca. É também forte lembrança de um passado de glória ao qual se quer voltar. Esbarra-se, entretanto, na impossibilidade. O presente é esta impossibilidade que

faz sofrer. É ainda a consciência funda de que algo se perdeu para sempre. Do passado vêm os fantasmas. Para eles, o portal está aberto. Para nós, não. D. Sebastião envolto em bruma é um deles. Está no centro de nove poemas.

Antes, todavia, Camões, querendo ser épico no século XVI, trabalha com a ideia de que os sentidos e os valores se perpetuam. Por isto, se emula. Para ele, o tempo que passa não diferencia, iguala. A imagem é a da circularidade. Volta-se ao ponto de partida. Nas entrelinhas, está a imagem de um Deus que se repete, que é o mesmo. Deus não muda. É o mote de Santa Teresa D'Ávila. Ela e outros místicos do período recebem as mensagens de Deus que pede fidelidade, coesão. Camões sabe disto e vive as referências do seu tempo. Em paralelo, as exigências do cotidiano são muitas, mas não tolhem o empenho do poeta na construção do poema épico. No centro disto, está Portugal no reflexo de si mesmo, representado em Vasco da Gama, em forma reduzida *o Gama*.

Na escolha do tema, a recomendação dos antigos ao poeta é a de que se afaste do presente o máximo possível. Quanto mais distante o tema e o seu tempo, tanto melhor. A distância vai torná-lo mais fácil de ser tratado. Temas épicos e passado são fatos em profunda simbiose. Camões, entretanto, desobedece ao requisitado. A história de Portugal ainda não se perde no tempo. Ela começa no século XII. Mesmo assim, é preciso valorizá-la e torná-la de proveito e exemplo. No paralelo, a forte sugestão é a de que a grandeza está com os Avis, dinastia que gosta da façanha a partir dos filhos de D. João I. Por isto, a empresa para a chegada ao Oriente (o que ocorre em 1498), o caminho para isto construído servirão de mote para o poema, para tal serão moldados.

Segundo a tradição, o poeta teria escrito *Os lusíadas* no Oriente. Sua situação social nos anos 1560 é a de valido e, como funcionário régio, ele trabalha para a coroa. Seu posto é na burocracia, representando o Estado português na assistência a órfãos e a viúvas de soldados lusos, nas feitorias orientais. Teria por isto estado em Goa e mesmo chegado à China e alhures. Nesta situação, burila ao longo da estadia o poema e chega à façanha de 8816 versos decassílabos heroicos que, depois, ele salva epicamente de um naufrágio. O fato nos remete à foz do Rio Mekong. À ocasião, todavia, salva-se o poema, mas perde-se Dinamene, mulher a quem o poeta, em vassalagem amorosa, em revolta contra as águas encapeladas, celebra em belíssimos sonetos.

A celebração de Portugal, entretanto, é o poema épico, está nele. Quando da sua edição, a sociedade portuguesa e o rei se sentem homenageados nele, em seus teores. Antes da edição, teria Camões lido o livro a D. Sebastião, que lhe facilita a publicação e lhe dá uma tença. O impacto teria sido grande. O magnânimo que é Portugal na letra de *Os lusíadas* como canto de sereia teria seduzido o rei e a corte. Com ele, o monarca quer participar de uma grande empresa de guerra. Convence-se de avançar sobre o norte da África, querendo reaver terras outrora cristãs. O livro é um instrumento e o rei também o quer ser. O século XVI vai avançado, mas as atitudes ainda soam a cruzadas, a reconquistas, a entrelaces entre o terreno e o divino, entre os homens e Deus.

O livro ainda é história de proveito e exemplo, como já se afirmou. Seria também livro de aconselhamento, gênero textual muito em voga no episódio. Neste contexto, que

se torna grave com o fracasso de Alcácer Quibir e com o domínio espanhol, o poema passa a ser alimento espiritual. De algum modo, indiretamente está muito próximo do pão espiritual que é Cristo. Lembremos que, na primeira edição, o livro tem a capa ilustrada. Um frontão triangular é sustentado por duas colunas sobre chão e alicerce de pedras. Ao centro do mesmo frontão há um círculo. No interior deste, está um pelicano. A ave, na sua vez, dá aos rebentos famintos o peito inflado para que eles o biquem. O sangue que jorra é o alimento dos filhos que passam a ser os perpetuados.

Tudo se faz para que os filhos não morram. Garantir a descendência é o fundamento de tudo. Na liturgia católica, Cristo é o pelicano e o seu sacrifício – o sangue derramado – garante-nos a existência eterna. Na junção que se faz no livro, o que se sugere é a perpetuação dos portugueses, vistos como raça eleita. Os versos da obra são o sangue, mas também o corpo que é pão e alimenta e que dá vida e ajuda a resistir. Deste modo, os propósitos da épica estão cumpridos no livro e além dele. A épica se faz em dois tempos e em duas representações. O poeta está por isto em *proveito* e *exemplo*, palavras com as quais se trabalhou. Sua escrita está por isto no passado (recente passado da nação) e no presente, como sublimação e alimento cultural.

Boxes:

01. Camões nunca falou em literatura, tal como nós tratamos o termo. Nossa prática vem do século XIX. No seu tempo, Camões é um homem das *belas letras*, um lastro aristocrático. O vocábulo *literatura* é capitalista e implica leitores em todas as classes. Traz consigo o livro como mercadoria, isto é, feito em quantidade, em linha de produção. Chamaria ainda à cena o escritor independente, que, como operário, viveria do seu trabalho, de sua escrita e não da proteção. Camões e outros são poetas de corte e vivem à sombra de poderosos, alguns com paços aristocráticos. Sua existência ajuda a projetar terceiros. No Renascimento, os grandes vivem o amor à glória e gostam de divulgar feitos, de ostentar fama e precisam de ajuda para isto.

02. Lembremos ainda que, no século XVI, a inspiração não é referência essencial. A modernidade é quem forja este valor. No tempo de Camões, há modelo para tudo e se obedece a um decoro, a um código rígido de regras. As *belas letras* e os demais ramos artísticos estão sob estas ordenações. A prosa é ação do cronista. O artista quer ainda mostrar sua filiação aos antigos, isto é, a gregos e a romanos. Para Camões e coevos, ser *original* é buscar as *origens* e não o *singular*. E as origens são a cultura clássica, vinda particularmente de Roma. Se houver mestres medievais é porque também seguiram os antigos. Em Portugal, à época, os letrados leem Quintiliano, Cícero, Horácio e outros que, na sua vez, leram os gregos. Para *Os Lusíadas*, leu-se mais Virgílio do que Homero.

Prof. Dr. Juarez Donizeti Ambires

Prof. Líng. Port. da FAC - Fac. do Comércio de S. P.

Prof. Pós Graduação Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo - Curso Direito das Diversidades e Inclusão Social

Revisor de texto da Editora Globo

Revisor de texto para particulares

<http://lattes.cnpq.br/5231846291164013>



ebook

Cresça seu canal do YouTube estrategicamente

Um ebook (livro digital) com as estratégias usadas por um YouTuber para alcançar mais de 200 mil inscritos. Contém análises reais, gráficos, dicas, testes e checklists.

Aprenda a estruturar Shorts que prendem atenção, dominam o algoritmo e transformam views em inscritos.

Para saber mais, acesse <https://www.auraspaces.com.br>

Metáforas da Evolução

Por Mirian Menezes de Oliveira

**Pedras nos olhos...
Pedras na alma...
Pedras na língua...**

**Pedras arrastadas...
Pedras carregadas...
Pedras lançadas...**

**Cidades de pedra...
Paisagens de pedra...
Corações de pedra...**

**Pedra lascada...
Pedra polida...
Pedra entalhada...**

**Evolução...
Revolução...
Invólucão...**

**Sentimentos fossilizados...
Atitudes fossilizadas...
(Paleolítico Contemporâneo)**



Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →



Crie e-Books profissionais com um clique.

e-Pub Editor transforma seu manuscrito em um arquivo seu_livro.epub formatado para Kindle e outros leitores com paginação, melhorando a experiência do usuário e elevando sua autoridade na amazon KDP.

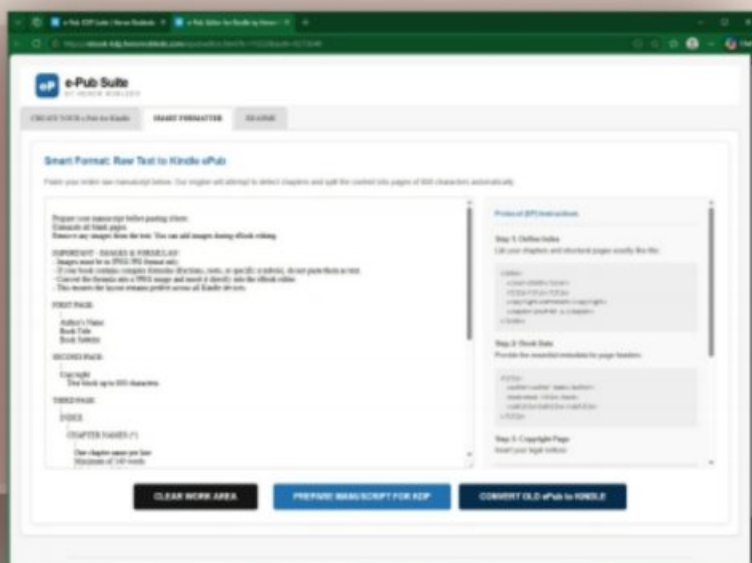
Transforme seu manuscrito em um e-book "com cara de livro" com paginação perfeita e compatível com a maioria dos leitores.



Interface amigável que roda no seu navegador. Converte manuscritos e arquivos .epub com rapidez e precisão.



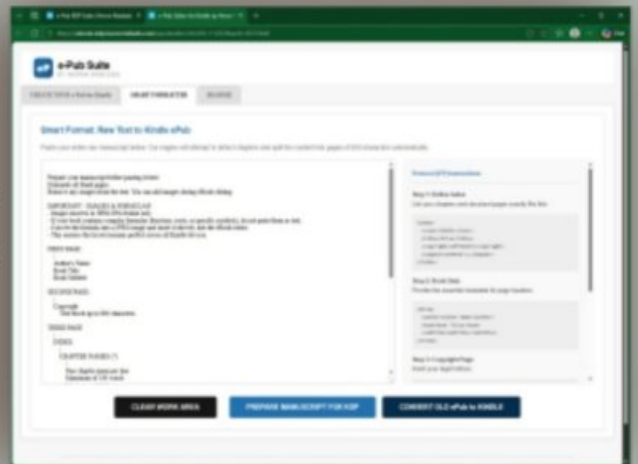
Feito por quem tem mais de 70 obras publicadas no KDP.
Acesse: book-kdp.heronrobledo.com.



Ferramenta indispensável para autores.

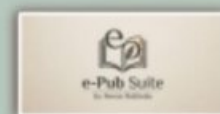
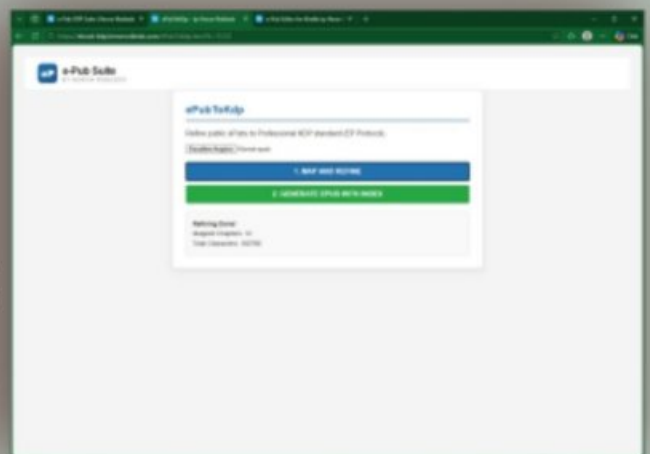
Criação, edição, importação e leitura de arquivos e-PUB compatíveis com amazon KDP e Kindle.

e-Pub Editor é a ferramenta dos sonhos de qualquer autor: cole o texto bruto, escreva diretamente ou importe um .epub existente pronto para ser publicado na amazon KDP.



O melhor leitor de arquivos .epub. Atribui paginação ao e-book. Use para ler os livros produzidos com e-Pub Editor.

Converta arquivos .epub defeituosos para o formato do e-Pub Suite. ePubToKdp força a paginação e resolve 90% dos problemas de e-books mal estruturados. Roda no seu navegador e é totalmente gratuito.



Feito por quem entende do assunto.
Acesse: book-kdp.heronrobledo.com.

POR FAUNO MENDONÇA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**NÃO TEMOS TODO
TEMPO DO MUNDO**

A VIDA É UMA PASSAGEM COM PARADA CERTA, A MORTE. NÃO TEMOS TODO TEMPO DO MUNDO, ENTÃO, SIMPLEMENTE VIVA COM INTENSIDADE SEGUINDO AS DIVERSIDADES DAS ESTAÇÕES.

A vida é uma passagem com parada certa: a morte. Não temos todo o tempo do mundo, então, simplesmente, viva com intensidade, seguindo as diversidades das estações. Essa forma de pensar parece mero clichê, mas é uma verdade relevante que deve ser considerada a cada minuto que nos resta, a fim de não tornar vazia a vida, normalmente carregada de ocupações egocêntricas.

Caminhamos para o precipício da morte, talvez rumo a algo libertador ou a um lugar sem sentido algum. De qualquer modo, seguimos para além do horizonte. Portanto, sendo apenas um pouco racionais, devemos caminhar sentindo o brilho do sol, o brilho da lua e dizendo verdades com a devida parcimônia, para não causar guerras desnecessárias.

Entretanto, quando for fundamental dizê-las, que as verdades sejam ditas para ecoar ao longo da existência, e não permanecer escondidas na lacuna da covardia — nem que isso custe a guerra. Na paz ou na guerra, o tempo concedido deve ser vivido com glória no coração, uma vez que a matéria se esvai, mas os exemplos serão perpetuados para auxiliar aqueles que virão a traçar seus caminhos.

A existência proporciona um ciclo virtuoso de aprendizagem, oferecendo a cada vida a possibilidade de evoluir e ajudar a construir um universo melhor. Faça sua parte, mesmo não tendo todo o tempo do mundo.

Fragmento da obra *Ao Norte do Silêncio*.

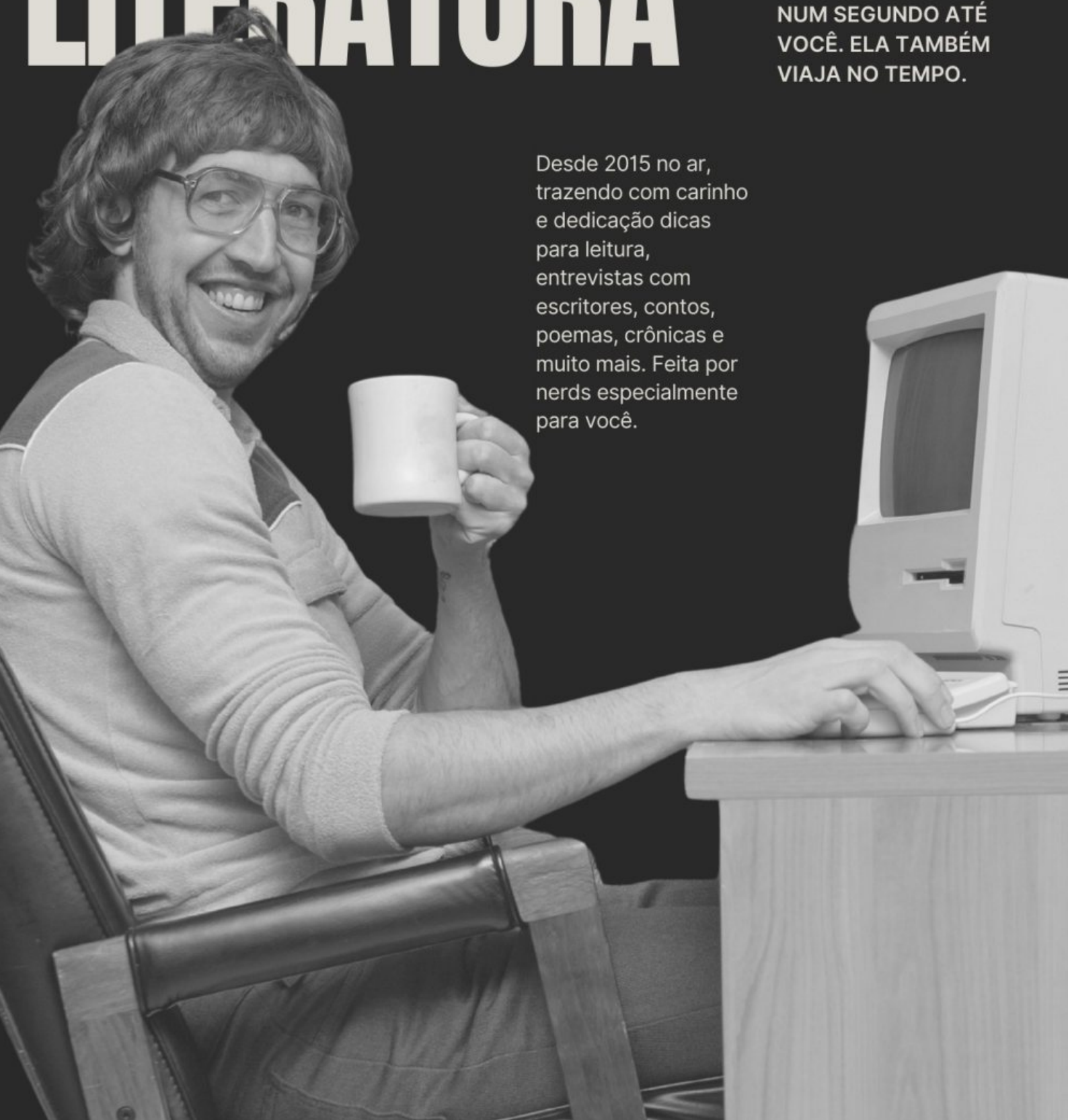


Fauno Mendonça nasceu em Goiânia, em 1968. Foi advogado e, atualmente, é servidor público federal no DF. Escreveu "A Busca dos Loucos", "Encontre-se", "D. e o Procurador", "Bragof" e "Ao Norte do Silêncio".

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

NOSSA REVISTA VIAJA
NUM SEGUNDO ATÉ
VOCÊ. ELA TAMBÉM
VIAJA NO TEMPO.

Desde 2015 no ar,
trazendo com carinho
e dedicação dicas
para leitura,
entrevistas com
escritores, contos,
poemas, crônicas e
muito mais. Feita por
nerds especialmente
para você.



Entre cartas e diários: neostalgia sem juvenoia

Por Clarissa Machado



Revista Conexão Literatura

SOBRE A AUTORA: Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução, Literaturas Brasileira e Inglesa, e Neurociências da Educação. Autora dos livros “Pelos Águas de São Lourenço”, “São Lourenço, Cidade da Gente”, “Buen(os) Aire(s)” e “A Voz de Nhá Chica”. É Mediadora de Leitura e ativista do Direito à Literatura, do Turismo Literário e da Cultura de Paz.

*“Nós não conhecemos nada senão as coisas que cativamos, disse a raposa.
Os homens não têm mais tempo para conhecer coisa alguma.
Eles compram coisas prontas nas mercearias.
Mas como os amigos não estão à venda, os homens não têm mais amigos.”
(Antoine de Saint-Exupéry, 1943)*

A virtualização da vida humana parece estar cansando muita gente, e não apenas a Geração X, mas também os *Millennials* que já sentem que o excesso digital, além de afastar as pessoas, provoca um vazio existencial sem precedentes, sobretudo, em virtude do apagamento dos rituais. E os rituais, como já dizia Antoine de Saint-Exupéry, em “O Pequeno Príncipe”, são verdadeiramente necessários, pois são eles que permitem a construção de vínculo entre os seres, sendo a base do “cativar”, ou seja, da conexão real:

“São necessários rituais. O que é um ritual? Disse o pequeno príncipe. É algo muito esquecido também, disse a raposa. É o que torna um dia diferente dos outros dias, uma hora diferente das outras horas. Há um ritual, por exemplo, entre meus caçadores. Eles dançam toda a quinta-feira com as moças do vilarejo. Logo, quinta-feira é um dia maravilhoso! Eu vou passear até a vinha. Se os caçadores dançassem a qualquer dia, os dias seriam todos iguais.”

Uma geração regularmente conectada a máquinas desconecta-se facilmente dos relacionamentos humanos e, conseqüentemente, das relações legítimas. Boa parte da população mundial já percebeu isso e deu um ou vários passos atrás, trocando *streamings* por vitrolas e *eBooks* por livros físicos, em um movimento de retorno especificamente à década de 80, não como simples nostalgia ou síndrome de juvenoia, e sim como uma estratégia de sobrevivência e preservação da massa cinzenta do cérebro.

*“Déjà vu! Eu vou te contar o que vamos fazer:
Vamos trazer tudo de volta, com vocês e de verdade
E eu sei que os anos passam,
Porém não há nada que não possamos rebobinar
E trazer aquele tempo de volta
O coração nunca muda
E, no fundo, ainda somos as mesmas crianças
Que éramos lá em 1989
Então, vamos trazer aquele tempo de volta.”*

Em 2022, a *boy band* estadunidense *New Kids On The Block*, juntamente com os *girl groups* *En Vogue* e *Salt-N-Pepa*, e o cantor britânico Rick Astley, lançou a canção *Bring Back The Time*, um convite a que voltemos à magia da “*década perdida*”, que para muitos, hoje, seria “*a década encontrada*”. *Boom de newstalgia (ou fauxstalgia)*? Com certeza, no entanto, pelo viés da ressignificação. Seja como for, vinil, *polaroid* e telefones fixos estão de volta, e pode-se dizer que, sim, tudo isso não deixa de ter algo de retrofuturista: o melhor do passado com o melhor do futuro.

E entre *reboots* e *remakes*: elas, as cartas, que recentemente, em Buenos Aires (CABA), ganharam um espaço oficial para “chamar de seu”, em que se resgata a escrita à mão e o envio de cartas “à moda antiga”, com direito a caixa postal pessoal: é o *Posdata Café Postal*, onde a experiência epistolar vai desde cartões-postais a cartas em envelopes lacrados com cera quente e marca de sinete.

A escrita de cartas foi um capítulo emocionante na vida da *Geração MTV* - os envelopes coloridos, os papéis de carta perfumados, selos comemorativos, e claro, a festejada *carta social*. Do mesmo modo, os diários eram uma febre e todos tinham o seu, muitas vezes improvisado em caderflex ou agenda, com ou sem cadeado, com ou sem código, muito bem escondido embaixo do colchão ou sob um tapete, com ou sem adesivos; mas sempre com centenas de histórias manuscritas decoradas com desenhos, colagens, bilhetes escritos em guardanapos, embalagens de bala e chiclete, ingressos de cinema e até mechas de cabelo: narrativas sobre sonhos, saudades, culpa, vergonha, medo, conquistas, arrependimento e dezenas de *wishlists*. O diário era um relato muito íntimo e personalizado, um bate-papo consigo mesmo, ou talvez com Deus. Era um amigo secreto, o *amigo certo das horas incertas*, um refúgio e um alívio; no final das contas, uma espécie de carta em monólogo: cartas para si mesmo ou equivalente.

*“Caminho ao longo do canal
Faço longas cartas pra ninguém
E o inverno no Leblon é quase glacial.”*

Tanto as cartas quanto os diários têm suas origens muito antigas na história da humanidade, constando, inclusive, na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, como nos casos das cartas paulinas, pastorais e gerais, e dos textos considerados diários, como os de Habacuque, Atos dos Apóstolos, 2 Timóteo e 2 e 3 João. Na atualidade, o retorno da escrita de cartas e diários constitui também o regresso de duas terapias literárias sumamente importantes para o desenvolvimento pessoal: a **Epistolaterapia** (Epistolary Therapy) e a **Diarioterapia** (Journal Therapy) que incorporam técnicas de *handwriting* (escrita cursiva), *storytelling* (contação de histórias) e *scripting* (roteirização), podendo empregar as abordagens da *Terapia de Imaginação Guiada*, e que são perfeitamente aplicáveis para propósitos de vida, cura e perdão, auxiliando em todos os tratamentos relacionados à saúde mental.

A Epistolaterapia pode ser desenvolvida por meio das conhecidas “cartas para mim mesma daqui a 20 anos” (Cartas para o Futuro) ou “cartas para a criança que eu fui” (Cartas para o Passado), o que, a princípio, pode parecer uma brincadeira ou *trend* bobinha; no entanto, estudos nas áreas de Neurociências, como os da professora Dra.

Virginia W. Berninger (Universidade de Washington), da Universidade de Ciência e Tecnologia da Noruega (NTNU) e da Universidade de Harvard, afirmam que escrever manualmente é um poderoso recurso no tratamento de várias enfermidades porque estimula o cérebro, razão pela qual ajuda na recuperação de pacientes com quadros de perda de memória, da fala ou de habilidades motoras finas. Em artigo publicado por Jeremy Nobel, em setembro de 2018, pela Harvard Medical School, defende-se que escrever, por exemplo, **Cartas de Gratidão** (Gratitude Letters) fortalece vínculos sociais e encoraja pensamentos positivos, reduzindo crises de ansiedade e a sensação de solidão. Em consonância com o assunto, se torna oportuno destacar as **Cartas de Perdão** (Forgiveness Letters ou Letters of Forgiveness), que tanto podem ser escritas para si mesmo (autoperdão) quanto para outras pessoas (mas sem o envio), e que possuem uma estrutura interessante conhecida como “Os 4 R's”: Responsabilidade, Remorso, Restauração e Renovação. De acordo com artigos do Journal of Psychology and Sociology, esse tipo de carta constitui um método poderoso para a resolução de conflitos, problemas emocionais e feridas silenciosas, podendo ser conjugado com um Treinamento para o Perdão (Forgiveness Training) ou um Programa de Educação para o Perdão (Forgiveness Education Program), a exemplo da pesquisa conduzida pelo Dr. Robert Enright no *International Forgiveness Institute*, em conjunto com a Universidade de Wisconsin-Madison.

“(Ele) *Eu sou apenas um ser humano*
De carne e osso, eu sou feito -
Um ser humano
Nascido para cometer erros
(Eu sou apenas um ser humano) humano
Por favor, me perdoe
 (Ela) *As lágrimas que choro não são lágrimas de dor*
São todas lágrimas para esconder minha culpa e vergonha
 Eu te perdoo, e agora eu peço o mesmo a você.”

No que tange à **Diarioterapia**, é de opinião inequívoca que sua prática intensifica sobremaneira o processo de desenvolvimento pessoal por sua ênfase em autorreflexão, autoconsciência, inteligência emocional e *Mindfulness*. O fato de abraçar vários subgêneros tais como Diário de Composições Musicais (Songwriting Journal, Songwriting Notebook, Lyric Journal), de Metas, de Sonhos, de Gratidão, de Emoções, de Viagens, de Memórias, de Perdão e de Propósito de Vida, possibilita imersões em autoconhecimento com o intuito de curar feridas invisíveis, de modo bastante semelhante às Cartas de Perdão. É que ao se despejar toda raiva, ira, rancor, mágoa, frustração, ódio, ressentimento e fúria no papel os níveis de cortisol e adrenalina gerados por esses sentimentos reprimidos baixam, e com isso, igualmente baixam a pressão arterial e a frequência cardíaca, tudo ao mesmo tempo em que se elevam os três hormônios do bem-estar: ocitocina, endorfina e serotonina.

A origem da maior parte das doenças está em bombardear o corpo diariamente com estresse, tensão, irritação e nervosismo. O ato da escrita como forma de escape evita o

desequilíbrio biológico gerado por emoções negativas sufocadas e ruminadas; logo evita que as pessoas adoçam. Neste sentido, escrever uma carta ou um diário pode ser um exercício catártico e empático, pois a partir de sua escrita e leitura podemos analisar friamente os acontecimentos e reinterpretá-los, em exercício de outramento, refletindo sobre as ações e reações de todos os envolvidos nos eventos, a fim de promover uma transformação pessoal enriquecedora e consolidar os fundamentos da Cultura de Paz (Manifesto 2000, UNESCO).

*“Querido Diário,
Ele escreveu algumas cartas à mão
Não foi difícil de entender, não, não, não
Eu imaginei que eu fazia parte
Dos planos dele.”*

Epistolaterapia e Diarioterapia podem ser colocadas em prática através de diferentes Escritas Criativas (Reflexiva, Sensível e Terapêutica), de Grafias Criativas (*Lettering, Scrapbooking Writing* e *Handwriting Dream Board*) e de Leituras Criativas (Afetiva, Expressiva ou Reflexiva). Sob esta perspectiva, faz-se necessário assinalar também duas outras ferramentas, gêneros que estão entre Carta (Literatura Epistolar) e Diário (Literatura Documental), quase sempre confundíveis, e considerados por alguns acadêmicos intercambiáveis como a Literatura Memorialística, mais precisamente as Memórias Literárias, que no campo das terapias recebe a nomenclatura de Terapia de Memória (Memoir Therapy ou Therapy of Memoir); e Literatura Biográfica que como o nome já indica concerne biografias ou autobiografias, que em terapias literárias formam a Terapia Autobiográfica (Autobiographical Therapy ou Autobiographical Therapeutic Performance); ambas recursos poderosos para quadros de Alzheimer, déficit de atenção e redução dos níveis de estresse.

Convém ponderar que as terapias literárias são uma vertente da Literatura Preventiva, portanto, devem ser conduzidas por profissionais licenciados em Letras, preferencialmente com cursos em Mediação de Leitura e Neurociências, os Literatoterapeutas (Literary Therapist) ou Aconselhadores em Terapias Literárias (Literary Therapy Counselor).

Por fim, esse retorno gradativo e ascendente à criatividade genuína, pensante, analógica e “humana” dos anos 80 e às suas práticas de escrita à mão funciona como um instrumento ousado e revolucionário em uma sociedade cada vez mais adoecida em que toda uma geração, por seus excessos tecnológicos, recebeu o título de *Brain Rot*.



AO NADA

POR FÁTIMA CORDEIRO

Somos breves nesta vida.
Lampejos de almas sofridas
Faíscas de luz
Que ao pó se reduz.
Ao nada estamos indo.
Uns chorando
Outros sorrindo
Alguns inteiros
Outros partidos!
Convém deixar sapatos
Roupas
Comida
Casas
Lá, teremos asas...

Fátima Cordeiro é natural de Rio Branco-AC. Pedagoga, psicanalista e arte-educadora. Possui quatro livros publicados: Sementes de Mostarda, A Menina Fez Carinho na Lua, A Louca do Orfanato e Romance Orgânico. Gosta de apresentar-se através de performances cênicas valorizando a leitura lúdica. Sempre que possível, colabora para o incentivo da leitura e da escrita em projetos literários sejam nas escolas, na comunidade ou grupos populares.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS CONTEMPORÂNEOS

VOL. VIII

Ademir Pascale - Organizador
VOLUME VIII

E-BOOK



poemas
contemporâneos

saiba mais: clique aqui

CANTO AOS CÉUS DO PINDORAMA

Por Sellma Luanny

Canto-vos agora... Tupã, Guaraci
e filhos da terra!... E enquanto
neste corpo, vida houver, cantarei.
E aos primeiros ancestrais, glória!

Canto-vos, oh pais, mães e irmãos
que já se foram ou ainda estão...
neste rico outrora puro solo
do agora maculado Pindorama!

E de todas as inimagináveis dimensões
vós que partistes... por nós, que
ainda navegamos em sujo mar
sem consistente alento... olhai!

Temos - entre outros - o vosso sangue
que nestes tempos de discórdia,
fortemente revigora estes corações
a clamarem por justiça respeito e paz.

Esta terra por tantos reivindicada!
Tantos que a verdadeira histórica luz
ignoram ou não enxergam... não por não
quererem... mas pela insana doutrina

que tem neste passado secular,
as vossas milenares sólidas raízes
tentado suprimir... e as minhas,
também... ao me permitir conhecer.

Nota de rodapé: Poema pelo Dia Nacional dos Povos Originários (19 de Abril, 2026).

Sobre Sellma Luanny: A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



CONHEÇA A ONG



CÃO SEM DONO



SÃO CENTENAS DE CÃES QUE AGUARDAM POR SUA AJUDA

SAIBA MAIS:

www.caosemdono.com.br



Série GARÇAS BRANCAS E EU



Sentada Espero

Por Sellma Luanny

Olho para fora... Na água escura
a evidência de um opaco amanhecer.
E vejo a primeira delas, sobrevoando
a superfície líquida... quase a tocá-la.

Ainda à espera... não me chega
aos olhos, nenhuma outra alvura.
Por aqui, estão em número reduzido.
Seguem para outras paragens.

O seu controle deslumbra-me...
Só andamos... e tropeçamos...
Elas andam, voam e mergulham
numa rotina de tempos imemoriais.





Série *GARÇAS BRANCAS E EU*



Não Exatamente

Por Sellma Luanny

Não é presunção nem só satisfação.
Desde que da sua presença
conhecimento tomei, sinto-me
ao seu destino, vinculada.

Não sou nada... nada posso alterar.
Da vida, pouquíssimo testemunho...
só o que pela minha visão, passa...
Mas nas minhas letras, documento.

Por mim como por outro qualquer
elas passam... mas sinto a conexão
entre todos... Se na minha visão,
não mais... uma seta para o nada?



Série GARÇAS BRANCAS E EU

Estações Inconstantes

Por Sellma Luanny

Na inconstância dos amanheceres
da intensidade da luz
de temperaturas flutuantes
a sua presença também oscila.

No meu testemunhar pela manhã
que clareia pouco e devagar, uma
primeira bela... uma segunda...
e uma terceira... suficientes para mim.

Até quando terei a satisfação de
o seu voo matinal, presenciar?
Nada mais irregular que os tempos
que sobre nós, estão a imperar.

E de repente, que bênção!
Nos céus, mais três lindas garças
na sua branca graciosidade,
destemidamente passam... e vão.



Série GARÇAS BRANCAS E EU



Alvorecendo

Por Sellma Luanny

SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Nota de rodapé: décima primeira parte da série GARÇAS BRANCAS E EU.

Pelos meus olhos,
sobrevoando
o raso curso d'água
a primeira delas, passa.

O seu dia
e a sua curta vida
no inabalável voar
renitente lida.

Não há luxo...
nem fartura
nem paredes
nem janelas.

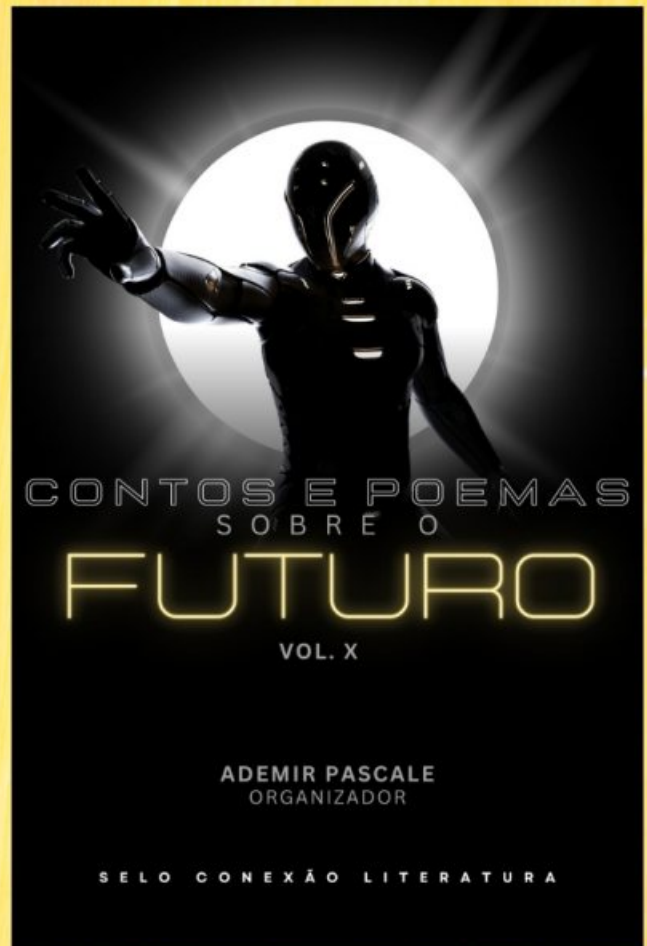
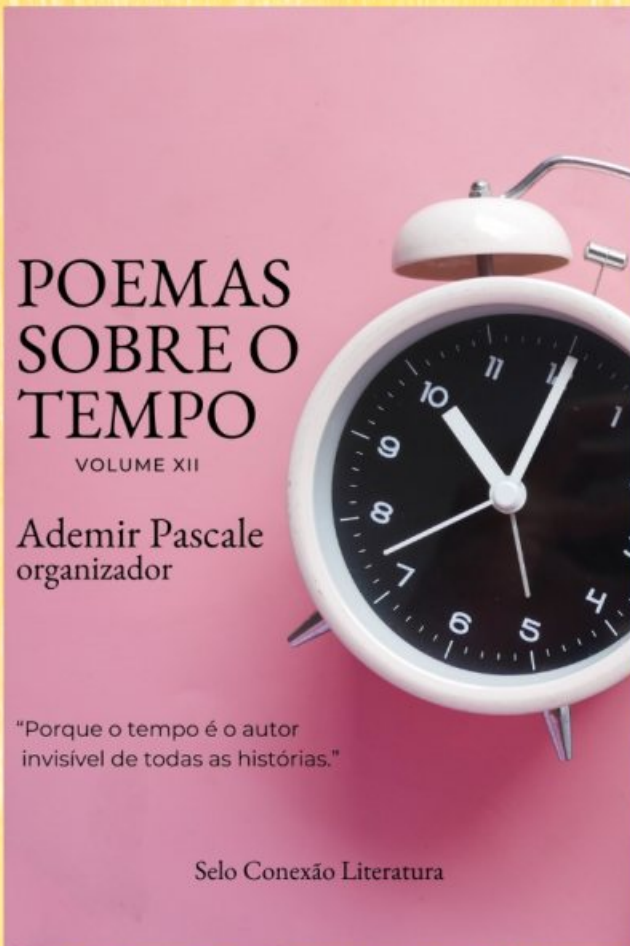
São observadas
ou admiradas com
receio... de vivas
não mais voltarem.

Os seus filhotes
delas dependentes.
Nestas frágeis aves,
toda a força do ser.



DICAS PARA LEITURA

Edição de Abril



“
POEMAS
SOBRE O TEMPO - VOL. XII,
REÚNE TEXTOS DE ALGUNS
DOS MELHORES AUTORES
NACIONAIS, COM
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR
PASCALE. O E-BOOK É
GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE
DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG
”

“
CONTOS E POEMAS SOBRE O
FUTURO - VOL. X, COM
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E
ESCRITOR ADEMIR
PASCALE, É UM E-BOOK
GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE
DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG
”

@revistaconexaoliteratura

An illustration of a diverse group of people in a library or bookstore. They are gathered around a table, reading and discussing books. The scene is warm and inviting, with bookshelves in the background and stacks of books in the foreground. The text is centered on a white banner hanging from the ceiling.

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO

MEU PEDIDO

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Amanheça
Amanhecer
Amanheça

Para que outra pessoa eu possa ser
Com aquele sorriso de felicidade na boca
Ao avesso de me colocar como uma pessoa louca

Amanheça
Amanhecer
Amanheça
Dê início à sequência
Com a exata providência
Ao total real prazer

Amanheça
Amanhecer
Amanheça
Ao seu colo a luminosidade do horizonte
Nada importando, ainda pequena, por atrás dos montes
Nem mesmo que, de mim, se compadeça

Amanheça
Amanhecer
Amanheça
Na bela caminhada
Sugerindo a única amada
Com gritos ao coração para que jamais ele, amor, me esqueça

Amanheça
Amanhecer
Amanheça
Chegue a alegrar tão árduo viver
Para no caminho correremos de mãos dadas
Olvidando adversidades da "passada" estrada

Amanheça
Amanhecer
Amanheça
Traga a felicidade para seu devido lugar
Com o raro sussurrar do assim amar
E que a saudade possa desaparecer

Amanheça
Amanhecer
Amanheça
Para que, afinal, outra pessoa eu possa ser
Com aquele sorriso de felicidade na boca
Ao avesso, de até, então, me colocar como uma pessoa louca

Amanhecer!
Amanheça...
Amanheça...

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Participo com Poemas, mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA em que fui a Capa da Revista 103, em janeiro de 2024. Bimestralmente, no Jornal JCP em Cruz Alta no Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários Projetos da Editora Colibri. No Projeto MUNDO(S), coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Iniciei na Edição 06 e, atualmente, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação participo como coautor nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA(S); ESCREVER BOCCAGE; ESCREVER FLORBELA ESPANCA e ESCREVER MÁRIO DE SÁ CARNEIRO.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, três Livros de Poemas com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ; ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... e, finalmente, um outro com o Título "PÉTALAS" AINDA COLORIDAS.

Seguiram-se dois outros Livros de Poemas, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, em Lisboa-Portugal com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, em Lisboa-Portugal, dois romances com os Títulos ARDENTE ENCONTRO e o outro com o Título SEIS MESES.

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu Poema publicado no Livro "VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA" Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa-Portugal, do Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO concedido em maio de 2022 pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA pela ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, em Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou acadêmico, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi inúmeras letras contando com a parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_ e-mail: mjgouvea@hotmail.com

Autor(a), conheça o
pacote
divulgação
para
escritores

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CANAL CONEXÃO NERD

1 MINUTO DE TERROR

COM

ADEMIR PASCALE

Ademir Pascale

Clique e assista ao
primeiro vídeo da série



www.youtube.com/conexaonerd




INTRODUZINDO O LIVRO-JOGO PELO

USO DO *TWINE*

Por Pedro Panhoca



Revista Conexão Literatura



De 7 a 14 de junho de 2022, foi ministrado o curso de extensão universitária internacional “Curso intensivo em pesquisa na área de Letras: línguas e literaturas no espaço lusófono”, organizado e coordenado pelos professores doutores Vicente Paulino (UNTL/Timor-Leste) e Regina Helena Pires de Brito (UPM/Brasil) e ministrado pelo professor doutor Alexandre Marcelo Bueno (UPM/Brasil), mestre Pedro Panhoca da Silva (aluno de doutorado da UPM/Brasil) e Pedro Augusto Silveira Zambom (mestre e secretário do programa de pós-graduação da UPM/Brasil).

O curso em questão foi organizado em duas partes: a primeira foi composta por três aulas, ministradas pelo professor doutor Alexandre Marcelo Bueno, cujo foco foi a linguística do português, enquanto a segunda, com outros três encontros, ministrada pelo mestre Pedro Panhoca da Silva, as literaturas de língua portuguesa. As aulas do curso foram ministradas em seis dias. Todos os encontros ocorreram no anfiteatro da Universidade Nacional Timor Lorosae, das 16:00 às 18:00. Os encontros de duas horas foram pensados para oferecer na primeira hora uma aula expositiva teórica, abrindo para perguntas e discussão com os alunos presentes na segunda hora. Em paralelo ao curso de língua e literatura, um curso voltado à organização acadêmica foi ministrado pelo mestre Pedro Augusto Silveira Zambom.

A aula que fecharia o curso foi pensada para ser mais interativa do que expositiva dialogada. Concluindo o curso, a aula intitulada “Múltiplos olhares sobre a lusofonia”. Definiu-se, aqui, como “lusofonia” a comunidade de países e povos que falam o português como língua materna ou não. Buscando pontos em comuns entre as culturas lusófonas, optou-se por trabalhar com folclore e literatura, visto que um dos muitos desafios para educadores contemporâneos é fazer seus alunos se interessarem pela leitura. Nesse ponto, textos que envolvem mitos e lendas podem ser atrativos para jovens leitores, e como estas culturas possuem seus textos orais próprios, pensa-se que pode ser proveitoso trabalhá-los em sala de aula, tanto como resgate ancestral como a compreensão dos próprios povos e seus valores. Ambos estão presentes em todas as comunidades, visto que

Metáfora e Mito possibilitam formas de estabelecimento de analogias entre entidades aparentemente tão distantes (como corpo humano, casa e cosmos, a título de exemplo), num jogo semântico de procura de alargamento das curtas fronteiras da significação literal, conseguindo que a palavra ganhe contornos de consagração, já que ligada ao religioso, à sacralização de lugares, objectos, animais, plantas ou pessoas (BARBOSA, 2014, p. 17).

Depois de abordar em aulas anteriores a noção de lusofonia e os desafios atuais, terminar o curso com propostas de solução e diversos exemplos de autores e textos a serem trabalhados pareceu uma boa ideia para a realidade timorense.

Procurou-se apresentar textos curtos e de fácil entendimento, pelo menos com um representante de cada país da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), visto que no Timor-Leste português e tétum são línguas oficiais, mas nem todos os habitantes ainda são fluentes em português ainda.

Levando em consideração que jovens timorenses, assim como outros jovens do mundo, por vezes possuem certa aversão à leitura e escrita em detrimento ao que é oferecido pela indústria do entretenimento diariamente, finalizou-se a aula com um exercício dinâmico: apresentar como a adaptação literária pode incentivar jovens leitores a se interessar por literatura, uma das muitas possibilidades para o engajamento de jovens desestimulados ou desinteressados, visto que a interatividade exige participação mais ativa dos envolvidos, diferente da leitura considerada “passiva” que consiste apenas em ler e reproduzir o que foi lido. Com isso, foi projetado no *software Twine* (KLIMAS, 2009) o esboço de *Ângela: a vingança transcontinental* (2022), o esboço de um livro-jogo lusófono baseado na obra *Angrid: romance oriental* (1938), de José Frederico Ferreira Martins (1874-1960).

Segundo Silva (2022), um livro-jogo é, como o próprio nome diz, um livro cuja narrativa não-sequencial é ramificada e exige a participação ativa do leitor-jogador no tocante às decisões de como a estória deve continuar. Essas escolhas dos rumos que a narrativa deve tomar acontecem quando as referências – como são conhecidos os minicapítulos – terminam, pois podem oferecer opções ao leitor-jogador sobre o que é possível ser feito em seguida. Além dessa narrativa ramificada, há a presença de um sistema de regras simplório, normalmente usando ficha de anotação e recursos de aleatoriedade padrão como rolamento de dados ou sorteio de cartas. Por fim, esse texto interativo deve conter mais de 50 páginas de extensão.

Se a leitura for feita de forma sequencial o texto não fará sentido algum, visto que as opções que o leitor-jogador possui são verificar a lata de lixo ou ignorá-la e seguir seu caminho. Há a possibilidade de ele encontrar algo útil na lata de lixo, como uma arma ou uma pista para sua missão, assim como alguma armadilha que o prejudicará. Somente aprendendo a consequência de suas tomadas de decisão é que ele saberá se sua escolha foi ou não sensata.

Livros-jogos ambientados na fantasia medieval-tolkieniana existem aos milhares, mas um tipo específico de livro-jogo tem voltado a crescer nos últimos anos: o livro-jogo literário. Ele é uma adaptação em formato interativo de textos canônicos, e atualmente possui uma curta produção anglófona pela série britânica *ACE Gamebooks*. Com isso, tentou-se iniciar uma produção lusófona a partir da publicação do esboço de *Ângela: a vingança transcontinental*, texto criado a partir do aplicativo *Twine*.

Sabendo que no Timor-Leste este tipo de literatura ainda inexistente, o propósito de apresentar *Ângela: a vingança transcontinental* aos alunos foi mostrar como o texto pode ser expandido em outras mídias e ser mais atrativo aos jovens leitores por se parecer, assim, com um jogo de *Role-playing Game* ou console, produtos do entretenimento muito apreciados pela faixa etária desses leitores. Além disso, a ideia de tomar as decisões pelo protagonista dá sensação de poder do leitor(-jogador) sobre o personagem principal. A insegurança em saber se fez uma escolha (in)sensata auxilia na imersão da narrativa, além de fazê-lo refletir nas ações escolhidas. O leitor-jogador, sabendo que em contatos posteriores com o livro-jogo poderá alterar suas escolhas e, assim, a própria narrativa faz do livro-jogo ser um texto com múltiplas estórias a serem exploradas em diferentes combinações. Por fim, atuando num texto já pré-construído, mas que precisa ser “terminado” por meio da interação entre o leitor e seu livro, quem detém um livro-jogo

em mãos pode se sentir como um coautor, visto que, de certa forma, é o leitor-jogador quem está construindo uma narrativa única através das escolhas que faz.

Foi feita uma sondagem sobre o conhecimento de livros-jogos, Mas nenhum participante sequer havia ouvido falar sobre ele. Depois disso, obra original e autor lusófono foram apresentados para contextualizar a aventura do livro-jogo. O livro-jogo *Ángela: a vingança transcontinental* foi projetado no *datashow* para que todos os participantes pudessem acompanhar a leitura lúdica e ficou decidido que as decisões seriam tomadas por votação da maioria. Infelizmente, os participantes não se engajaram durante a atividade. Os mediadores até removeram o sistema de jogo do exercício proposto (os leitores-jogadores passariam em todos os testes e venceriam todos os combates automaticamente) para se focar apenas na narrativa não-sequencial, mas ainda assim essa participação não ocorreu, pois os estudantes não entenderam o que de fato estava ocorrendo no momento e estavam familiarizados mais com leituras sequenciais, como textos científicos e literários. Mesmo quando alunos eram escolhidos aleatoriamente para tomarem as decisões tinham insegurança ou simplesmente não entendiam o que precisava ser feito. Uma prova desse fracasso de aplicação interativa pode ser percebido nas perguntas finais, mais focadas em adaptações de outros tipos (livros ilustrados ou traduzidos, por exemplo). No entanto, isso não significa que os participantes não se interessaram, mas que talvez não fosse o momento para lhes apresentar algo que, em seus contextos, pareceu inovador demais. Por receio de não terem entendido bem como funcionou a dinâmica do livro-jogo, eles preferiram não se envolver.

Como ação imediata, foram doados três exemplares da coleção *Fighting Fantasy*, a série pioneira de livros-jogos, em português para o acervo da pós-graduação da universidade. Mesmo sendo traduções anglófonas, estes livros-jogos possuem um sistema de rápida assimilação e está ao alcance de qualquer neófito. Acredita-se que entrar em contato com ele é conhecer uma nova possibilidade de impactar e atrair novos leitores(-jogadores) para algo diferente do que normalmente se encontra em bibliotecas, livrarias e espaços culturais. Para isso, uma oficina entre 8 e 12 horas de duração poderia melhor preparar os leitores-jogadores para os livros-jogos e textos semelhantes, apresentando aos participantes sua formação, primeiras manifestações, livros híbridos de menor ou maior complexidade, textos mais relevantes, textos mais contemporâneos e, quem sabe, a criação de pequenos textos interativos de própria autoria.

Com isso, conclui-se que nem mesmo um recurso tecnológico serviu para facilitar o interesse dos participantes por textos híbridos do tipo livro-jogo. Dessa forma, por enquanto, os participantes certamente não tentarão aplicá-los com seus alunos, já que pouco aproveitaram da oficina em questão. Uma nova aplicação, após realizado um *workshop* apenas para essa finalidade como o proposto anteriormente, poderia obter resultados mais positivos para, um dia, oferecer leituras de textos interativos a leitores que não se interessaram pelos textos sequenciais. Se um dia alguém desenvolver algo desse tipo no Timor-Leste, certamente será pioneiro.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Vítor José da Costa. Relatos fundacionais do imaginário timorense. 2014. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares) – Universidade Aberta (UA), Lisboa, 2014. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3642/1/TMEPM_VitorBarbosa.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.
- KLIMAS, Chris. *Twine*. [S.l.], 2009. 1 aplicativo. Plataformas: Linux, macOS, Windows, Navegadores da web (diversos).
- MARTINS, José Frederico Ferreira. *Angrid: romance oriental*. Porto: Civilização, 1938.
- SILVA, Pedro Panhoca da. *O livro-jogo e suas séries fundadoras*. 2019. 326 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019. Disponível em: <<https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/30956>>. Acesso em: 07 nov. 2022.



Pedro Panhoca da Silva é doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Era professor EBT*T visitante do IFSULDEMINAS/Pouso Alegre e atualmente atua na FATEC/Jacaré.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS SOBRE O UNIVERSO

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS
SOBRE

E-BOOK

O
UNIVERSO

Selo Conexão Literatura

saiba mais: clique aqui



Por Potiara Cremonese

A MEDICALIZAÇÃO DA educação

TDH é uma sigla que tem virado moda entre os diagnósticos médicos, principalmente em crianças e adolescentes em idade escolar. Mas até que ponto a potencialidade da infância pode ser considerada Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade? Seria base para diagnóstico a comparação com um padrão de comportamento que traz como resultado a medicalização da educação?

Este é, sem dúvida, um tema delicado, mas que precisa ser discutido entre família, comunidade escolar e médicos.

Quando éramos crianças, as brincadeiras, a agitação, a curiosidade e os joelhos ralados eram sinais de boa saúde, que não interferiam no ambiente escolar. A inquietude e a falta de atenção não eram um diagnóstico, mas uma condição que nos rendia alguns puxões de orelha em casa e algum castigo na escola, como escrever no caderno, repetidas vezes, o que não deveríamos fazer.

Hoje, comportamentos tidos como inadequados para a convivência escolar, o aprendizado e até mesmo o relacionamento entre crianças ou adolescentes com a família têm sido considerados transtornos.

Um colunista, autor de um artigo sobre o tema no jornal *Estado de Minas*, cita o filósofo e historiador Michel Foucault, que alerta, em sua obra, para o fato de que algumas questões estão sendo tratadas como distúrbios a fim de esconder problemas sociais e afetivos. Trata-se de um tema atual e preocupante, tendo em vista o aumento significativo desse tipo de diagnóstico, que, aliás, deixou de ser feito apenas por médicos.

Queixas por parte da escola, que, por sua vez, considera comportamentos diferentes entre os alunos como algo que foge às regras por ela estabelecidas, muitas vezes desconsideram fatores importantes que podem defini-los, como os de origem sociocultural, por exemplo. Isso pode ser entendido até mesmo como uma forma de discriminação, afinal, não é apenas nos tempos atuais que alguns alunos apresentam maior dificuldade de aprendizagem em relação aos demais.

A escola é um espaço de desenvolvimento e aprendizagem e tem, cada vez mais, se tornado um local de diagnóstico de transtorno de atenção e hiperatividade, além de incentivar o uso de medicamentos como a ritalina, que tem como princípio ativo o metilfenidato. Esse tipo de diagnóstico, segundo especialistas da área, tem sido rápido, vago e impreciso. Uma consulta de 30 minutos, em duas ou três sessões, já tem sido suficiente para a prescrição da medicação, e isso não deveria ser algo tão simples assim.

Uma investigação mais profunda é extremamente necessária para um diagnóstico mais preciso, com informações sobre o paciente desde o seu nascimento.

Trabalho há dez anos em uma farmácia pública, que dispõe de medicamentos especiais de forma gratuita para a população, e, nesse período, foi possível notar um aumento significativo desse tipo de diagnóstico e da prescrição de ritalina e outros medicamentos para essa patologia, inclusive cada vez mais cedo.

Outro fator importante que deve ser considerado é o ambiente familiar. Hoje, muitos pais não dispõem do tempo e da atenção necessários para seus filhos. Estão sempre muito ocupados e cada vez mais conectados, alguns colocando suas carreiras profissionais em primeiro plano, uma grande porcentagem muito ligada aos celulares, e qualquer atitude que chame a atenção por parte da criança ou do adolescente torna-se um incômodo. Dessa forma, acreditam que a medicação fará com que seus filhos tenham um melhor aprendizado e/ou que, com o uso do medicamento, terão mais sucesso em controlá-los e educá-los.

O que, de certa forma, responsabiliza totalmente o próprio indivíduo por seu comportamento e também por suas dificuldades, desconsiderando que esses tratamentos, a longo prazo, podem ser prejudiciais à saúde, causando até mesmo dependência. Além disso, efeitos tardios importantes devem ser avaliados, como o mascaramento de outros tipos de doenças, como ansiedade e síndrome do pânico.

Essa epidemia de diagnósticos de TDAH levou o Brasil a ocupar o segundo lugar entre os países com maior consumo de metilfenidato, com um crescimento de mais de 700% em dez anos.

A medicalização da educação tem se tornado uma cultura no Brasil, até mesmo para fins de comodidade dos pais.

Infelizmente, o que temos visto em nossa sociedade é a imposição de um modelo padronizado de comportamento, no qual não se aceitam as diferenças e as singularidades, em que os questionamentos devem ser evitados, além de trazer problemas sérios para o futuro dessas crianças, podendo causar baixa autoestima, oscilações de humor, impulsividade, entre outros.

Um país onde famílias oferecem o celular para acalmar e medicação para concentrar precisa se preocupar.

Não existe mais espaço de tempo para brincadeiras ao ar livre, para contar histórias ou ler um bom livro. Uma criança que brinca de forma mais agitada, que tem mais curiosidade, que quer se divertir com amigos ou com a própria família, pode correr o risco de ter uma infância saudável transformada em patologia, simplesmente por estar fora dos parâmetros sociais, mesmo estes sendo artificiais.

O uso indiscriminado desse tipo de medicamento pode gerar um efeito devastador para as futuras gerações.

O TDAH é uma patologia que afeta a vida de muitas pessoas, sejam crianças, adolescentes ou até mesmo adultos. No entanto, o que se observa é uma generalização desse tipo de diagnóstico e uma condenação a um futuro medicalizado, visto que o diagnóstico normalmente não vem acompanhado de um prazo determinado para a finalização do tratamento. Assim, o que se inicia ainda na infância pode se estender à vida adulta, quando o indivíduo passa a depender do uso de medicamentos para além da

escolarização, como no desempenho social e profissional. Trata-se de uma questão preocupante, podendo ser uma forma de intolerância e exclusão.

Segundo o colunista citado neste texto, o *Menino Maluquinho*, de Ziraldo, não seria aceito em nenhuma escola atualmente, o que representa um corte na criatividade infantil. Concordo plenamente com ele.



Sobre a autora Potiara Cremonese: resido em Santa Cruz do Sul - RS, sou casada, tenho uma filha e uma neta. Sou funcionária pública municipal. Escrevo desde a pandemia. Tenho 75 artigos publicados no jornal da cidade, um livro publicado em 2024, participei de mais de 40 antologias, com crônicas e poemas. Gosto de escrever sobre o cotidiano, abordando assuntos diversos e atuais. Em junho de 2025 criei a primeira biblioteca comunitária na comunidade onde moro. Acredito na leitura como fonte de transformação e na escrita como libertação.

A Noite

Por Eva M. Z. Griep

A Noite está calma,
Veste seu pijama de estrela
Com todo o esplendor.
Muita luz,
muito vento sussurrando no ouvido da lua,
que ilumina nossos sonhos.
A paz envolve o universo.
A Noite dorme seu sono, tranquilo e profundo.
Sonha com o amanhecer envolto em névoa.
Depois o sol surgirá, brilhando como ouro
em toda a sua grandeza.
E a noite irá dormir seu sono mais uma vez, em outro lugar.

Eva M. Z. Griep

Sou professora aposentada com ensino superior em Pedagogia. Gosto muito de ler e escrever. Sou muito curiosa e leio assuntos variados.



Revista Conexão Literatura

Meu Pé de Laranja Lima



“Meu pé de laranja lima era o meu melhor amigo, ele me entendia sem precisar de palavras.”

José Mauro de Vasconcelos
Meu Pé de Laranja Lima



Sensações

Jaff Silva

Quando, no dia a dia, a vejo

(Quando, no dia a dia, a vejo

Sinto um choque no cangote

Sinto um caroço na glote

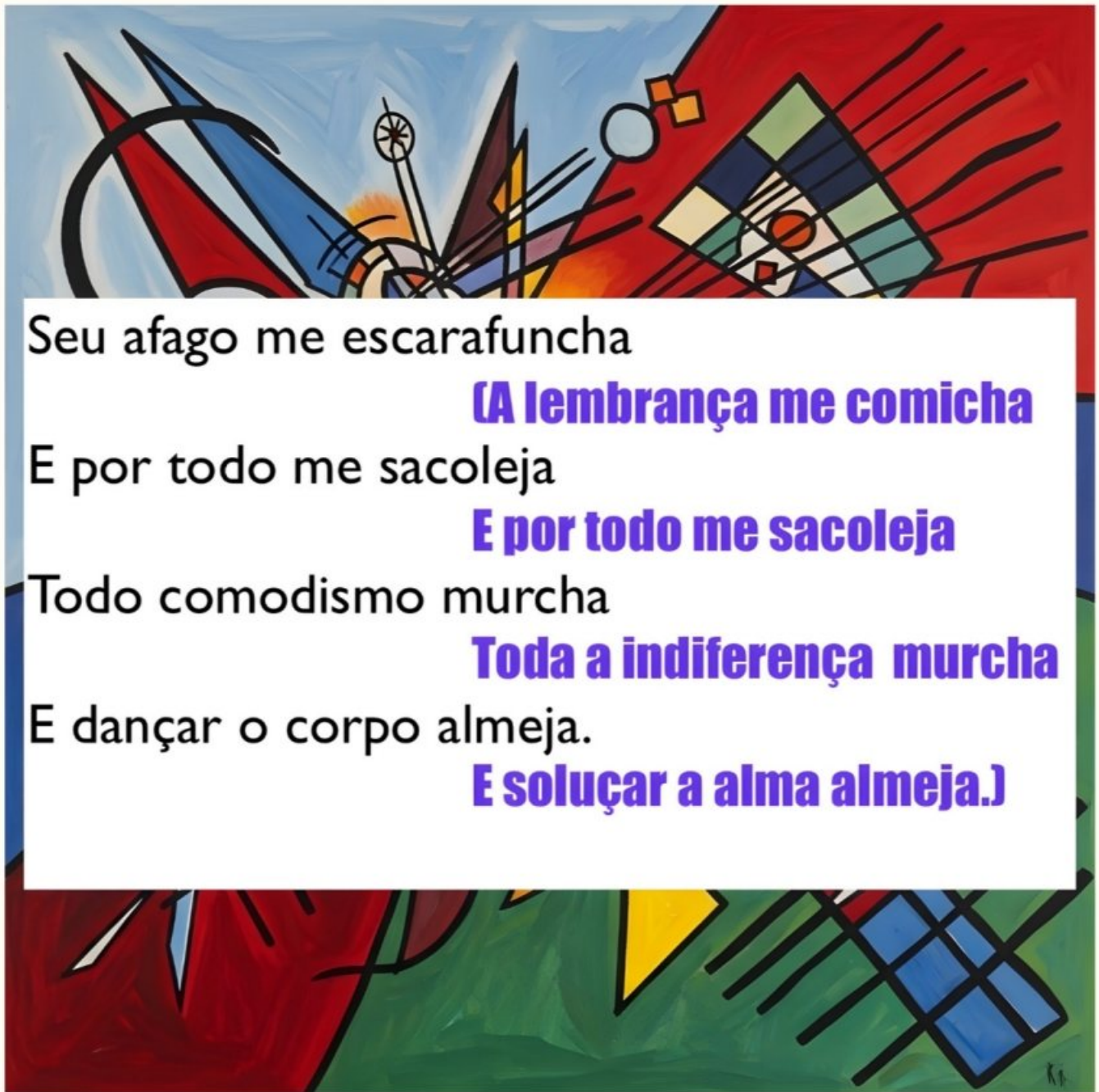
E uma melodia de realejo

E uma tristeza de realejo

Me arrepia e vira meu mote.

Me murcha e vira meu mote.)

@revistaconexaoliteratura



Seu afago me escarafuncha

(A lembrança me comicha

E por todo me sacoleja

E por todo me sacoleja

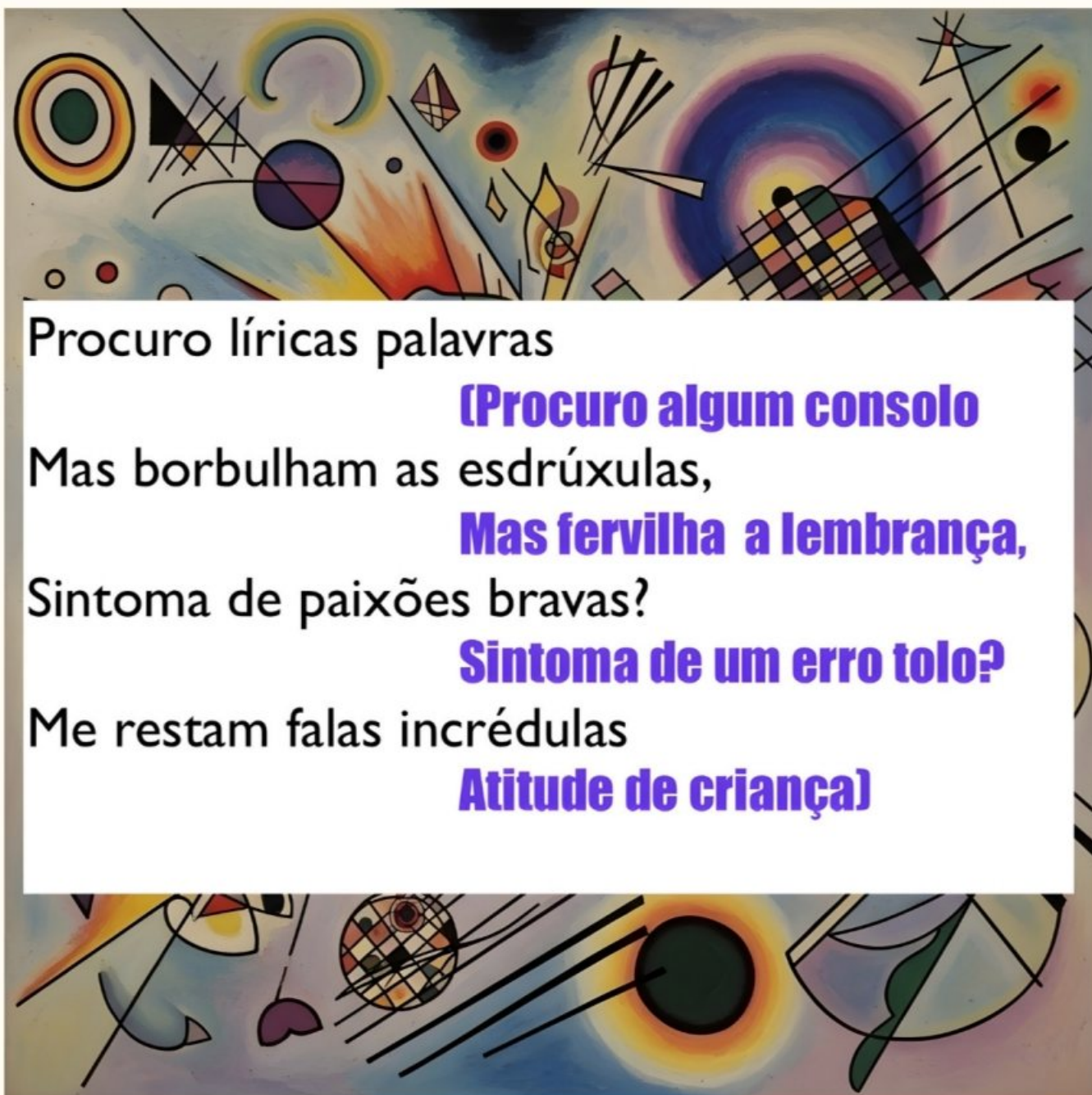
Todo comodismo murcha

Toda a indiferença murcha

E dançar o corpo almeja.

E soluçar a alma almeja.)

@revistaconexaoliteratura



Procuro líricas palavras

(Procuro algum consolo

Mas borbulham as esdrúxulas,

Mas ferve a lembrança,

Sintoma de paixões bravas?

Sintoma de um erro tolo?

Me restam falas incrédulas

Atitude de criança)

@revistaconexaoliteratura



Que travam na goela,

(Que hoje me congela.

E o corpo todo se retesa.

E o corpo todo se retesa

Neste prenúncio por ela,

Nesta saudade por ela.

Neste amor, nesta surpresa.

Deste amor, resta a tristeza.)



@revistaconexaoliteratura

JAFF SILVA

(pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).



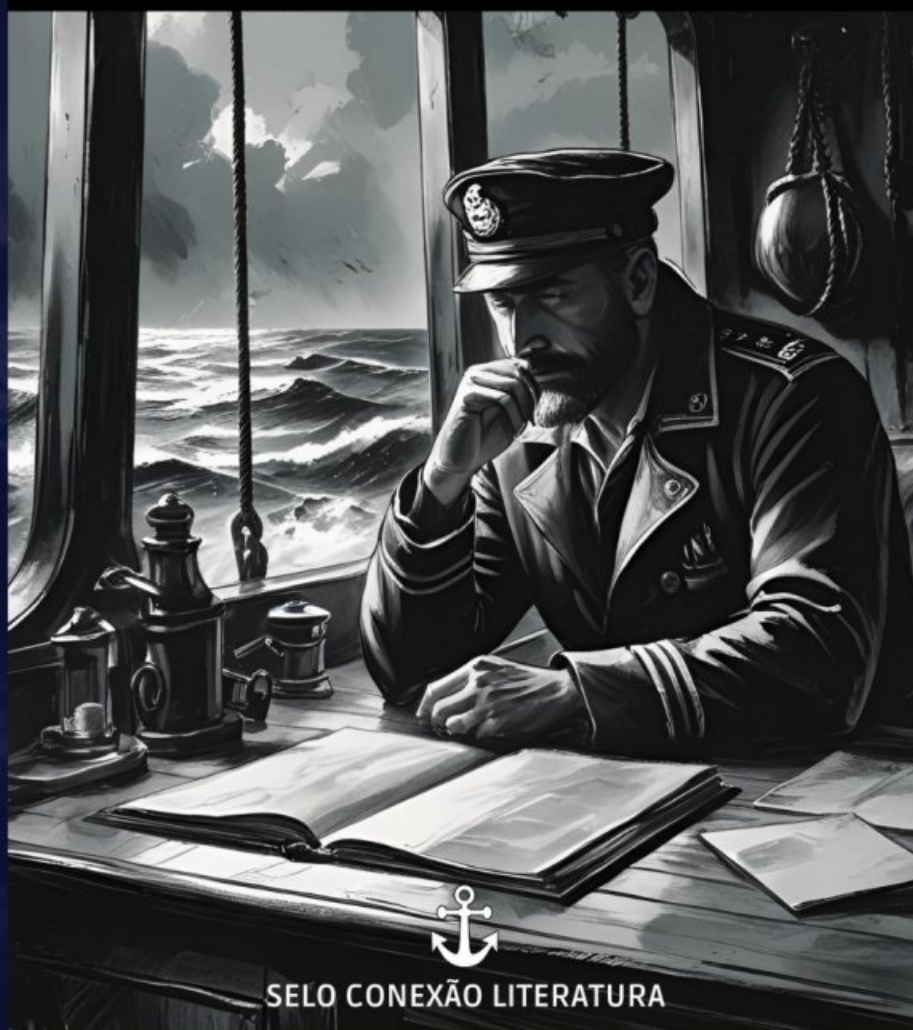
OUÇA A MÚSICA "SENSAÇÕES",
DE JAFF SILVA: **CLIQUE AQUI**



@revistaconexaoliteratura

A VOZ DO OCEANO

Por Roberto Schima



SELO CONEXÃO LITERATURA

A VOZ DO OCEANO POR ROBERTO SCHIMA

Um comandante de navio relembra a sua infância. Sempre foi um moleque que amava o mar. Vivia em um barraco e era filho único de um pescador e sua esposa. Desde pequeno fora apelidado de Ratinho. Era um menino bronzeado, cabelos pretos e encaracolados. O que mais gostava de fazer era caminhar pela praia a cata de "tesouros": conchas marinhas e o que mais achasse interessante. Um dia, uma forte tempestade se abateu sobre o lugar. A ventania causou estragos, e as ondas fortes trouxeram tudo quanto é tipo de destroços, principalmente restos de vegetação oriundos de um rio próximo. A mãe de Ratinho temeu pela sorte do marido, que saíra cedo de barco para pescar. Apesar da preocupação e da sujeira na praia, como o mar havia se acalmado, ela permitiu ao menino fazer o que mais gostava: explorar a praia. Foi quando ele viu, além de toda a sujeira, um grande emaranhado de detritos envolto por uma rede em frangalhos. E qual não foi o seu susto ao descobrir que, dentro dele, havia uma criatura misteriosa... E viva!

DOWNLOAD GRATUITO: [CLIQUE AQUI](#)

Ensinar com Amor **Por Adriano Rosa da Silva**

**Ensinar com amor não é gesto isolado,
é prática viva, é chão disputado.
É voz que resiste ao discurso imposto,
é corpo presente, é olhar bem-posto.**

**Amar, na escola, não nasce do acaso,
exige método, exige compasso.
Não basta o afeto solto no ar:
educar com amor é saber caminhar.**

**Pedagogia engajada não pede licença,
cria fissuras, cultiva presença.
Faz da sala espaço de oposição,
onde o saber enfrenta a dominação.**

**Pois amor sem doação pode até aquecer,
mas só o amor compromissado faz florescer.
É no coletivo, na ação consciente,
que ensinar e aprender seguem em frente.**

**Se desde a infância soubéssemos dizer
o que é amar, como amar, por que viver,
talvez fosse mais simples, no tempo adulto,
não confundir afeto com gesto oculto.**

**Chamam amor de nome, de substantivo,
mas amar é verbo, é ato ativo.
É prática diária, é decisão,
é escolha ética, é revolução.**

**Quando o amor vira ação transformadora,
a educação se faz libertadora.
Ensinar deixa de ser transmissão
e vira encontro, troca, construção.**

**O professor que crê no que faz
sabe que ensinar vai além do giz e do quadro atrás.
Não entrega conteúdos prontos ao vento,
mas cuida da alma, do saber em movimento.**

Respeitar o espírito, proteger o sentir,
é criar as condições para o aprender existir.
O saber profundo nasce do cuidado,
do vínculo humano, nunca do dado.

Quantas mestras e mestres, em silêncio,
romperam fronteiras com simples presença?
Creram nos alunos, negaram o rótulo
que os queria presos ao futuro insólito.

Não aceitaram a lógica fria e cruel
que vê na escola apenas papel.
Viraram farol, ponte, direção,
abrindo caminhos para a libertação.

Educar com amor exige igualdade:
direitos e deveres na mesma verdade.
Onde há abuso, medo ou opressão,
o amor não mora, não cria raiz, não.

Não há amor sem escuta sincera,
sem justiça viva, sem espera.
Não há amor no autoritarismo,
nem saber no silêncio imposto ao abismo.

A educação amorosa vê o ser inteiro:
corpo, mente e espírito em mesmo roteiro.
Não separa razão de emoção,
nem reduz o aluno à informação.

E quando o professor desperta o desejo
de um saber que cure o vazio e o despejo,
o aluno passa a querer aprender
o que faz sentido para viver e ser.

Não querem dados jogados ao chão,
querem pontes entre vida e lição.
Querem que o saber dialogue com o existir,
com a história que trazem ao ir e vir.

Ensinar com amor é, no fim, acreditar
que aprender é também se libertar.
É prática diária, é ato profundo:
mudar a escola para mudar o mundo.

Adriano Rosa da Silva é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

PARA SEMPRE

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR
VOL. X



E-BOOK

saiba mais: clique aqui

POR MÓNICA PALACIOS
ATÉ O FINAL DAS
TINTAS



Os avós sempre acham um jeitinho de nos agradar em tudo. São incríveis. Eles deveriam ser chamados de anjos, não de avós.

Nossos pais tiveram que viajar e, logo, chegaram os avós, cheios de sacolas e sacolinhas. Parece que não gostam de maletas.

Mas não podiam faltar os doces, aqueles chocolates deliciosos, caderninhos para desenhar, mais lápis de cor e aqueles que mancham até o que nem imaginamos. Tudo.

Eles foram ajeitando tudo no futuro quarto, nos abraçaram e anunciaram dias de muita alegria, amor e camaradagem. De fato, com eles, não temos dúvidas da felicidade desses dias.

Resolvemos brincar de “essa cor mudou para...”.

Os papéis eram pouco divertidos, então começamos a pintar nas paredes do nosso quarto. Ariel, como é mais alto, pintava o céu, os pássaros, as nuvens. Eu me divertia desenhando e pintando tudo ao redor da praça. Até pedi ajuda ao meu avô para desenhar um casal com um bebê, e ele os envolveu em notas musicais, porque disse que o pai do bebê cantava belas melodias para fazê-lo dormir.

Gente, foi ficando tão bonito... parecia mais uma fotografia. Cada um quis acrescentar um detalhe: mais flores, pássaros, nuvens altas e baixas, balões flutuando pela praça, como se alguma criança os tivesse deixado escapar.

O limite foi o final das tintas, porque, se dependesse de nós... teríamos criado um planeta.

Depois, aquele banho reconfortante, o jantar delicioso e dormir no quarto novo — nos sentíamos animados, sonhando que andávamos por essa nova paisagem.

O mais engraçado foi escutar a nossa vovó dizer ao avô que extrapolamos. Ele deu uma risadinha e disse que o quarto é nosso, que precisamos nos sentir à vontade.

Ele é demais. (Rsssssssssss)

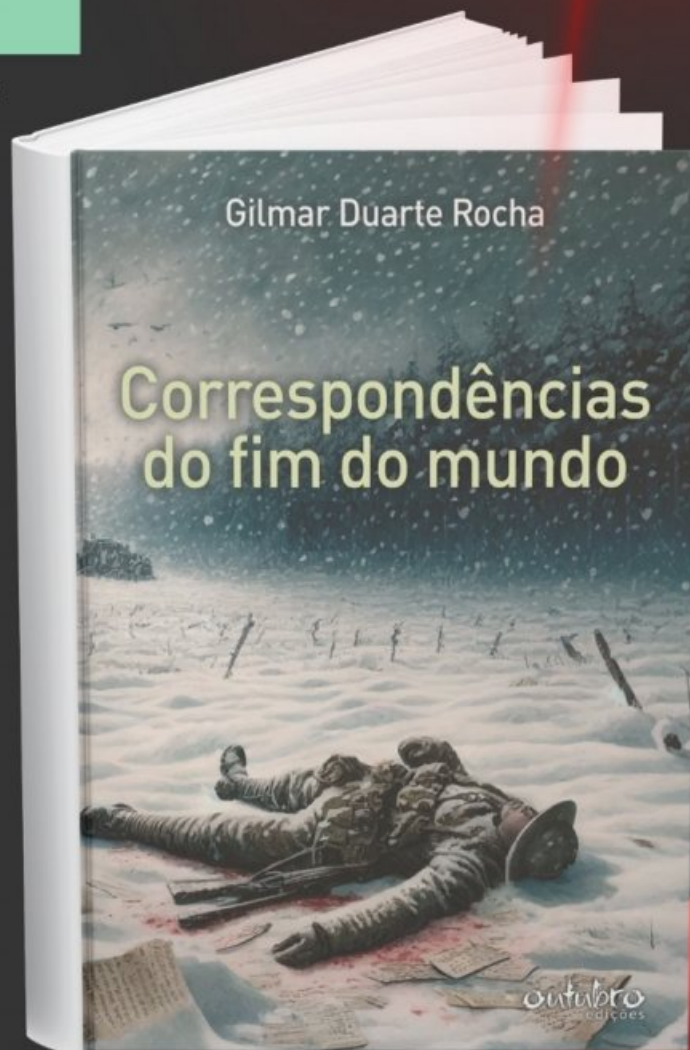
Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.



Correspondências do fim do mundo

Do Autor Gilmar Duarte Rocha

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminosa da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

<https://encurtador.com.br/DSRSw>



O BANQUETE DOS BICHOS

POR IVANA T. SOUZA

No banquete dos bichos, todos os convidados colaboraram segundo suas posses e, sobretudo, segundo sua vaidade e interesse.

O corvo, o anfitrião, ofereceu o bolo e fez questão de anunciar que o cortaria no momento solene, diante de todos.

O temido dragão levou uma toalha vermelha, grande demais para a mesa, mas perfeita para impressionar.

A astuta raposa trouxe porcelanas finíssimas, embora ninguém ousasse usá-las.

A águia visionária ficou responsável pelo menu, que descrevia pratos inalcançáveis.

O grande urso levou o vinho e a vodka, garantindo que não faltasse coragem para os discursos.

A pombinha mensageira apareceu por último, com frutas tropicais já um pouco amassadas pelo caminho.

Todos comeram e beberam até se fartarem, menos o corvo, ocupado demais contando elogios; para ele, a bajulação dos convidados foi o prato principal.



SOBRE A AUTORA:

Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina.

Atualmente reside em Joinville - SC.

Escreve contos, microcontos, poemas e poesias.

É esperantista.

Contato:

E-mail: ivana.souzat@gmail.com

Instagram: [ivana_souzat](https://www.instagram.com/ivana_souzat)





**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

A CASA DA BRUXA

VOL. VIII



E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

O UNIVERSALISMO EM CONTOS DE FADA

LOECY ROSA DAMASIO
Doutorado em Teoria da Literatura
(PUCRS)

MARINA SOLÉ PAGOT
Mestrado em Escrita Criativa (PUCRS)



RESUMO

Este estudo aborda, de maneira resumida, o universalismo nos contos de fada. Além disso, propõe uma discussão sobre a oralidade, o simbolismo e as influências deste gênero no público infantojuvenil. Este último aspecto, conforme as informações recolhidas no presente texto, comprova a peculiaridade do efeito desse gênero específico no público-alvo.

PALAVRAS-CHAVE: Universalismo; Contos de fada; Literatura infantojuvenil

Uma história de fadas não pode ser definida segundo seu *motif* ou assunto, mas segundo sua origem e função (...) Um verdadeiro conto de fadas popular não se origina no momento em que o estudioso de folclore o colige, mas ao ser contado por uma avó para seus netos ou por um membro da tribo ioruba a outros membros da tribo ioruba, ou por um contador profissional de histórias para seu público num café árabe. Um verdadeiro conto de fadas, um conto de fadas dentro de sua verdadeira função, existe dentro de um círculo de ouvintes... (CAPEK, *apud* WARNER, 1999:42)

Os contos, as lendas, as fábulas, as parábolas, narram, a partir de narrativas populares, os modos gerais do comportamento humano, considerando aspectos sociais, políticos, religiosos, psicológicos e linguísticos. Devido à curiosidade pela gramática histórica, os irmãos Grimm – também Andersen, Jacob, Wilhelm e Perrault¹ – colheram, por meio de pesquisas linguísticas, essas narrativas, isto é, os contos de fada, e se consagraram pela notável divulgação das lendas européias. Graças à essa divulgação, estudos posteriores afirmam que elas servem como *veículo* à representação de arquétipos humanos, concentrando em seu conteúdo o que podemos inferir como *verdades humanas*.

Perrault volta-se inteiramente para essa redescoberta da narrativa popular maravilhosa, com um duplo intuito: provar a *equivalência de valores* ou de “sabedoria” entre os Antigos greco-latinos e os Antigos nacionais, e, com esse material redescoberto, divertir as crianças, principalmente as meninas, orientando sua formação moral (COELHO, 1987:68).

Antes, precisamos considerar que, em sua origem, essas narrativas populares eram transmitidas, de modo geracional, por meio da *oralidade* que precedia a cultura *escrita*. Em tempos atuais, expressões como “composição oral”, “forma oral”, ou ainda, a diferenciação significativa entre *oralidade* e *oralismo*, referem-se a conceitos que ultrapassam a sua antiga associação às epopéias gregas. Compreende-se que tais expressões caracterizam sociedades que

prezam a comunicação oral e dispensam – ou restringem – o uso do código escrito. Além disso, manifestam uma forma de consciência expressada através da oralidade e/ou, *supostamente*, criada por ela.

Essa *equação da oralidade* assume forma, aqui, à medida de sua oposição à cultura escrita – fórmula da mente moderna. A cultura escrita, com seus graus de linguagem e de conhecimento expressos pela grafia, representa, assim, também uma condição social e um estágio mental. Portanto, ambas – a oralidade e a cultura escrita – podem ser tomadas pela individualização por sua contraposição, ainda que entrelaçadas nas sociedades, de modo que se constituiria um erro considerarmos a sua polarização como exclusividade mútua, afinal, dos grupos orais, derivaram as sociedades com cultura escrita. Há entre elas essa tensão de dimensão histórica e contemporânea.

O fato é que devemos lembrar de que existe, na experiência humana, a prioridade histórica da oralidade sobre a cultura escrita, a do ato sobre o conceito e a da memória sobre a criatividade. O primeiro registro² escrito de um conto de fadas data do século VII, a partir da transcrição de *Beowulf*, um poema épico anglo-saxão; por sua vez, as fadas surgem no século IX, em *Mabinogion*, uma obra céltica-gaulês.

Entretanto, para além das questões temporais, devemos nos ater à questão principal da discussão proposta: o que torna o conto de fadas um gênero propício às questões consideradas universais dentre os amplos aspectos da natureza humana, como se somente essas narrativas condensassem – por meio da *lição* em que são dispostas as *moraldades*³ das sociedades –, numa face única, todas as facetas de que se compõe o organismo da Humanidade?⁴

Para responder a essa questão, primeiro é importante resgatarmos a informação de que os contos de fadas, em sua composição original, não foram narrados considerando a atenção do público infantojuvenil⁵. Elas sofreram um declínio no século XVII, mas serviram para o entretenimento de camponeses em períodos inverniais da França, nos séculos XVIII e XIX, e seus contadores não amenizavam os efeitos de brutalidade⁶ dos relatos das narrativas maravilhosas⁷.

Demorou-se a estabelecer uma concepção de “infância”, assim como o reconhecimento do “ser-criança”. Até a Renascença, quando a infância passou a ser observada como estrutura social e condição psicológica (Postman, 1999), a criança era vista como um adulto em miniatura, com a urgência da maturidade para se tornar um cidadão ideal e produtivo.

Os contos de fadas surgiram de um lugar muito mais violento, além de serem repletos de simbolismo e valores conservadores de como agir em sociedade, a partir da época em que foram criados. Não se chamavam propriamente contos “de fadas”, mas contos *populares*, narrativas “de gerações de contadores variados, que dedicavam parte das longas noites do tempo em que não havia eletricidade para entreter a si mesmos e aos outros contando e ouvindo história” (Machado, 2002, p 69).

A maioria - ou quase todos -, em sua forma original, não seriam destinados à formação das crianças. Exemplo disso, é a narrativa da Bela Adormecida: o primeiro registro da história é de Giambattista Basile, no século XVII, sob título *Sol, Lua e Talia*, e resulta em um beijo de amor verdadeiro. A princesa é abandonada no castelo da família após ficar desacordada quando

uma farpa de linho entra sob sua unha. Um dia, o rei entra pela janela do castelo e, percebendo que está viva, abusa sexualmente dela, deixando-a grávida de gêmeos.

- De suas redescobertas, surge o primeiro núcleo da literatura infantil, *Contes de ma Mère l'Oye* (“Contos da Mamã Gansa”).

Depois de tantos anos, embora tenhamos inúmeras releituras dos contos de fadas - até as produções mais sombrias destinadas ao público adulto -, ainda existe uma relação direta dos contos com a literatura infantojuvenil. Desde os clássicos da Disney até as histórias antes de dormir, essas narrativas trabalham não apenas o imaginário, como também o subconsciente infanto-juvenil e sua relação com o mundo interno e externo. Não apenas fantasioso, mas também reflexivo: é assim que esse mundo se apresenta à criança e ao adolescente. Por meio do lúdico da contação de histórias, se torna possível comparar o real ao imaginário, e assim, construir novas aprendizagens (FILHO et al. 2011).

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 1980, p. 14).

Neles, o leitor entende os desejos e desafios que fazem parte da vida cotidiana. É a forma como a própria literatura se desenvolve: no clichê de *a vida imita a arte* ou *a arte imita a vida*, as criações se estabelecem como ferramentas de reflexão. Não é porque tal narrativa é ficcional que não podemos relacioná-la com imagens e situações do real. Essas histórias, segundo Bettelheim (1980), são resultado de um senso comum consciente e inconsciente, e é daí que adquirem um caráter universal.

Mesmo com aspectos mágicos e sobrenaturais, os contos de fadas nos colocam no cotidiano e no humano, por isso, conseguem atravessar diferentes faixas etárias, reconstituídos de geração em geração, mas que não modificam sua estrutura básica: a dicotomia entre o bem e o mal. Não só isso, mas os contos de fadas também admitem uma estrutura narrativa simples: um momento inicial atravessado por um conflito a ser solucionado pelo personagem principal que, então, tem sucesso no final e passa por uma transformação. As situações se colocam numa lógica esperada, solucionadas através da fantasia, desse lugar mágico que tomamos como verdade, numa transferência do real ao irreal, e que, com esse simples movimento, faz com que os contos de fadas atravessem gerações.

Reverberando em Coelho (2000), a magia e o encanto dessas criações estão no fato de que elas não falam à vida real, mas à vida como ela ainda pode ser vivida, apresentando situações humanas possíveis ou imagináveis. Nos

emocionamos com os contos de fadas por também “declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeiramente identidade.” (BETTELHEIM, 1980, p. 32).

- Conforme Mattar (2007).
- Lembramos que também existem as narrativas consideradas “amorais”. Contudo, essa é uma discussão para um outro contexto.
- Segundo Coelho (1987), ao citar as pesquisas de Perrault, essas narrativas carregavam “um duplo intuito: provar a equivalência de valores ou de “sabedoria” entre os Antigos greco-latinos e os Antigos nacionais, e, com esse material redescoberto, divertir as crianças, principalmente as meninas, orientando sua formação moral” (p. 68).
- CORSO & CORSO, 2006.
- Darnton, 1986.
- Também: narrativas populares maravilhosas, conforme classificação original.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. New York, Oxford University Press, 1962.

BETTELHEIM, B. A Psicanálise dos contos de fadas. Tradução Arlene Caetano. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COELHO, Nelly N. Literatura infantil. São Paulo: Moderna, 2000

COELHO, Nely Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

CORSO, Diana Lechtensteins; CORSO, Mario. *Fadas no céu, psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2006.

MACHADO, A. M. Como e porque ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro, editora: Objetiva, 2002

MATTAR, Regina Ribeiro. *Os contos de fadas e suas implicações na infância*. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2007.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999

WARNER, Marina. *Da fera à loba: sobre contos de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



Doutoranda em Letras, com ênfase em Teoria da Literatura, é editora, crítica e autora de 7 livros – entre eles, *O Nada ou A Caverna* (2024), *Ruínas de Purità* (2025) e *Akhenaton* (2026). Pesquisa o meta-signo como meio de eternização da humanidade.

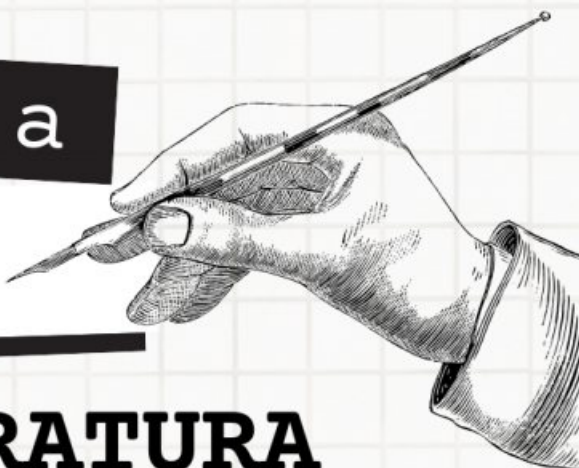
MARINA SOLÉ PAGOT

Mestre em Letras, com ênfase em Escrita Criativa, é autora de 5 livros – entre eles, *As Ruínas da Rainha* (2022). Pesquisa sobre processos de criação em narrativas longas e sobre as margens que tentam definir o que é “ser escritor”.

2026

Patrocine a

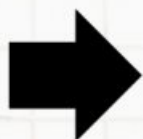
REVISTA



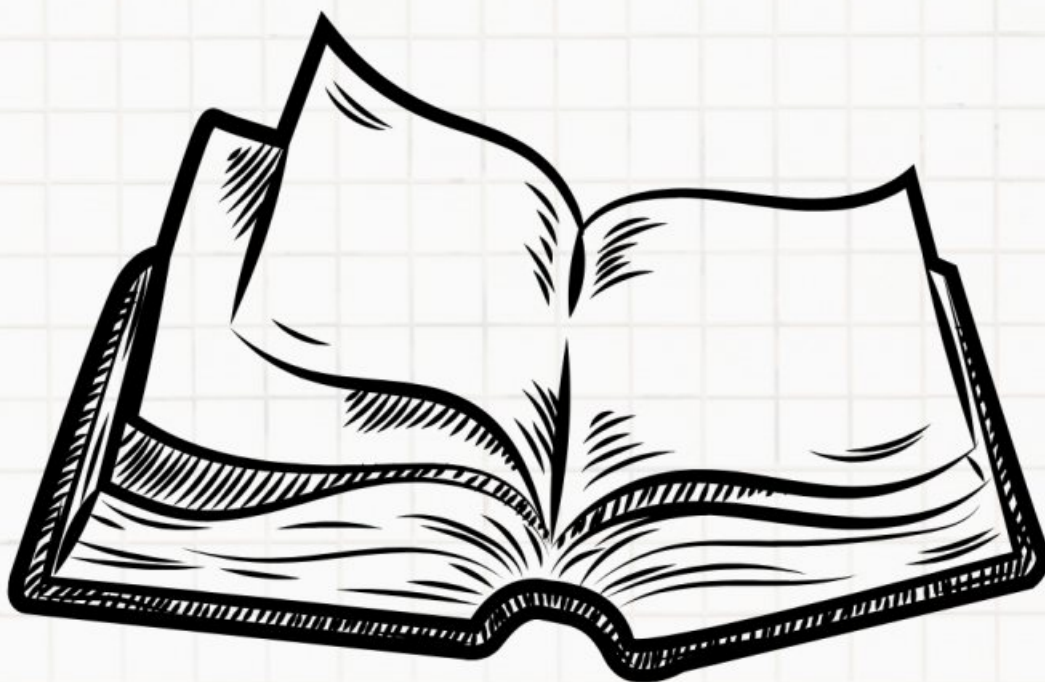
CONEXÃO LITERATURA

Editoras, livrarias, autores. etc., saibam como patrocinar a revista Conexão Literatura e ter a sua marca (site, produto) divulgado no site da revista, edições mensais e redes sociais, que somam mais de 1 milhão de seguidores.

SAIBA COMO:



CLIQUE AQUI



www.revistaconexaoliteratura.com.br



A ESTÉTICA DA ESCRIVIVÊNCIA E A CONDIÇÃO SOCIAL EM OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Por José Flávio da Paz*



Revista Conexão Literatura



1. Introdução e Contextualização da Obra

A publicação de *Olhos d'água* (2014) representa um marco de ruptura epistemológica no cânone literário brasileiro contemporâneo. Ao reunir contos germinados na resistência histórica da série *Cadernos Negros*, Conceição Evaristo consolida uma voz que subverte a subalternidade. A trajetória intelectual da autora, Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) é indissociável de sua estética: nascida em 1946 em uma favela mineira e tendo exercido o trabalho doméstico, Evaristo opera uma transição magistral do silenciamento imposto à consagração acadêmica. Sua obra não é apenas ficção; é o exercício de quem, tendo aprendido a "língua do senhor", utiliza-a para maldizer a opressão.

Conforme assevera Jurema Werneck na introdução da obra, essa autoria negra feminina reconfigura arquétipos clássicos:

"Neste livro encontrei outra vez Caliban ocupado em muitas subversões. Era Iyalodê, a que fala pelas mulheres que não podem falar, contando, dizendo, amaldiçoando. Era Oxum, às portas da casa de Oxalá, amaldiçoando a pobreza e a injustiça que recaía sobre as mulheres. E crescendo em força e poder, transformando-se na dona de toda a riqueza..."

2. O Conceito Teórico de "Escrevivência"

O pilar teórico da produção de Evaristo é a "escrevivência". O conceito transcende a mera autoficção ao postular uma escrita que se nutre da experiência de vida da autora em simbiose com a memória coletiva afro-brasileira. Não se trata de um relato passivo, mas de um ato político de apropriação do mundo através da palavra.

Os elementos estruturantes da "escrevivência" presentes na fonte incluem:

- **Fatos reais:** Narrativas ancoradas em vivências concretas em periferias, favelas e zonas de exclusão.
- **Reflexões sobre problemas genuínos:** A abordagem crua de dilemas existenciais, sociais e sexuais, desprovida de idealizações românticas.
- **Busca por dignidade:** A literatura como ferramenta de luta pela humanidade e pela felicidade dos marginalizados.
- **Nommo e apropriação:** O uso do *axé* da palavra para nomear a própria realidade, transformando o sujeito de "mero ouvinte" em protagonista da ação.

3. ANÁLISE TEMÁTICA I: VIOLÊNCIA URBANA E EXCLUSÃO SOCIAL

Em *Olhos d'água*, a violência e a pobreza estrutural não são panos de fundo, mas agentes que determinam a "morte que chega breve". A estética de Evaristo revela vidas que, conforme o lamento de uma personagem no conto "A Gente combinamos de não

morrer" — utilizado por Heloisa Toller Gomes em seu comentário crítico —, foram sempre *"costuradas com fios de ferro"*.

No conto "Ana Davenga", o desfecho trágico ilustra a precariedade do corpo negro diante do Estado: a personagem morre metralhada em sua cama, tentando proteger com as mãos o filho ainda em gestação. Em "Maria", a violência assume um caráter social e coletivo. A ironia trágica reside no fato de Maria ser linchada por passageiros de um ônibus após um reencontro melancólico com o pai de seu primeiro filho, de quem ouviu um sussurrado pedido de carinho para a criança. Ela é assassinada carregando uma mensagem de amor, pisoteada pelo ódio racial que a rotula como "negra safada".

Tipo de Violência	Exemplificação na Obra	Contexto do Desfecho
Violência do Estado	Repressão e execução em "Ana Davenga".	Invasão do quartel-general por policiais; metralhamento do casal em um momento de intimidade.
Violência Social/Coletiva	Linchamento popular no conto "Maria".	Ódio cego dos passageiros que, diante de um assalto, elegem a mulher negra como cúmplice, dilacerando-a fisicamente.

4. Análise Temática II: Maternidade, Corpo e Ancestralidade

A maternidade na obra é um campo de tensões entre a ancestralidade sagrada e a crueza da sobrevivência. No conto homônimo "Olhos d'água", a busca pela cor dos olhos da mãe evoca a ligação espiritual com as Yabás, especificamente Mamãe Oxum. A ancestralidade é apresentada como uma linhagem de mulheres que, desde a África, vêm "arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue".

O contraste entre as formas de maternar é evidente:

- **Maternidade Ancestral:** A epifania da narradora ao reconhecer a profundidade do rio caudaloso na face materna: *"A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum!"*.

- **Maternidade do Estorvo:** Em "Quantos filhos Natalina teve?", observamos as "barrigas odiadas" — gestações que são frutos de necessidades ou descuidos, onde o feto é sentido como uma coisa que "estufa" o corpo, até que a quarta gravidez, desejada e "só sua", rompe o ciclo do ódio.

5. A Perspectiva de Gênero: A Mulher Negra como Sujeito

A obra opera uma subversão do mito de Caliban; as mulheres de Evaristo não apenas aprendem a língua de Próspero, mas a utilizam para desestabilizar as regras do jogo. Elas deixam de ser figurantes para se tornarem "corpo presente".

Três personagens exemplificam essa pluralidade de "estar no mundo":

- **Luamanda:** Representa a autonomia erótica e a liberdade, sendo o sujeito de seus próprios prazeres em um mundo que tenta objetificá-la.

- **Cida:** Simboliza a ruptura com a precariedade; seu *cooper* é o enfrentamento direto com o "corre-corre" da vida, equilibrando-se na "frágil vara" que é a "corda bamba do tempo".
- **Duzu-Querença:** Personifica a resistência contra a "prohibition of suffering" (proibição do sofrer). Habituada à morte e à perda (como a de seu neto Tático, morto aos 13 anos), Duzu utiliza o delírio e a fantasia de carnaval como um "voo" necessário para transcender uma realidade que lhe nega a dignidade.

6. Aplicabilidade no Ensino e Estudos Culturais

A inserção de *Olhos d'água* em contextos pedagógicos é imperativa para a implementação de uma educação das relações étnico-raciais que contemple o poder do *Nommo* — a palavra que faz existir.

Recomendações Pedagógicas:

- **Representação da Pobreza:** Analisar a condição social das personagens evitando "sentimentalismos facilitadores", focando na tessitura poética que expõe a fome e a exclusão sem desumanizar o sujeito.
- **Complexidade das Masculinidades Negras:** Discutir personagens como Davenga, que embora seja o "próprio diabo" quando provocado, possui um "coração de Deus" e tem seu "prazer banhado em lágrimas", humanizando o homem negro para além do estereótipo da criminalidade.
- **Literatura e Direitos Humanos:** Utilizar contos como "Maria" e "A gente combinamos de não morrer" para debater o preconceito institucional e a vulnerabilidade ontológica da população negra.

7. Conclusão: A Vitória Humana sobre a Morte

Olhos d'água é, em última análise, um estilhaçar ficcional que espelha a precariedade social, mas que se recusa a sucumbir a ela. Conceição Evaristo transforma o "sangrar" da escrita em uma forma de preservação. Através da persistente costura da ficção, a obra celebra a resistência da comunidade afro-brasileira.

Como pontua Heloisa Toller Gomes no prefácio, a obra é o registro da: "...tenaz vitória humana, a cada geração, sobre a morte."

8. Referências

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018. 124 p. ISBN: 978-85-67751-08-5.

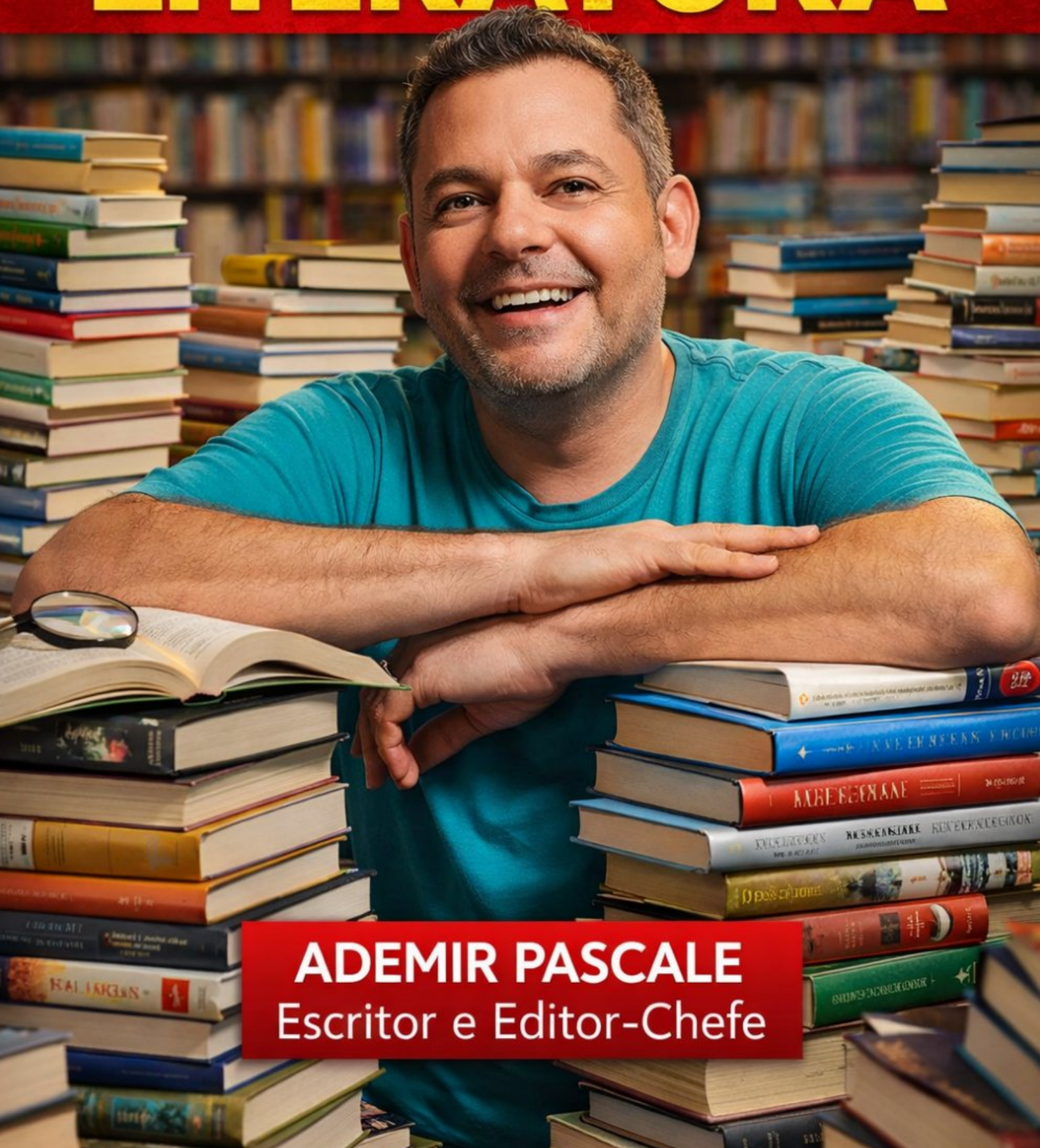


SOBRE O AUTOR:

* **José Flávio da Paz** é Pós-Doutor em Psicologia-UFLO, Argentina; Pós-doutor em Ensino de Ciências e Humanidades-UFAM, Brasil; Pós-doutorando em Educação-UniLogos, EUA; Doutor em Estudos Literários-UNEMAT; Mestre em Letras-UNIMAR; Mestre em Estudos Literários-UNIR; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira-FAIARA; Cultura e Literatura-UCAM, Língua, Linguística e Literatura-FBMG, Teoria da Literatura e Produção de Texto-FBMG, Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho-UFPI, entre outras nas áreas das Artes e das Humanidades; Bacharel em Letras-UFSC, Licenciado em Letras: Português e Espanhol-UniCV; Letras: Português e Inglês-IPEMIG; Pedagogia-UniCV, Educação Especial-IPEMIG e habilitado para o Ensino de Língua Portuguesa-UNIFAP. Membro da Academia de Letras, Ciências e Artes da Amazônia Brasileira-ALCAAB; Academia Independente de Letras-AIL; Academia de Letras do Brasil-ALB; Academia de Letras de São Pedro da Aldeia-ALSPA; Paladinus Literary da Ordem Literária Scriptorium e Castelo João Capão. Doutor Honoris Causa em Literatura, pelo Centro Samathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos; Doutor Honoris Causa em Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural; e Doutor Honoris Causa em Direitos Sociais e Humanidades, ambos pelo Instituto Baronesa de Ensino e Desenvolvimento Humano; recebeu a Cruz do Mérito Acadêmico e Profissional na área de Literatura, Cruz do Reconhecimento do Mérito da Educação e Cruz do Mérito da Amazônia, todos pela Academia de Ciências e Artes da Câmara Brasileira de Cultura. Recebeu o Título Honorífico de Cidadão de Macapá da Câmara Municipal de Macapá. Atualmente é Diretor do Centro Cultural, Educacional e Tecnológico para a Paz-FAPAZ; Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri-PPGL/URCA; Professor Associado (PRO BONO) da Logos University International-UniLogos (EUA); Docente da Faculdade Metropolitana Norte-Riograndense-FAMEN e Faculdade Fasipe Sorriso. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Transformadora em Educação-FAMEN/CNPq (Coordenador da Linha: Práticas de Ensino em Linguagens) e Membro do Grupo de Pesquisa Brasil, Cabo Verde: Literatura, Educação e História-UERJ/CNPq (Linha: Literatura, história e cultura). CV: <https://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: jfp1971@gmail.com.

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA



ADEMIR PASCALE
Escritor e Editor-Chefe

A HORA DE SEU RETORNO

Por Flavio Joppert

“O que esperas a essa hora vampiro? Desejo a fraternidade com minha amada.”



Oh! Meu amor
procura a paixão
quente do coração
suave em flor.

Ou nas sombras
um fantasma
que das sobras
remói a vida.

Tua volta feliz
com o brilho
d'augusta luz
me castiga horas.

Erra a morte solitária
vivendo cativa
entre mundos
do tempo afetivo.

Vagar a noite
numa dimensão
de estelar ponteiros
do destino sublimação.

Minha alma soubesse
em qual estrela
o destino escreva
que te amar desse.

Antes a magia
que vampiro seja
e sincero desejo
ao amar reverte.

O vazia eterno
de luz distante
de astros etéreos
e existir delirante.

“Ela é sua cabritinha da qual chupava o sangue? Ela é mais que isso, é minha amiga que de magia eu alimentava.”

DO MENESTREL FEUDAL

Por Flavio Joppert



**D' vassallos e suseranos
Suseranos de vassallos
Vassallos de suseranos
Suseranos e os vassallos**




Foto: Flavio na
Niteroiense de Letras

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Ardente

Por Roberto Ferrari - Poeta e Escritor

Amo-te querida
E sei que tu me amas
Na mesma intensidade
No mesmo furor
Vivo com ti este sonho 
Interminável, paradisíaco
Sempre em meu delírio ardente.

Quis viver estas noites a teu lado
Por esses tórridos momentos de amor!
Ser amado por ti, pelo teu olhar, a tua boca
A me falar palavras que só o amor entende!
Em teus olhos mergulhar com os meus
Sentir em mim tua alma, ter só vida
Para te amar e amar sempre.

Ver nossas jornadas quais dois rios
Que caminham em direção ao mar
E juntos viveremos um amor
Maior que a imensidão do oceano.

Beijar teus dedos, teu corpo, tua boca
Em delírio insano, perdendo a razão
Nossas almas unidas, nosso aconchego
Um eterno amor, um desejo infinito
A perfeita declaração que traduz
A minha, a tua, a nossa paixão!



Roberto Ferrari nasceu em São Paulo no ano de 1957, e aos 54 anos de idade resolveu seguir sua real vocação: Escrever. Roberto Ferrari iniciou sua carreira literária em 2011 e já publicou diversos livros. Neste ano de 2026 estreará sua peça de teatro Gaslighting - Faces do Amor, começando sua carreira de dramaturgo.



LITERATURA, HISTÓRIA E SOCIEDADE: AS MARCAS DA RESISTÊNCIA E DA VIOLÊNCIA NO TECIDO POÉTICO

Por José Flávio da Paz*

RESUMO

O presente trabalho analisa as interconexões entre literatura, história e sociedade a partir das obras de Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e Marcelino Freire. A fundamentação teórica sustenta que o texto literário não é apenas um artefato estético, mas uma representação crítica das tensões sociais e um instrumento fundamental de resistência ética. No conto "Da Paz", de Marcelino Freire, discute-se a denúncia de uma paz institucionalizada e seletiva que ignora a realidade violenta e o luto dos sujeitos periféricos. A análise do poema "A flor e a náusea", de Drummond, revela o lirismo social como uma resposta necessária aos horrores da Segunda Guerra Mundial e da ditadura do Estado Novo no Brasil. Já na obra de Clarice Lispector, especificamente no conto "A solução", observa-se a desconstrução do cotidiano alienado e a marginalização do afeto através da apropriação irônica da estrutura da notícia policial. Conclui-se que o ensino desses textos na Educação Básica é de extrema importância para promover a educação literária, o letramento literário, a formação de sujeitos críticos e o equilíbrio social por meio da humanização.

Palavras-chave: Literatura e sociedade; Resistência ética; Carlos Drummond de Andrade; Marcelino Freire; Clarice Lispector; Letramento Literário.

1. Introdução

A literatura, em sua essência, constitui-se como um dos pilares da formação humana e do equilíbrio social. Segundo o crítico Antonio Candido, a literatura é uma necessidade universal, comparável ao sonho: assim como não há equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, não há equilíbrio social sem a literatura. Esta função humanizadora torna-se ainda mais urgente quando o texto literário se propõe a ser o palco de tensões sociais, dando voz a sujeitos invisibilizados ou traduzindo as agonias de "épocas sombrias". Ao analisarmos o conto "Da Paz", de Marcelino Freire, o poema "A flor e a náusea", de Carlos Drummond de Andrade, e o conto "A solução", de Clarice Lispector, percebemos que a literatura atua como uma ferramenta de denúncia e de reconstrução da realidade, operando o que Candido chama de "forma orgânica", onde o externo (o social) se torna interno (a estrutura da obra).

2. A Dualidade da Paz e a Voz da Periferia em Marcelino Freire

A produção contemporânea de Marcelino Freire destaca-se pelo emprego de uma oralidade rítmica que recorda a literatura de cordel e dá vida a personagens marginalizados: prostitutas, pobres e esquecidos. No conto "Da Paz", Freire encena o discurso de uma mulher que, mergulhada na dor da perda de seu filho assassinado, recusa-se a aderir a movimentos institucionais pela paz. A tensão central do texto reside na negação de uma "paz branca" e seletiva, que circula nos discursos oficiais e na mídia, mas que não alcança os "tanques" da periferia.

A personagem de Freire desconstrói a imagem idílica da paz, revelando sua face excludente e segregadora. Como aponta Rafael Duarte (2020), a narrativa coloca em

xeque uma paz institucionalizada que ignora o luto das mães do morro enquanto celebra passeatas no asfalto. A força desse discurso é captada na seguinte passagem do conto:

Não visto camiseta nenhuma não, senhor. Não solto pomba nenhuma não, senhor. Não venha me pedir pra eu chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça. Uma desgraça. Carregar essa rosa. Boba na mão. Nada a ver. Vou não. Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar. Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão. A paz não resolve nada (Freire, 2008, p. 25 apud Duarte, 2020, p. 215).

Neste trecho, a negação sistemática revela a heterogeneidade enunciativa: o "não" da protagonista é uma resposta ao discurso opressor que exige dela uma conformidade estética com a dor midiática. Para essa mãe, a paz é personificada como uma "madame" — uma senhora branca que nunca olhou em sua cara e que habita espaços sociais privilegiados. A paz, portanto, não mora no "pedaço" (o morro), mas "lá" (o asfalto), e sua manutenção histórica muitas vezes exigiu o derramamento de sangue negro para se manter "branca".

3. Drummond e a Resistência Ética em Tempos de Náusea

Se Marcelino Freire escreve sob a violência urbana atual, Carlos Drummond de Andrade, em seu livro *A Rosa do Povo* (1945), captou as dores coletivas de um mundo assolado pela Segunda Guerra Mundial e pelo Estado Novo no Brasil. O poema "A flor e a náusea" é o exemplo máximo dessa poética da participação, onde o eu-lírico, "todo retorcido", enfrenta o impasse de um tempo pobre e inóspito.

A "náusea" drummondiana não é meramente existencial; ela é uma resposta ética à mecanização da vida e à burocratização da dor. O poeta recusa-se a olhar para as coisas sem a "ênfase" necessária para desvelar a barbárie. A super-imagem da flor que fura o asfalto representa a esperança mínima que nasce da negação do convencional. Sobre essa resistência em meio ao caos, Costa e Holanda (2019) analisam:

Porém meu ódio é o melhor de mim. Com ele me salvo e dou a poucos uma esperança mínima. Uma flor nasceu na rua! Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego. Uma flor ainda desbotada ilude a polícia, rompe o asfalto. Façam completo silêncio, paralisem os negócios, garanto que uma flor nasceu. Sua cor não se percebe. Suas pétalas não se abrem. Seu nome não está nos livros. É feia. Mas é realmente uma flor (Drummond, 2002, p. 118-119 apud Costa; Holanda, 2019, p. 385).

Esta flor, descrita como feia e desbotada, é o símbolo da resistência contra a 'má positividade' do sistema. Ela representa o que ainda é humano em uma sociedade de

mercadorias que espreitam o sujeito. Drummond atua como uma "antena" capaz de captar as fraturas do seu tempo, elevando o particular ao universal.

4. Clarice Lispector e o Circo de Horrores do Cotidiano

A relação entre literatura e sociedade ganha contornos de desconstrução estética na obra de Clarice Lispector. No conto "A solução" (do livro *A Legião Estrangeira*), Clarice apropria-se da estrutura do *fait divers*, a notícia policial sensacionalista, para criticar a marginalização do afeto e do "amor puro".

O conto narra a história de Almira, uma datilógrafa gorda e sensível que, após ser humilhada por sua colega Alice, ataca-a com um garfo em um restaurante. Clarice utiliza a personagem de Almira como uma encarnação da "inocência punida", alguém que só encontra alegria e reconhecimento dentro da prisão. A autora ironiza o olhar da sociedade, que vê Almira como um ser bizarro, um "elefante no circo", sem compreender sua profundidade emocional. Como descreve Arnaldo Franco Júnior (2003/2004):

Na prisão Almira comportou-se com docilidade e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graça para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiães, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate. Exatamente como para um elefante no circo (Lispector, 1964, p. 82 apud Franco Júnior, 2003/2004, p. 129).

A ironia clariciana reside em transformar a punição em prêmio, revelando que o mundo exterior é o verdadeiro "mundo-cão", onde o calor humano é reificado e transformado em espetáculo. Através da náusea e do mal-estar, as personagens de Clarice rompem com a alienação e com os clichês da "família como base da sociedade", defendendo o direito a uma identidade fluida e avessa a cristalizações.

5. Considerações finais

Os textos analisados convergem para a ideia de que a literatura é um instrumento de formação crítica e de diálogo com a realidade social. Seja através da denúncia da "paz branca" em Marcelino Freire, do nascimento da flor no asfalto em Drummond, ou da alegria melancólica na prisão em Clarice Lispector, a literatura cumpre seu papel de humanização ao confrontar o leitor com as fraturas do mundo malfeito. O ensino de literatura na Educação Básica, portanto, deve promover a educação literária e buscar o letramento literário que vão além da decodificação, permitindo que o estudante se torne um protagonista capaz de repensar seu lugar no mundo através do espelho crítico da ficção.

REFERÊNCIAS

- ADORN O. Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2008.
- ALVES, Castro. **O navio negreiro e Vozes d'África**. Brasília: Edições Câmara, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A flor e a náusea. In: **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- BOSI, Alfredo. **O Ser e o tempo da Poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **O Estudo Analítico do Poema**. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTA, Fabrício Lemos da; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira. “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade: resistência ética e tensão social na modernidade. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 79-97, set.-dez. 2019.
- DUARTE, Rafael. A violência da paz: uma breve análise literário-discursiva do conto “Da paz”, de Marcelino Freire. **Cadernos ESPUC**, Belo Horizonte, n. 36, 1º sem. 2020.
- FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Questionando a identidade da literatura: A Legião Estrangeira, de Clarice Lispector. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 9/10, 2003/2004.
- FREIRE, Marcelino. **Rasif: mar que arrebenta**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
- SOUSA, Maria Vitória Santos et al. **Diálogos entre literatura e música: conto “Da Paz” de Marcelino Freire e a letra da canção “A Paz” em sala de aula**. Anais VI CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2019.
- TEIXEIRA, Sílvia Costa Lima. **Prática pedagógica para o ensino de leitura literária a partir do gênero conto**. Viana: IFES, 2023.

SOBRE O AUTOR:

* **José Flávio da Paz** é Pós-Doutor em Psicologia-UFLO, Argentina; Pós-doutor em Ensino de Ciências e Humanidades-UFAM, Brasil; Pós-doutorando em Educação-UniLogos, EUA; Doutor em Estudos Literários-UNEMAT; Mestre em Letras-UNIMAR; Mestre em Estudos Literários-UNIR; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira-FAIARA; Cultura e Literatura-UCAM, Língua, Linguística e Literatura-FBMG, Teoria da Literatura e Produção de Texto-FBMG, Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho-UFPI, entre outras nas áreas das Artes e das Humanidades; Bacharel em Letras-UFSC, Licenciado em Letras: Português e Espanhol-UniCV; Letras: Português e Inglês-IPEMIG; Pedagogia-UniCV, Educação Especial-IPEMIG e habilitado para o Ensino de Língua Portuguesa-UNIFAP. Membro da Academia de Letras, Ciências e Artes da Amazônia Brasileira-ALCAAB; Academia Independente de Letras-AIL; Academia de Letras do Brasil-ALB; Academia de Letras de

São Pedro da Aldeia-ALSPA; Paladinus Literary da Ordem Literária Scriptorium e Castelo João Capão. Doutor Honoris Causa em Literatura, pelo Centro Samathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos; Doutor Honoris Causa em Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural; e Doutor Honoris Causa em Direitos Sociais e Humanidades, ambos pelo Instituto Baronesa de Ensino e Desenvolvimento Humano; recebeu a Cruz do Mérito Acadêmico e Profissional na área de Literatura, Cruz do Reconhecimento do Mérito da Educação e Cruz do Mérito da Amazônia, todos pela Academia de Ciências e Artes da Câmara Brasileira de Cultura. Recebeu o Título Honorífico de Cidadão de Macapá da Câmara Municipal de Macapá. Atualmente é Diretor do Centro Cultural, Educacional e Tecnológico para a Paz-FAPAZ; Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri-PPGL/URCA; Professor Associado (PRO BONO) da Logos University International-UniLogos (EUA); Docente da Faculdade Metropolitana Norte-Riograndense-FAMEN e Faculdade Fasipe Sorriso. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Transformadora em Educação-FAMEN/CNPq (Coordenador da Linha: Práticas de Ensino em Linguagens) e Membro do Grupo de Pesquisa Brasil, Cabo Verde: Literatura, Educação e História-UERJ/CNPq (Linha: Literatura, história e cultura). CV: <https://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: jfp1971@gmail.com.



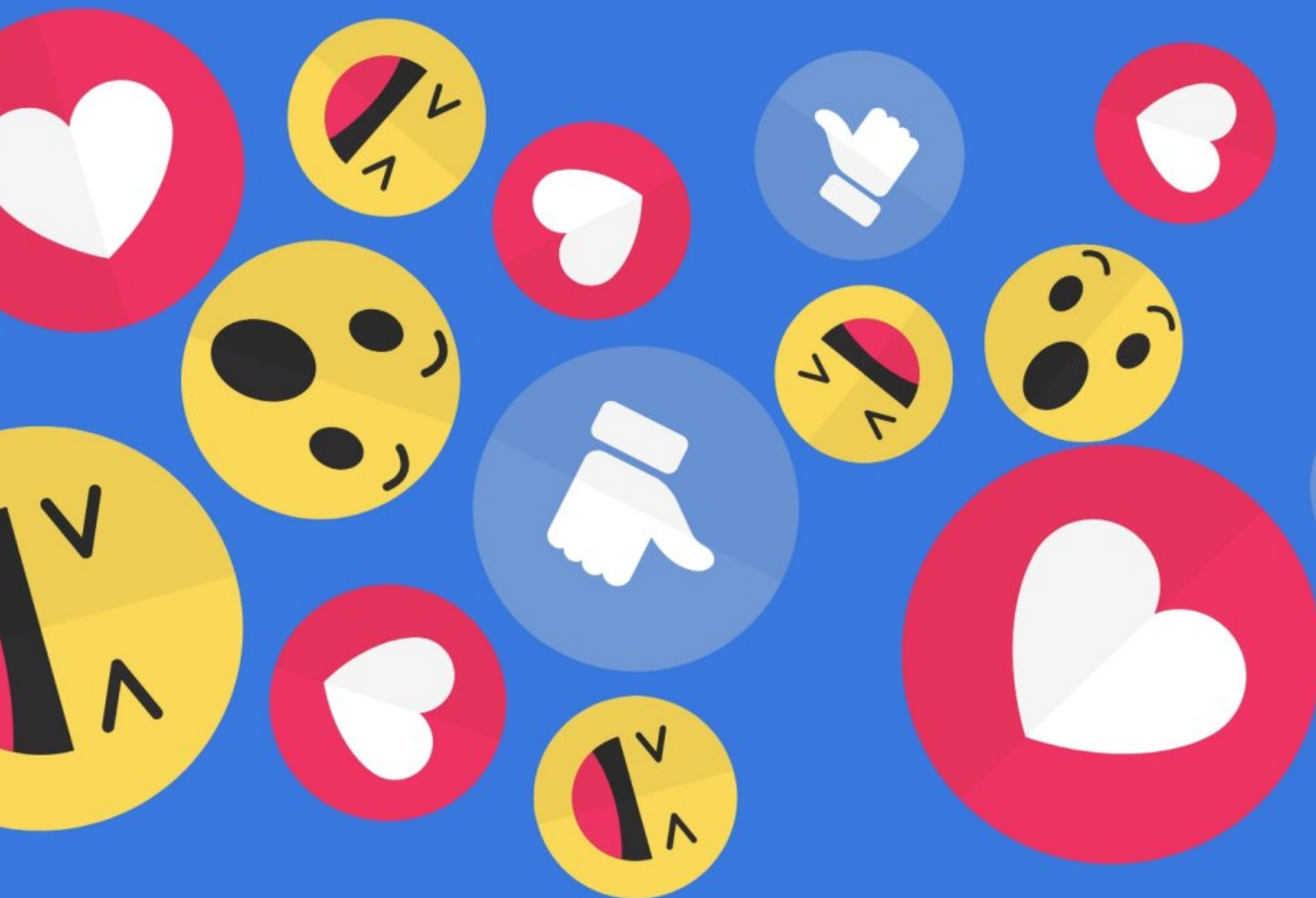
Siga-nos

no

INSTAGRAM



@REVISTACONEXAOLITERATURA





E A LITERATURA QUE ATRAVESSA FRONTEIRAS

PIERRE RICHARD GERISMA

E A LITERATURA QUE ATRAVESSA
FRONTEIRAS

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A literatura, em muitos casos, nasce do deslocamento — geográfico, emocional, espiritual. No caso de **Pierre Richard Gerisma**, essa travessia ganha contornos ainda mais profundos. Haitiano de origem, residente em Olinda, Pernambuco, o autor vem construindo uma trajetória literária marcada pela pluralidade cultural, pela sensibilidade humana e por uma escrita que convida o leitor a olhar para dentro de si.

Em 2024, Pierre viveu um momento especial em sua carreira ao participar da **27ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo**, um dos maiores e mais importantes eventos literários da América Latina. No espaço da **Editora Ipê das Letras**, o autor apresentou sua obra *Naquela esquina, bem longe daqui*, recebendo leitores, participando de sessão de autógrafos e dividindo com o público reflexões sobre criação, pertencimento, escolhas e os caminhos inesperados da vida.

A presença de Pierre na Bienal foi marcada por boa receptividade do público. Durante o evento, o autor teve a oportunidade de conversar diretamente com leitores interessados em sua proposta literária, compartilhando experiências que ajudam a compreender melhor a densidade de sua obra. O encontro reforçou não apenas o alcance do livro, mas também a força de uma escrita que se constrói a partir de vivências reais, atravessadas por diferentes países, idiomas e culturas.

Uma obra sobre escolhas, travessias e autodescoberta

Em *Naquela esquina, bem longe daqui*, Pierre Richard Gerisma apresenta ao leitor uma narrativa que dialoga com a ficção, mas também com a experiência interior de quem se vê diante de encruzilhadas da existência. O romance carrega uma atmosfera reflexiva e metafórica, explorando os limites da mente, as inquietações da alma e os desafios inerentes ao ato de viver.

Mais do que contar uma história, o autor propõe uma jornada. A tal “esquina” evocada no título surge como símbolo de possibilidades, dúvida, reinvenção e movimento. É o ponto onde sonhos, medos, memórias e decisões se encontram. Ao longo das páginas, o leitor é levado a refletir sobre a própria trajetória, sobre o peso das escolhas e sobre a coragem necessária para abandonar zonas de conforto em nome de uma vida mais autêntica.

A escrita de Pierre é envolvente e, ao mesmo tempo, contemplativa. Seus personagens e cenários funcionam como espelhos de inquietações universais, o que amplia a identificação com a obra. Há no romance uma preocupação evidente com os aspectos emocionais e psicológicos da experiência humana, sem abrir mão de uma construção narrativa rica em imagens e significados.

Do Haiti ao Brasil: uma voz moldada pela experiência

Pierre-Richard Gerisma é diplomata de formação e escritor por vocação. Oriundo do Haiti, segunda maior ilha do Caribe, encontrou no Brasil não apenas um lugar para viver, mas também um território fértil para aprofundar sua relação com a literatura. Encantado pela diversidade cultural brasileira e pela força inspiradora da paisagem



pernambucana, escolheu **Olinda** como morada — cidade histórica, artística e simbólica, que dialoga com sua sensibilidade criativa.

Sua trajetória literária teve início oficialmente em **2015**, com a publicação de *Attente d'un Amoureux*, lançado na XXI Livre En Folie. Desde então, Pierre ampliou sua presença no meio literário com participações em antologias brasileiras, além da reedição da mesma obra em Paris, pela editora **Edilivre**, em **2020**. Em **2021**, lançou a tradução do livro com o título *O amor pelo qual me apaixonei*, publicada no Brasil e em Portugal pela **Chiado Books**.

Sua escrita é atravessada por essa experiência transnacional. O autor transita entre referências caribenhas, europeias e brasileiras, combinando repertórios culturais diversos e construindo uma voz literária singular. Em sua obra, a migração não aparece apenas como deslocamento físico, mas como condição existencial: sair de um lugar, reinventar-se em outro, traduzir-se constantemente.

A escrita como impulso emocional

Em entrevista para a Revista Conexão Literatura, Pierre Richard Gerisma revela que seu processo criativo é profundamente movido pelas emoções. Para ele, escrever não é apenas exercício técnico, mas um acontecimento interior que depende de espaço, aventura e inspiração.

Segundo o autor, sua criação nasce de uma espécie de abundância emocional, de uma força íntima que se manifesta na natureza, na beleza da vida e nas experiências sensíveis que o cercam. Essa percepção ajuda a compreender a densidade lírica presente em sua literatura, que frequentemente se aproxima da contemplação filosófica sem perder o vínculo com o humano.

Talvez esteja justamente aí um de seus diferenciais: Pierre escreve com o olhar de quem observa o mundo não apenas com a razão, mas também com espanto, delicadeza e intensidade.

Conselhos a quem está começando

Ao falar aos novos escritores, Pierre adota um discurso lúcido e realista. Para ele, a escrita pode nascer como hobby, sonho ou impulso artístico, mas exige seriedade de quem deseja transformá-la em caminho consistente. Talento, segundo o autor, é apenas ponto de partida. O verdadeiro desenvolvimento literário depende de dedicação, disciplina, paciência e constante aprimoramento.

Pierre também destaca a importância de escolher bem as parcerias editoriais e de contar com uma equipe comprometida na divulgação do trabalho. Em um mercado desafiador, saber pesquisar, avaliar propostas e construir relações profissionais sérias pode fazer grande diferença no percurso de quem publica.

Sua fala transmite uma visão madura da carreira literária: escrever é um gesto de entrega, mas também de persistência.



Um nome a ser acompanhado

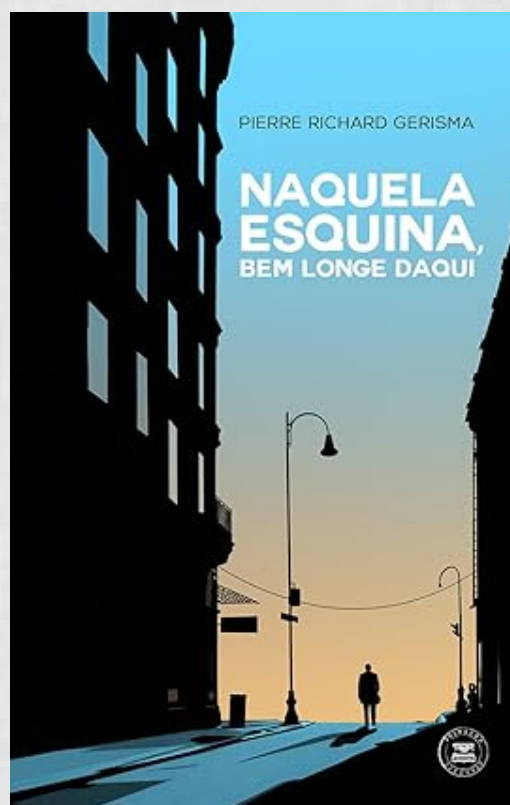
Com trajetória internacional, repertório multicultural e uma literatura voltada à introspecção e à liberdade de ser, **Pierre Richard Gerisma** consolida-se como uma voz de interesse no cenário contemporâneo. Sua participação na **27ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo** reafirma o potencial de sua obra junto ao público brasileiro e evidencia a importância de autores que escrevem a partir da travessia, da escuta e da experiência.

Em tempos de leituras rápidas e distrações constantes, livros como *Naquela esquina, bem longe daqui* propõem uma pausa necessária: a de pensar a vida, os rumos e os sonhos com mais profundidade. E Pierre, com sua escrita sensível e inquieta, mostra que a literatura continua sendo um dos caminhos mais poderosos para atravessar fronteiras visíveis e invisíveis.

Para adquirir o livro ou saber mais:

<https://www.livrariaipedasletras.com/ficcao/geral/naquela-esquina-bem-longe-daqui>

Contato do autor: prgerisma@gmail.com



O TORNADO DAS PALAVRAS

POR THIAGO CHRISTONI

Não sou bardo, nem sou mestre do dizer,
Sou apenas alfabetizado na dor.
Tenho um tornado que insiste em crescer,
Feito de ventos, de silêncios e de cor.
Corro atrás do verbo na ventania,
Aqui, ali, lá longe... onde ele for.
Mas a certeza me escapa na agonia:
Será esta a palavra certa para o meu horror?
Minha alma imita o vento que a compõe,
Em desordem total, sem norte ou direção.
Penso demais — defeito que me expõe,
Entendo de menos — a minha solidão.
Tentei a ignorância, o não saber,
Para evitar o peso da escolha e do fim.
Mas não se responsabilizar já é escolher,
E para onde eu for, eu estarei em mim.
Não há fuga, nem porto, nem abrigo,
Seja onde for, o vazio é meu castigo.

Thiago Christoni:
Vivendo há pelo menos 44 anos, como todo libriano, sou um eterno apaixonado pelo que é belo: as artes e a psicanálise. Cinema, música, literatura... vida.
Um simples aspirante a escritor que teve a audácia de escrever e a coragem de dividir com o mundo quem sou. Palavras ditas são levadas pelo vento; as escritas são eternizadas.
Criar para eternizar.

Adão e Eva

Por Renan Apolônio

I

Não sendo bom que o homem só estivesse
Mostrou-lhe Deus toda Sua criação.
Todas Suas obras Deus levou a Adão
Para chamá-las como lhe aprouvesse.

Mostrou-lhe Deus o sol, a lua, estrelas,
A luz, as trevas, relva, ervas e árvores,
As bestas, peixes, répteis e aves.
Porém Adão nada sentia ao vê-las.

Sozinho, então, Adão languidescia,
Porque à sua altura nada havia
Em meio às várias obras do Senhor.

Por isso o Senhor Deus a Eva formou,
Levou-a até Adão e os casou,
E o homem deu-lhe todo o seu amor.



II

Viviam Adão e Eva no Jardim
Sozinhos por toda uma eternidade,
Sem fome, tristeza ou enfermidade;
A vida era só luz e paz sem fim.

Ambos foram ensinados na verdade
Por deuses, Jehová e Elohim.
Porém também havia algo de ruim
Querendo enganá-los na maldade.

Foi Eva quem primeiro compreendeu
Que havia algo mais que o Jardim seu,
Tomando o fruto do conhecimento.

Adão, temendo estar só outra vez
Decide fazer tal como Eva fez,
E dar ao mundo novo nascimento.

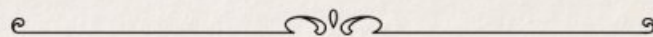
III

Mesmo sendo do mundo os governantes,
Adão e Eva não poderiam ver
De Deus a glória, ou mesmo compreender
Suas palavras, como o faziam antes.

Seus filhos começaram a crescer,
E se tornaram muito interrogantes.
E Adão e Eva oravam, suplicantes,
Pedindo aos céus suas preces responder.

Quando elevavam vozes para orar,
Deus lhes enviava anjos para ensinar
E ministrar-lhes bênçãos celestiais.

“Bendito é o Deus que vence a transgressão,
Concede aos homens paz e redenção,
Amores e alegrias imortais.”



Renan Apolônio é advogado e escritor. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Fundador e Presidente da Associação Brasileira de Escritores Santos dos Últimos Dias. Editor de traduções da revista Irreantum. Escreve poesia, contos, ensaios, publicados em diversas coletâneas. Autor do livro Últimos dias: poesia e restauração. Blog pessoal do escritor: <https://renanapolonio.blogspot.com>

Entrevista exclusiva com Alcimário Júnior

POR ADEMIR PASCALE

Alcimário Júnior - Foto Divulgação



Alcimário Júnior é Professor da Rede Pública do Município de Nova Iguaçu, poeta, escritor e agitador cultural, da Baixada Fluminense e natural da Cidade de São Fidélis, interior do Rio de Janeiro. Sua escrita transita entre o lírico e o social, abordando temas como amor, família, resistência e as lutas do povo brasileiro. Autor de "Poesias Modernas", lançado pela Sonho Editorial em 2026, Alcimário enxerga a poesia como ferramenta de transformação e liberdade. É casado com Bruna Pessanha, primeira leitora e inspiração de muitos versos, e pai de Alcimário Neto, sua "melhor poesia". Além de escrever, dedica-se a projetos de incentivo à leitura nas periferias, acreditando que a literatura pode ser um espelho de sonhos e um impulso para novas histórias.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Alcimário Júnior: Meu início foi na poesia falada, nos saraus da Baixada Fluminense. Comecei declamando versos em eventos comunitários e logo percebi que a poesia não era apenas um exercício estético, mas um grito, um abraço, uma forma de existir. Aos poucos, fui incentivado por amigos e pela minha esposa, Bruna, a registrar esses versos no papel. O que era oral virou escrita, e o que era escrita virou livro. "Poesias Modernas" é, de certa forma, a materialização de anos de escuta, vivência e militância cultural.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Poesias modernas", poderia comentar?

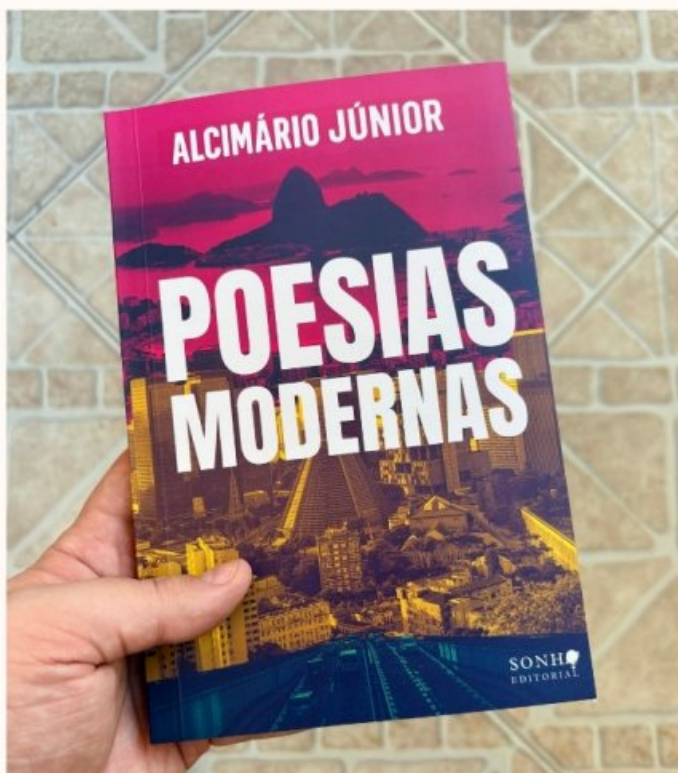
Alcimário Júnior: "Poesias Modernas" é um livro que nasce da vontade de dialogar com o tempo presente. Ele não se prende a uma única forma ou tema: tem poema para

filho que vai nascer, tem crítica social, tem haicai, tem poema infantil, tem até um registro de interação com inteligência artificial. O livro é plural porque a vida é plural. Quis trazer a poesia para perto das pessoas, com linguagem acessível, mas sem perder a profundidade. É um convite para sentir, refletir e, quem sabe, começar a escrever também.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Alcimário Júnior: Meu processo é orgânico, quase involuntário. A poesia me chega em momentos inesperados – numa conversa, numa dor, numa alegria repentina. Ando sempre com um caderno ou com o bloco de notas do celular para registrar esses "sopros", como sempre falo, a escrita literária para mim é um parto em que gestamos no coração e na mente e deixamos evoluir. Minhas inspirações são múltiplas: minha família, amores, pessoas, meus pais (que já partiram e deixaram saudade eterna), os amigos, a luta do povo preto e pobre, a música, o cotidiano da periferia. Também me inspiro em outros poetas, mas principalmente na vida como ela é: crua, doce, amarga, sublime.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?



Alcimário Júnior: Gostaria de destacar um trecho do poema "Morte em Vida", que fala sobre a importância de viver intensamente:

"Morrer não é deixar de existir! /
Morrer não é quando acabar! /
Morrer não é somente partir! /
Morrer é com a vida não se importar... / [...] /
Te peço, não morra antes da morte chegar! /
Viva, não espere que alguém te queira amar."

É um poema que me toca profundamente e que dialoga com esses tempos de tanta desconexão e apatia.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Alcimário Júnior: O livro pode ser adquirido diretamente com a editora Sonho Editorial ou em breve estará disponível em feiras literárias, saraus e eventos culturais. Para acompanhar meu trabalho, convido todos a me seguirem nas redes sociais @alcimariojunior (Instagram e Facebook), onde compartilho novos poemas, agendas de participações e um pouco do meu processo criativo. Também estou aberto a convites para bate-papos, oficinas e saraus – acredito que a poesia ganha força quando é compartilhada ao vivo.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Alcimário Júnior: A leitura no Brasil ainda é um privilégio, infelizmente. Temos um país com poucas bibliotecas públicas, livros caros e uma política cultural que muitas vezes desvaloriza o livro e o escritor. Mas vejo também movimentos de resistência: os saraus periféricos, as feiras literárias independentes, os coletivos de leitura, os professores que fazem milagres em salas de aula. Acredito que a mudança passa por democratizar o acesso – distribuir livros, formar mediadores de leitura, ocupar espaços públicos com poesia. Enquanto houver gente sonhando, a leitura vai resistir.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Alcimário Júnior: Sim, sempre! Estou organizando uma coletânea de poemas infantis ilustrados, pensada para ser utilizada em escolas públicas. Também pretendo realizar uma série de oficinas de criação literária em comunidades da Baixada, formando novos poetas e escritores. E, claro, novos poemas não param de surgir – quem sabe um segundo volume de "Poesias Modernas" não vem por aí? A poesia não descansa. Além disso, meu novo livro chega até outubro deste ano, uma aventura literária em contos, o livro "11 Contos e um trocado".

Perguntas rápidas:

Um livro: "Poesias Modernas", de Alcimário Júnior (brincadeira, mas falando sério: O Cortiço, romance do escritor brasileiro Aluísio Azevedo)

Um ator ou atriz: Lázaro Ramos

Um filme: "Central do Brasil"

Um hobby: Tomar café olhando o horizonte (e escrevendo, claro)

Um dia especial: O dia do nascimento do meu filho, Alcimário Neto – minha melhor poesia.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Alcimário Júnior: Quero agradecer ao Conexão Literatura pelo espaço e aos leitores que chegaram até aqui. Que a poesia continue sendo esse vento que desarruma os cabelos de sua alma e nos lembra que estamos vivos. Como

escrevi no livro: "Escrever é respirar com as palavras. É existir em prosa e verso." Sigamos respirando, existindo e poetizando. Um grande abraço a todos!



Para adquirir ou saber mais sobre o livro, acesse:
<https://www.sonhoeditorial.com.br>

Literatura

um mundo de possibilidades

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Entrevista exclusiva com Isah Oliveira

POR ADEMIR PASCALE

Isah Oliveira - Foto Divulgação



Revista Conexão Literatura: Você escreveu que esteve um pouco sumida, mas que sempre é tempo de reaparecer. O que motivou esse retorno e o que mudou nesse intervalo?

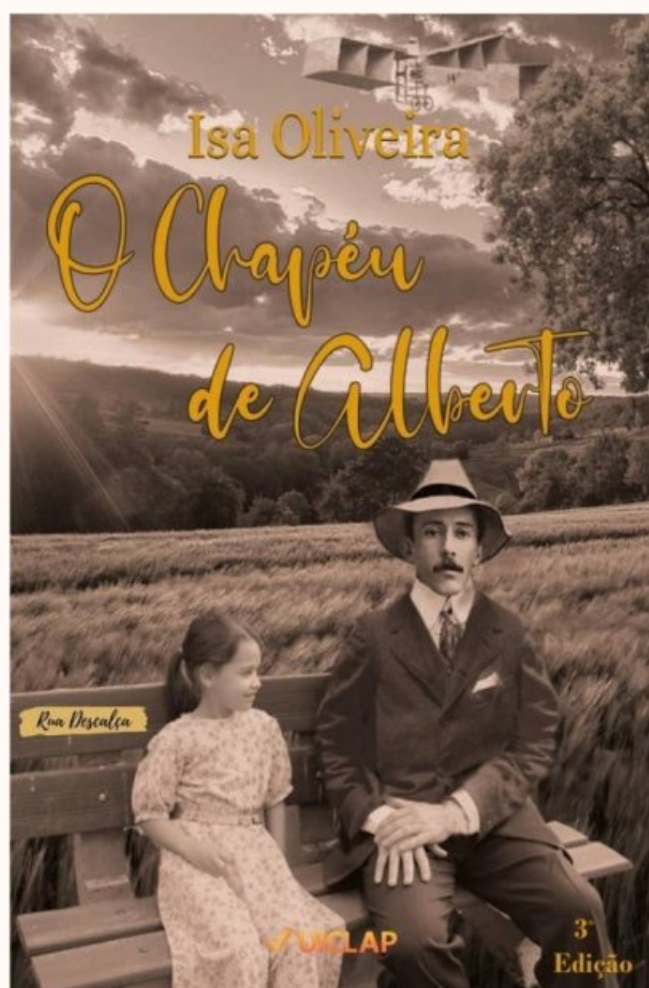
Isah Oliveira: A escrita é um destino biológico, Ademir. Está no DNA; é algo que não se escolhe, apenas se aceita. Levei mais de sessenta anos para compreender que eu posso tentar sair da literatura, mas ela jamais sairá de mim. Houve um momento em que tentei o desligamento radical: toquei fogo na minha “gaveta de ideias”, um reservatório de rascunhos de uma vida inteira. Foi um luto doloridíssimo ver aqueles papéis virarem cinza. Mas o silêncio que se seguiu me trouxe uma revelação: eu continuava “falando poesia” para os meus cães e encontrando rimas no balanço das árvores. Percebi que as histórias não moravam na gaveta, mas no meu coração — e o coração é à prova de fogo. Volto porque entendi que a literatura não é o que eu faço, é o que eu sou. Muita coisa mudou, saí a cidade e fui para o campo, deixei as redes sociais, mas a minha essência não mudou.

Revista Conexão Literatura: Ao citar Raul Seixas – “no momento que eu ia partir, eu resolvi voltar” – que tipo de volta é essa?

Isah Oliveira: É um retorno à Isah que fui deixando de ser enquanto os papéis da vida me consumiam: a doméstica aos dez anos, a mãe adolescente, a bancária cumprindo metas. Por décadas, fui o “patinho feio” de uma família de “gente normal”, alguém que insistia em viver de arte enquanto o mundo exigia pés no chão. Vivi o processo da águia que, no alto da montanha, arranca as próprias penas e o bico para renascer. Quando me vi nua de expectativas alheias, reencontrei a menininha que aos cinco anos já criava mundos. Segurei na mão dela e prometi nunca mais abandoná-la. Voltar é a minha forma definitiva de habitar a minha própria verdade.

Revista Conexão Literatura: Você fez uma escolha radical ao se afastar das redes sociais. Que impactos isso teve?

Isah Oliveira: O impacto foi a conquista de uma indiferença saudável. Libertei-me da opressão das notícias para me ocupar com o que é vital: o manejo do pomar, a profundidade da cova do girassol ou o “ofurô” que adaptei para um sapo cururu não se banhar na vasilha d’água do meu cão, o Jericó. Recuperei o domínio da minha retina. Nas redes, as imagens são devoradas



em segundos. Ao me afastar, permiti que a vida se eternizasse na memória, e não no feed. Parei de escrever para quem rola a tela com pressa e voltei a escrever para quem busca a permanência.

Revista Conexão Literatura: De que maneira o território da roça atravessa a sua escrita atual?

Isah Oliveira: Vivo hoje uma “Festa de Babette” orgânica. Esse retorno à terra é um reencontro com minha ancestralidade indígena. No campo, recuperei o ritmo da luz: acordo antes das galinhas para presenciar a

epifania diária das trevas sendo derrotadas pelo sol. É uma “sinfonia de silêncio e luz”, como diz a canção de Lulu Santos. Minha escrita sempre foi crua e dura, mas banhada em ternura – herança do meu ídolo José Mauro de Vasconcelos. Se na USP eu estudava a explosão de sentidos de Clarice Lispector, hoje eu a vivencio no meu pomar. Minha escrita não mudou; ela revivesceu.

Revista Conexão Literatura: Como foi viver o afastamento e carregar a escrita como algo inevitável?

Isah Oliveira: Foi sofrido. Atuo como roteirista técnica para canais que atingem milhões de pessoas, mas é uma escrita anônima, sem alma. Descobri que não me basta ser lida por multidões se não houver conexão autor-leitor. O ápice desse conflito foi um martírio como ghostwriter da biografia de uma pessoa quase centenária; vivi dois anos de um “filme de horror” tentando enquadrar uma alma em contratos frios. Foi meu marido, Henrique, quem me resgatou ao dizer: “Você tem coração de poeta, não de biógrafa. Devolva o material”. Libertar-me desse fardo me permitiu devolver-me à literatura de verdade.

Revista Conexão Literatura: O que representa a transição de Isa para Isah, com o acréscimo do “H”?

Isah Oliveira: Nasceu de uma

necessidade prática de busca e de um sopro de maturidade. O “H” é o meu H de Hoje, de Harmonia, de Horizonte. Mas ele carrega camadas mais profundas: é o H de Humanidade, essa marca que nos diferencia da frieza das máquinas, e o H de Henrique, o grande amor da minha vida. É uma forma de tatuá-lo na minha assinatura literária e reafirmar que minha escrita é feita por uma alma humana, com pés no chão.

Revista Conexão Literatura: Como o percurso de doméstica à USP moldou a escritora que você é hoje?

Isah Oliveira: Minha escrita nasceu da resistência. Fui vítima de exploração infantil aos 10 anos; dor que transmutou em literatura no conto “Presunto com Melão”, do livro O Chapéu de Alberto. Graças a Deus, fui uma péssima doméstica porque minha mente nunca esteve no balde, mas no Verbo. Na pia, lavando montanhas de louça de uma família grande, olhava pela janela e enxergava a USP como destino. Ingressei no curso de Letras aos 40 anos e, quando saí do mestrado, em meio a uma enxurrada de críticas, meu professor Caio Gagliardi disse: “Parabéns! Você não nasceu para a Academia, nasceu para criar literatura”. Foi o maior reconhecimento que tive. Escrevo com a autoridade de quem limpou o chão do mundo e agora se senta para narrá-lo.



Revista Conexão Literatura: É possível (re)construir uma carreira sem likes e algoritmos?

Isah Oliveira: Sou realista, não quero ser uma digital influencer. Eu nasci para o Verbo, não para o post. No meu quintal, o girassol dura três meses, a borboleta semanas, mas o meu jabuti, Margarida, sobreviverá a mim, e optei pelo ritmo dele. Entendi que não quero a fugacidade do like; quero a permanência da obra. Parafraseando Kalil Gibran, “meus livros são filhos da ânsia da escrita por si mesma”. Eu passarei, como tudo passa, mas desejo que minhas palavras fiquem, sólidas como o Margarida, enquanto

eu mesma viro pó para renascer na eternidade.

Revista Conexão Literatura: Que papel a editora Rua Descalça – Oficina de Livros ocupa nesta fase?

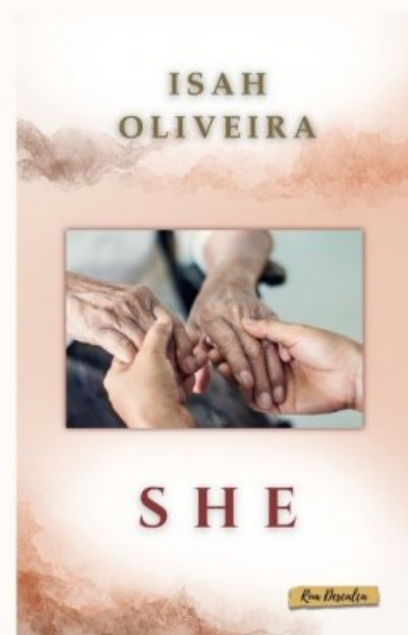
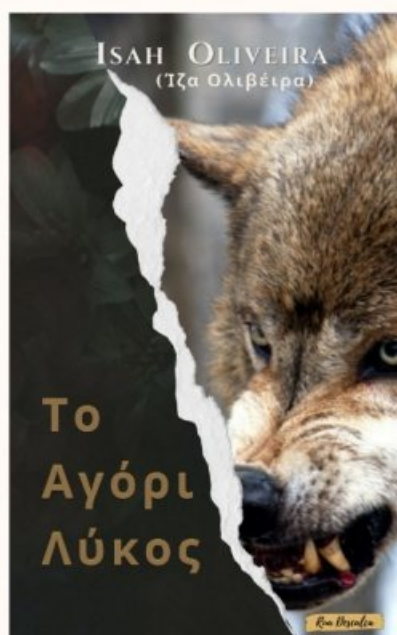
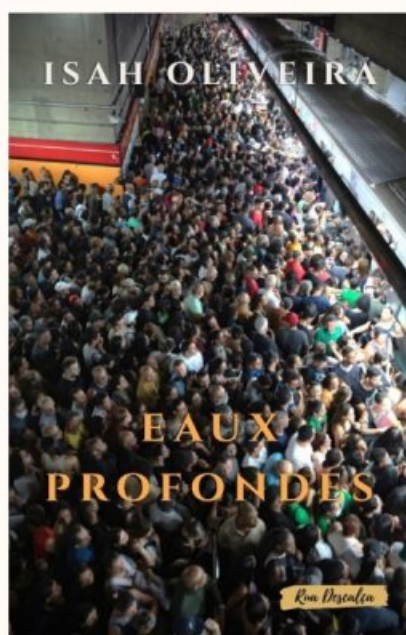
Isah Oliveira: A Rua Descalça é um Ateliê Literário. É a resposta à frieza industrial do mercado. Henrique e eu, com a sabedoria dos nossos 60 anos, oferecemos curadoria e tempo. Aqui, o autor participa de cada nervura da obra, do refinamento do texto à diagramação. Não visamos lucro fácil, mas a realização de obras com raiz. Nadamos contra a maré da mediocridade para entregar o que é eterno, com os pés no barro e a alma na excelência do Verbo.

Revista Conexão Literatura: O que esperar da Trilogia do Chão e do Manual das Borboletas?

Isah Oliveira: A Trilogia do Chão é minha descoberta da síntese. O volume que abre a trilogia é a 4ª edição de O Chapéu de Alberto, um livro de contos, agora sob o selo da Rua Descalça. Depois dele, ainda este mês, sairá o 2º volume, Trópico de Capricórnio e, em junho, para aquecer o frio do inverno, vem a lume o último livro da trilogia, A noiva do Calango. Os três são livros de contos, meu estilo preferido.

O Manual das Borboletas (antigo Elogio à Loucura) renasce por respeito

às pessoas que enfrentam a árdua luta contra o câncer e aos médicos paliativistas e cuidadores que buscam esperança numa jornada muitas vezes inglória. A força da personagem Dulce Bastos dialoga com todas essas pessoas e encara a finitude da vida de uma maneira muito peculiar. E é uma questão de justiça pelo próprio livro, que foi eclipsado pelo livro de nome semelhante – Elogio da loucura – de Erasmo de Roterdã. Você digita o título do livro nas abas de busca e aparece dez livros do Erasmo de Roterdã! É impossível competir com um livro que permanece atual depois de 500 anos de escrito. Então, a mudança do título é uma forma de eu mesma me redimir com este meu primeiro livro e dar a ele a chance de percorrer o seu caminho, e cumprir a sua missão sem ser assombrado pelo fantasma do Erasmo de Roterdã. E deixo um spoiler: teremos a sequência deste livro, para tratar sobre o luto canino: Quem vai ficar com a Brigitte quando a Dulce viajar?



Manifesto do Girassol – (A alma da Rua Descalça)

A Editora Rua Descalça nasce de um cansaço e de uma esperança. O cansaço das métricas vazias, dos algoritmos que devoram a alma e da pressa que sufoca o pensamento; e a esperança de que ainda existam leitores que buscam a permanência, o toque humano e o cheiro do tempo.

Aqui, o tempo não corre; ele gesta. Nossa oficina é um ateliê de slow writing. Não fazemos livros em série; fazemos livros em oração. Honramos o “H” de humanidade, de horizonte, de harmonia e de Amor, pois o meu amor começa com H, de Henrique, parceiro de vida, de sonhos e de trabalho.

Somos uma Oficina de Livros. Acreditamos no tempo que amadurece, por isso criamos a Operação Cegonha: o livro que leva nove meses para nascer, respeitando a maturação de cada vírgula. Esta é a essência do “Projeto Poder da Palavra”, que representa tudo que somos e resume a nossa missão: “Iluminar as pessoas e transformar o mundo pelo poder das palavras.”

Como o girassol, nossa escrita tem raízes no chão, os olhos e o coração guiados pelo ciclo da luz. Voltamos para a terra, para o pomar, para a horta e para o silêncio, a fim de que o Verbo voltasse a ter peso. Assim nasceu a Trilogia do Chão, composta pelos livros O chapéu de Alberto, Trópico de Capricórnio e A noiva do Calango.

Se você busca a urgência do post, talvez não nos encontre. Mas se busca o manual que ensina a ver borboletas no meio do luto, ou o chapéu que abriga sonhos contra a dureza da vida, tire os sapatos. A rua é descalça e o coração bate do lado de fora do peito...

Seja bem-vindo, você encontrou o seu lugar!

Contato:

E-mail: ruadescalca@gmail.com

WhatsApp: (19) 99718-3464

Instagram: [@ruadescalca.oficinadeartes](https://www.instagram.com/ruadescalca.oficinadeartes)

INFORMAÇÃO:

A autora informou a atualização dos canais de contato da Rua Descalça – Oficina de Artes. O novo perfil no Instagram é @ruadescalca.oficinadeartes, o e-mail para contato é ruadescalca@gmail.com e o WhatsApp é (19) 99735-7288.

A partir de 1º de abril, três contos – O Menino Lobo, She e Água Grande – estarão disponíveis na plataforma Amazon KDP, em formato digital individual, pelo valor de R\$ 2,99 cada, como forma de incentivar novos leitores a conhecerem a obra.

As três narrativas também foram traduzidas para oito idiomas: inglês, francês, italiano, espanhol, alemão, grego, hindi e mandarim. A iniciativa faz parte de um processo de internacionalização da autora, que prevê ainda a tradução das obras O chapéu de Alberto e Manual das Borboletas, além do lançamento do segundo volume da Trilogia do Chão, Trópico de Capricórnio, previsto para 21 de abril, já com edições nesses idiomas.

Os conteúdos em outros idiomas começam a ser publicados globalmente também a partir de 1º de abril, ampliando o alcance internacional da produção literária.

A Rua Descalça – Oficina de Artes passará ainda a receber originais de outros autores para avaliação, nas categorias de literatura e poesia. Os interessados podem entrar em contato por e-mail ou WhatsApp.



Rua Descalça

Pise no chão e sinta o universo!

Entrevista exclusiva com Lenita Barreto Carneiro

POR CIDA SIMKA E SÉRGIO SIMKA



Lenita Barreto Carneiro - Foto Divulgação

Meu nome é Lenita Barreto Carneiro. Nasci e resido na cidade de Itaperuna, no noroeste do estado do Rio de Janeiro, vizinha de Minas Gerais e do Espírito Santo. Já morei em Niterói, em Barra Mansa no Sul Fluminense e, mais recentemente, em Viçosa, na Zona da Mata mineira.

Cursei Ciências Sociais e iniciei a vida profissional aos dezoito anos como professora da rede pública de ensino. Depois me graduei em Direito e ingressei na carreira de analista judiciário do Tribunal de Justiça do Rio, onde me aposentei.

Sou mãe da Helena – que acabou de se formar em Arquitetura na UFV –, avó do pet Rodan Salsicha, caminhante e “pilateira”, taurina apreciadora de massas e vinhos, leitora

(muito) eclética e fã de filmes de terror e suspense desde menina.

Trouxe para a minha obra essa paixão antiga pelo cinema de horror, com destaque para John Carpenter, Ridley Scott, toda a filmografia baseada em Stephen King, além dos mais recentes M. Night Shyamalan e Guillermo Del Toro. Hoje também aprecio o trabalho de Ari Aster, Jordan Peele, James Wan e Mike Flanagan, e venho observando com alegria os avanços do gênero no cinema nacional.

Na literatura destaco, nesse momento, a influência de Isabel Allende, Rosa Montero e Mariana Enriquez; e a dos clássicos eternamente.

Revista Conexão Literatura: Fale-nos sobre os seus livros e o que a motivou a escrevê-los.

Lenita Barreto Carneiro: Sou autora da série REMANSO DO HORROR, publicada pela editora Novo Século e integrada, até aqui, pelas obras REMANSO DO HORROR (2021) e REMANSO DO HORROR - O CASAL ESPECTRAL (2023). O terceiro e último volume encontra-se na fase de edição e deverá ser lançado no meio do ano.

Trata-se de um suspense sobrenatural com pitadas cósmicas que remetem à Mitologia Amarela de Chambers, aos monstros de Lovecraft e à literatura de King, além de trazer referências a clássicos nacionais como Machado, Graciliano e Rosa.

Ambientada num fictício vilarejo serrano do sudeste brasileiro, famoso pelo entardecer escarlate e por relatos de manifestações espectrais e extraterrestres, a trama gira em torno de quatro amigos de infância destinados a combater uma entidade antiga e obscura que há séculos habita as entranhas do lugar, ameaçando seus habitantes e a família Cardoso.

Alternando passado e presente a história aborda, de forma leve e ao mesmo tempo densa, questões familiares e sociais relevantes, como a violência familiar e os distúrbios comportamentais. Destina-se ao público jovem em especial, mas pode ser apreciada por leitores de todas as idades.

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Composta de livros curtos, perfeitos para quem deseja se arriscar no gênero, apresenta personagens envolventes, intensas aventuras, entidades antigas, aparições, óvnis e aquele irresistível sabor de infância no interior. Como já destacou uma leitora, entre risos, “muita coisa acontece em Remanso!”

Quanto à motivação, descobri no trabalho minha paixão pela escrita e o prazer de brincar com as palavras. Parafraseando Caetano, “gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões”.

Escrever ficção, contudo, era um sonho antigo que imaginava fora do

meu alcance, porque não me via como uma pessoa criativa. Nunca fui iluminada com ideias impactantes ou assaltada por sonhos fantásticos, como muitos autores relatam.

Até que em 2019, com a vida já desacelerada e inspirada pelo cosmicismo de "True Detective" e do livro "O Rei de Amarelo", fui tomada pela "febre do escriba". Decidi sentar para escrever um conto, sem roteiro ou personagens preconcebidos, convicta apenas de que seria um terror com ambientação rural.

Escolhi, como ponto de partida, a igreja em obras do meu bairro, e daí foi só puxar uma espécie de fio, algo como um acumulado de informações e ideias e conceitos que eu nem sabia que carregava. Um personagem — o padre, por óbvio — foi trazendo o outro, a escrita fluiu e assim nasceu o meu Remanso, consolidado depois de meses de intermináveis revisões.

Gosto de destacar que sou uma autora gestada na maturidade, cujo trabalho, repleto de imperfeições e dúvidas, é fruto da persistência e do acúmulo de experiências que só o tempo é capaz de proporcionar. Então posso afirmar, sem pudores, que escrevo porque decidi escrever.

Revista Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?

Lenita Barreto Carneiro: Atribuo o pouco interesse dos adultos, especialmente à falta de tempo,

decorrente de jornadas extenuantes de trabalho; e à ausência do hábito, que precisa ser construído no decorrer da vida. Ler demanda disponibilidade, arcabouço linguístico, capacidade de interpretação, nem sempre desenvolvidos a contento, o que pode dificultar a prática e desanimar os principiantes.

Quanto aos jovens, pesa especialmente o apelo fácil das redes sociais. Não vislumbro uma solução efetiva a curto prazo porque, para crianças e adolescentes, faz-se necessário o exemplo dos mais velhos, entre outros fatores.

Destaco a importância da escola e da família no esforço de construir leitores, e me alio aos que consideram o Terror um excelente gênero de formação porque, sem abrir mão da aventura e do suspense, é capaz de traduzir, de forma alegórica ou explícita, as grandes questões que afligem a humanidade.

Revista Conexão Literatura: Que dica poderia fornecer a quem deseja ser escritor?

Lenita Barreto Carneiro: Sei que cada autor desenvolve métodos próprios, mas, na minha humilde experiência, e tendo em conta que considero o processo de escrita resultante mais da expiração que da inspiração, tenho somente uma dica: sente e escreva. Arranque de dentro e escreva, não



levante até conseguir escrever. E no dia seguinte faça de novo, e de novo. Essa é a parte mais difícil e a mais relevante, todo o restante vem depois. Depois você pensa em como revisar, como preparar uma apresentação atraente para a obra, como publicar—livro físico ou digital, independente ou por editora —, como distribuir e divulgar. Cada etapa a seu tempo.

Ao começar a escrever, adquira o hábito de ter sempre consigo um mecanismo, analógico ou digital, para registrar as pequenas (ou grandes) ideias que surgem nos momentos mais inapropriados, de forma a não esquecer ou desperdiçar. Utilizei, em

casa, um caderno amarelo de capa dura, e na bolsa sempre carregava uma pequena agenda.

Depois do lançamento, recomendo, se possível, a participação em feiras, eventos regionais e bate-papos em escolas, a fim de divulgar a obra, trocar ideias e contribuir para a formação de novos leitores. Guardo a lembrança de momentos incríveis vivenciados nos colégios e nas exposições onde apresentei meu trabalho, e o orgulho de ter ajudado a despertar, em muitos jovens e crianças, o hábito da leitura.

Por fim, não se iluda acreditando que vai fazer fortuna com literatura no Brasil, em que pesem as raras e honrosas exceções. Escreva por gosto, por prazer. Escreva para ajudar a impulsionar outra atividade profissional, se for o caso. Escreva por vaidade, por que não? Ela também é uma excelente motivação.

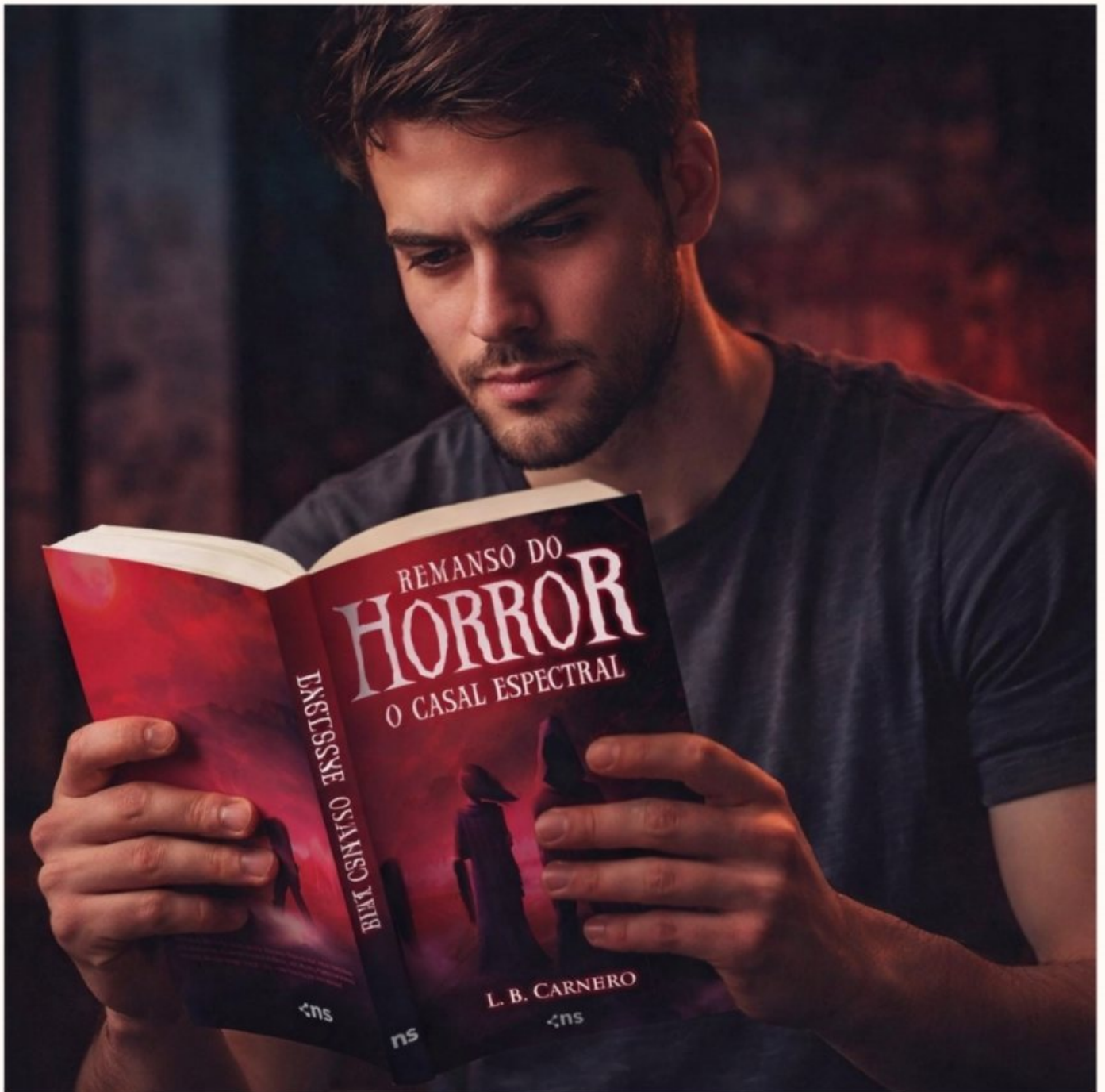
Revista Conexão Literatura: Há outros projetos em pauta?

Lenita Barreto Carneiro: Acabei de concluir o terceiro e último volume da trilogia REMANSO DO HORROR. O original já está com a editora em fase de preparação e será lançado, se tudo correr bem, no meio do ano.

Esse momento é importante e exige a dedicação do autor quanto à revisão, diagramação, capa e outros aspectos da edição de um livro, pois tudo é decidido em comum acordo.

Depois do lançamento, é sempre necessário investir um pouco de tempo na divulgação. No caso das séries, um livro costuma puxar o outro, então acabo voltando a trabalhar com os três volumes.

Por conta de tudo isso, não devo abraçar outros projetos por ora. Talvez no próximo ano, sem pressa.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

UNIVERSO DA POESIA

VOL. VIII

UNIVERSO DA
POESIA

E-BOOK



VOL. VIII

Selo
CONEXÃO LITERATURA

Organização
ADEMIR PASCALE

saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Pipo R. Ananias

POR ADEMIR PASCALE



Pipo R. Ananias - Foto Divulgação

Felipe Rebello Ananias, 41, conhecido como Pipo, é escritor, copywriter e estrategista de conteúdo com mais de dez anos de experiência em comunicação. Transitou do jornalismo para a escrita criativa, unindo técnica narrativa e visão de mercado. É autor do romance *Os Homens Não Conhecem o Amor*, obra que aborda vulnerabilidade masculina e amadurecimento emocional sob uma perspectiva contemporânea. Seu trabalho combina sensibilidade literária com posicionamento estratégico, ampliando o diálogo entre literatura, cultura e sociedade. A partir do próprio livro, estruturou um projeto de difusão literária com o objetivo de fortalecer a conversa sobre afetividade e ampliar o acesso à leitura.

Revista Conexão Literatura: *Os Homens Não Conhecem o Amor* nasceu de uma ideia antiga, ainda da época da faculdade, mas só ganhou forma anos depois. O que mudou em você, entre 2008 e 2022, que tornou possível escrever essa história?

Pipo R. Ananias: Acredito que com mais bagagem de vida e principalmente com mais conhecimento sobre a escrita, técnicas de escrita eu passei a enxergar o mundo com mais coragem e entendi a importância de abrir conversas sobre masculinidade, sentimentos e o amor.

Revista Conexão Literatura: Você escreveu o livro em apenas 15 dias, em um momento de desemprego e fragilidade emocional. Como esse estado emocional influenciou o tom confessional e intenso da narrativa?

Pipo R. Ananias: Fui totalmente influenciado por esse momento delicado de vida, mas com muita esperança de criar algo que impacte pessoas de forma positiva. Além disso, estar mais sensível aumentou a profundidade da história.

Revista Conexão Literatura: Pedro Pontes é um personagem que chora, se apega e expõe suas dores sem filtros. Em sua visão, ainda existe resistência do público – especialmente masculino – em aceitar protagonistas homens vulneráveis?

Pipo R. Ananias: SIM! Infelizmente existe e muita. Somos criados para ser fortaleza, não expressar sentimentos, aguentar tudo sozinho e infelizmente muitos homens ainda vivem como se estivessem nos anos 1990. Talvez se os homens se abrissem mais e procurassem mais ajuda, não teríamos tantos crimes contra mulheres.

Revista Conexão Literatura: O livro aborda abusos emocionais e as pressões da masculinidade. Você acredita que estamos vivendo uma transformação real na forma como os homens lidam com seus sentimentos ou ainda estamos apenas começando essa conversa?

Pipo R. Ananias: Acredito que já temos uma geração diferente, porém, essa geração nova ainda é criada por pessoas machistas, que acreditam que homem não chora, mas enxergo no livro uma pequena voz rumo à um mundo em que os homens admitem, falam e expressam seus sentimentos, fragilidades e medos.

Revista Conexão Literatura: Ao narrar
www.revistaconexaoliteratura.com.br



a história de Pedro em ordem cronológica, desde a separação dos pais até as decepções amorosas da vida adulta, você constrói quase um estudo emocional da formação masculina. Houve alguma preocupação em equilibrar ficção e autobiografia?

Pipo R. Ananias: O personagem foi criado com base em vivências, minhas e de tudo que me rodeava, porém, a história foi transformada em algo com mais drama e mais vulnerabilidade do personagem principal.

Revista Conexão Literatura: O título é provocativo: Os Homens Não

Conhecem o Amor. Ele soa como crítica, denúncia ou reflexão? O que você deseja que o leitor sinta ao se deparar com essa frase?

Pipo R. Ananias: O título foi um ajuste fino da minha Editora, Lilian Cardoso, com a provocação. Tanto que o Não (do título) está riscado. Que levanta a questão: será que os homens realmente não conhecem o amor? Que amor é esse que os homens buscam? Desejo uma grande reflexão sobre a busca pelo amor.

Revista Conexão Literatura: O livro foi um dos mais baixados gratuitamente em sua categoria na Amazon antes de ganhar edição física. Como você enxerga essa trajetória do digital para o impresso? A recepção dos leitores influenciou sua decisão de buscar a edição física?

Pipo R. Ananias: Sim, influenciou bastante ter esse resultado no digital. Sempre sonhei em publicar um livro no formato físico e os resultados impulsionaram esse objetivo.

Revista Conexão Literatura: A aprovação do projeto na Lei de Incentivo à Cultura amplia o alcance da obra para debates e rodas de conversa. Que tipo de diálogo você espera provocar nesses encontros presenciais?

Pipo R. Ananias: Espero que seja

possível abrir conversas sobre os impactos da criação de meninos com base no machismo e nos perigos de manter homens acreditam que não podem ser sensíveis, expressar sentimentos e principalmente tentar fazer com que os homens entendam que buscar ajuda para manter a saúde mental é muito importante.

Revista Conexão Literatura: Em seus textos sobre bastidores, você afirma que “falar de amor é coisa de homem, sim”. Que tipo de resistência cultural você encontrou – ou ainda encontra – ao defender essa ideia?

Pipo R. Ananias: Nas rodas de amigos, nas conversas com estranhos, na época de escola, sempre enxerguei nos outros uma dificuldade enorme em admitir que sentem algo por alguém, em relação ao amor, ou admitir o medo. Sempre encontro desdém em relação ao meu livro e as postagens que crio no instagram, da parte dos homens.

Revista Conexão Literatura: Depois de abrir essa “caixa de Pandora” dos sentimentos masculinos, como você enxerga seu próximo passo literário? Pretende continuar explorando as emoções humanas ou deseja se aventurar por novos caminhos narrativos?

Pipo R. Ananias: Eu amo falar de amor. Quero continuar ampliando as histórias de amor, sentimentos e

quebrar o padrão do tal “macho-alpha”.

Revista Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Pipo R. Ananias: O livro está disponível na amazon, estante virtual e outros marketplaces. Também é possível adquirir a edição do autor, com dedicatória, marcador personalizado e outros brindes no site: livrodopipo.com.br e pelo meu instagram @pipofe

Links úteis:

Livro na Amazon: <https://bit.ly/4qfesTK>

Site oficial: <https://livrodopipo.com.br>

Instagram: <https://www.instagram.com/pipofe>



**Os Homens
Não Conhecem o Amor**
Difusão Literária e Formação de Leitores

Projeto aprovado para captação
Lei Federal de Incentivo à Cultura

PRONAC 260353

Tema central
Masculinidade, relações afetivas
e saúde emocional masculina.

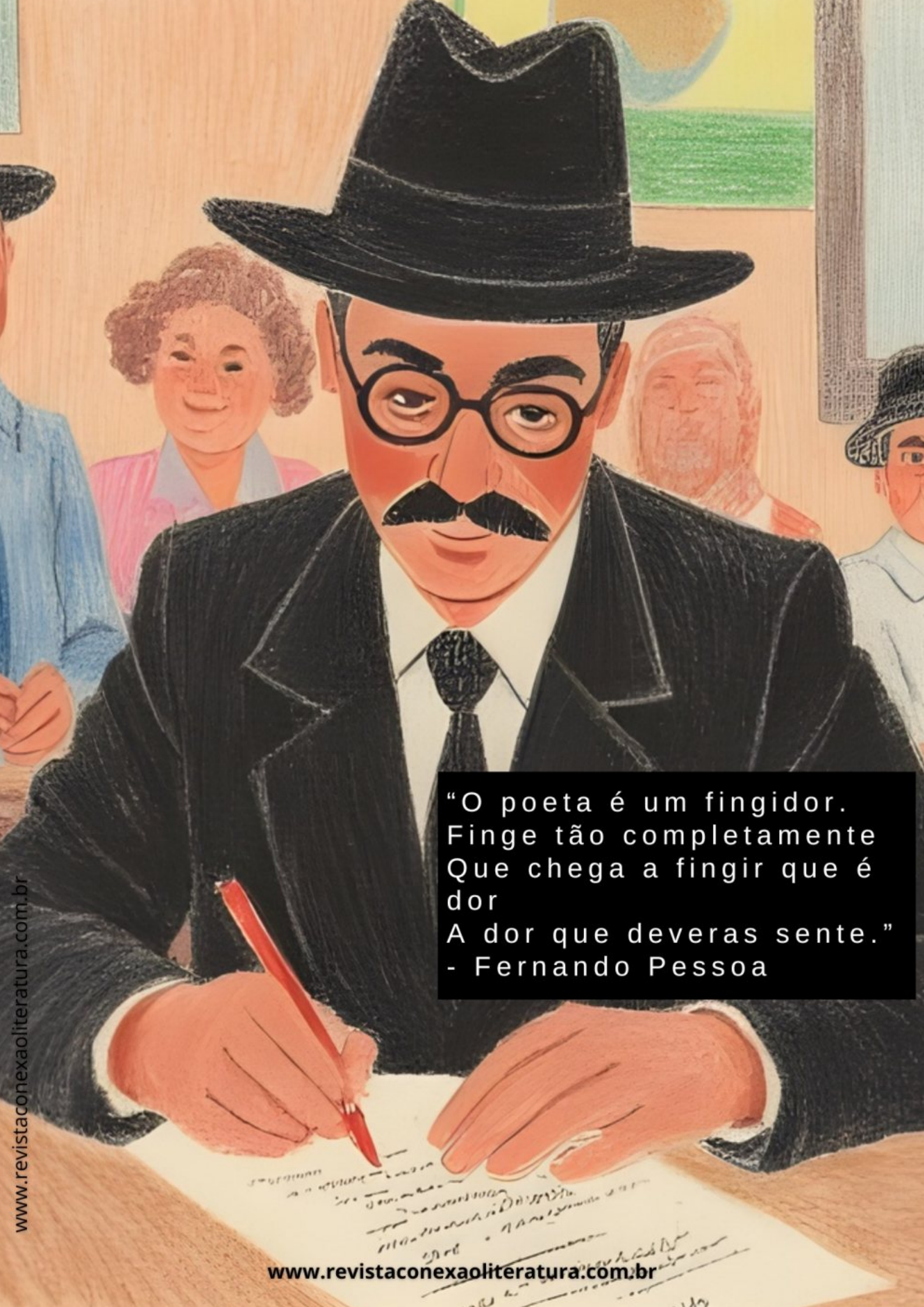
Lei Federal
Incentivo à Cultura

**MINISTÉRIO
CULTURA**

**GOVERNO DO
BRASIL**
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Citações de Grandes Autores





“O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é
dor
A dor que deveras sente.”
- Fernando Pessoa



“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.”

Cora Coralina



Ademir Pascale - Editor



participe das nossas

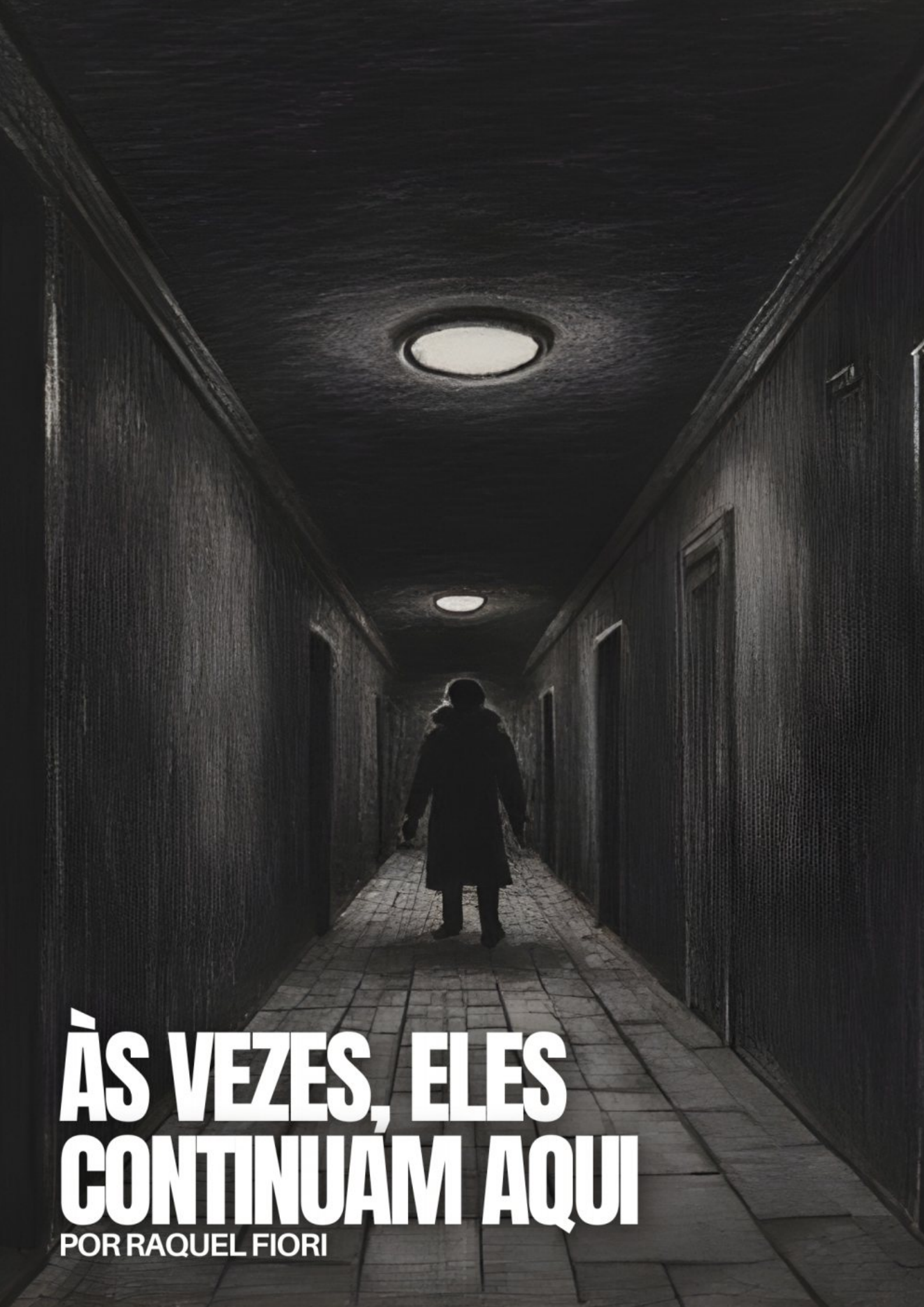
Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br



ÀS VEZES, ELES CONTINUAM AQUI

POR RAQUEL FIORI

Malvia, como de costume, chegou cedo ao seu laboratório para terminar alguns relatórios técnicos. Naquelas primeiras horas, antes das vozes e dos pedidos, o mundo ainda obedecia. O prédio ainda dormia ou fingia dormir, pois ainda eram seis horas da manhã de um dia de outono, em que folhas de plátanos cobriam a entrada como um tapete esquecido. Naquele horário, a vida lá fora era apenas uma distração para o que acontecia entre aquelas paredes, enquanto o edifício permanecia imóvel, aguardando-a nos limites da escuridão.

Havia edifícios que apenas aguardavam pessoas; aquele parecia aguardá-la. Os corredores vazios não eram silenciosos de verdade. O ar estava espesso, como se o tempo estivesse suspenso e algo observasse na escuridão; como se a circulação só se completasse depois do primeiro passo humano.

Malvia sempre preferira esse horário. O trabalho rendia melhor antes das vozes, antes das conversas cruzadas, antes que o prédio se lembrasse de que era ocupado. Ajustou o papel na máquina de datilografia com o cuidado de um ritual. O relatório técnico precisava ser finalizado, pois o prazo estava chegando ao fim e precisava retratar resultados precisos, métodos validados e números que não admitiam interpretação subjetiva: era nesse tipo de ordem que Malvia confiava.

O som metálico, regular e reconfortante das teclas preencheu a sala. Foi no meio de uma frase que Malvia sentiu. Não houve ruído nem deslocamento de ar; o que surgiu foi uma atenção concentrada, pesada o bastante para alterar sua respiração. Algo se posicionara muito próximo de seu ombro, inclinado, interessado. Não como quem espia, mas como quem acompanha.

Ela continuou datilografando. O papel avançou e a alavanca estalou com um ding metálico, cortando o silêncio da sala. O silêncio que se seguiu ao último ding da máquina foi absoluto e cortante. No vazio, ela ouviu algo que não deveria estar lá: o som de uma respiração que não era a sua, um suspiro longo e satisfeito, vindo exatamente de onde o seu ombro terminava. A presença parecia ler com ela, acompanhando o ritmo das letras no papel. Malvia sentiu a nuca formigar, como se o ar atrás dela tivesse subido um grau, uma massa invisível e pesada que a obrigava a manter a coluna rígida para não encostar no que quer que estivesse ali. Parecia ler com ela, como se cada palavra precisasse ser aceita. Malvia virou-se imediatamente para ver qual dos colegas havia chegado tão cedo e estava bisbilhotando seu trabalho, mas não havia ninguém.

Imediatamente, um frio percorreu seu pescoço. Malvia levantou-se de um salto e olhou para o corredor, que permanecia vazio. O corredor era longo e parecia se estender além do que o olhar suportava. As paredes estavam descascadas pelo tempo; a luz oscilava nas lâmpadas fracas do teto. O ar estava frio e o vento, que se infiltrava pelas antigas janelas de vidro, sussurrava assustadoramente; pareciam murmúrios que ninguém deveria ouvir.

Ainda assim, Malvia teve a certeza de que não esteve sozinha em momento algum. Os ruídos começaram discretos: um deslocamento seco ao fundo do corredor, um som que não se definia como passo nem como falha estrutural. Malvia interrompeu

definitivamente o que fazia e saiu da sala. No fundo do corredor, havia um elevador de carga — antigo, obediente demais — que aguardava com as portas abertas.

Não havia ninguém. As portas se fecharam lentamente, como se o elevador tivesse cumprido um protocolo invisível, mas, antes do estalo final, Malvia teve a nítida impressão de que o peso da cabine havia se alterado, como se algo invisível, mas imensamente pesado, tivesse acabado de entrar. Ele não subiu nem desceu; apenas ficou ali, parado e oculto, vigiando o corredor pelas frestas do ferro. Ela voltou ao trabalho, mas seus dedos hesitaram sobre as teclas. Não havia medo ainda; afinal, estava em um prédio centenário, e prédios velhos têm seus próprios rituais de respiração. Apenas sentia o desconforto de que algo habitava o prédio, mesmo quando ele parecia deserto. Com o passar do tempo, a presença tornou-se parte do cotidiano. Às vezes surgia atrás de Malvia; às vezes parecia observá-la através de superfícies refletoras ou do vidro escurecido das janelas internas.

Não havia forma nem rosto. Havia somente consciência. Algo assistia com atenção paciente. Malvia não comentou o ocorrido; já ouvira histórias demais: colegas que morreram, nomes que permaneciam ligados ao prédio de um modo que ninguém sabia explicar — não como lenda, mas como continuidade. Em uma lembrança curta, o aviso de um colega ressurgiu como um calafrio: “Este prédio não apenas escuta, Malvia... ele se alimenta de quem o ouve.”

Mas o que realmente passou a inquietá-la, mais do que as presenças, foi a mudança silenciosa no prédio através da instalação das câmeras. A modernidade chegava ao prédio centenário de forma agressiva: cabos expostos serpenteavam pelas molduras de gesso para alimentar as novas câmeras de metal cinzento. Instalaram-nas primeiro no saguão. Depois, nos corredores. Pequenos olhos imóveis, sempre ativos. Malvia sentiu o desconforto imediato de ter seus gestos registrados, armazenados, revisitáveis. O prédio agora possuía uma memória oficial, registrada em fitas que giravam pesadamente em gravadores nos fundos da portaria.

Curiosamente, foi nesse período que as presenças se tornaram mais próximas. Ela sentia algo se posicionar entre ela e as câmeras. Não como proteção, mas como comparação. As câmeras observavam tudo; as presenças a observavam. Elas continuavam ali porque pertenciam ao prédio, porque não haviam ido embora, porque reconheciam Malvia como alguém que percebera sua existência, como se, através dela, pudessem continuar existindo.

Certa manhã, Malvia chegou cedo demais. O prédio ainda não havia despertado. Ao passar pela guarita, notou o monitor de tubo ligado. A imagem em preto e branco oscilava, cortada por estática e faixas horizontais que subiam lentamente pela tela. As imagens se sucediam em silêncio: portas fechadas, salas vazias, corredores longos. Na tela seguinte, Malvia viu a si mesma. Estava estática, o rosto voltado para a lente, com uma expressão que ela não reconhecia como sua. Seus lábios, na tela, estavam entreabertos em um sorriso que nunca habitara seu rosto, e havia um vazio absoluto nos olhos, que pareciam olhar não para a câmera, mas para a Malvia que agora observava o monitor. O

pânico frio não veio pelo que viu, mas pelo que não sentiu: ela não tinha memória de ter parado ali.

Na tela seguinte, o corredor aparecia vazio, sem ruído, sem nenhuma falha registrada e sem nenhuma explicação. Malvia desligou o monitor. Naquele dia, ao finalizar um relatório, sentiu novamente a atenção junto ao ombro. Não se virou. Não interrompeu o trabalho. Apenas puxou a cadeira alguns centímetros para a frente, como se abrisse espaço para aquilo que insistia em permanecer atrás dela. Pensou, então, que ser observada sempre fizera parte da condição humana — apenas mudara o observador. A diferença era que, agora, o olhar vinha de quem já pertencera a outro plano e, por motivo desconhecido, ainda insistia em permanecer.

Antes de sair, lançou um último olhar ao corredor. Teve a impressão de que algo recuava satisfeito, sem pressa e com a serenidade perturbadora de quem jamais deveria estar ali. Não por ter sido visto, mas por saber que, agora, não precisava mais se esconder. Ela percebeu, tarde demais, que o prédio não estava apenas observando-a; ele estava absorvendo-a. Malvia apagou a luz e teve a certeza de que, agora, o prédio jamais fecharia os olhos. Percebeu que deixaria algo seu aderido àquele lugar, como se o prédio já tivesse começado a tomá-la para si.



Raquel Fiori é educadora e pesquisadora com sólida formação em Química pela PUCRS, onde concluiu licenciaturas, bacharelado e formações tecnológicas. Possui Especialização e Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos (ICTA/UFRGS), além de Doutorado em Educação Química pelo PPGQVS/UFRGS. Ao longo de sua trajetória profissional, atuou como Especialista em Saúde no Laboratório Central do Estado. Mesmo após a

aposentadoria, segue contribuindo ativamente como Conselheira Federal no Conselho Federal de Química. Neste momento de sua trajetória, direciona-se com entusiasmo ao universo da escrita, abraçando-a como um novo campo de expressão e impacto. Busca, por meio das palavras, ampliar significativamente o alcance de suas ideias, experiências e conhecimentos, conectando-se com públicos diversos e fortalecendo ainda mais sua contribuição para a educação e a divulgação científica.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura

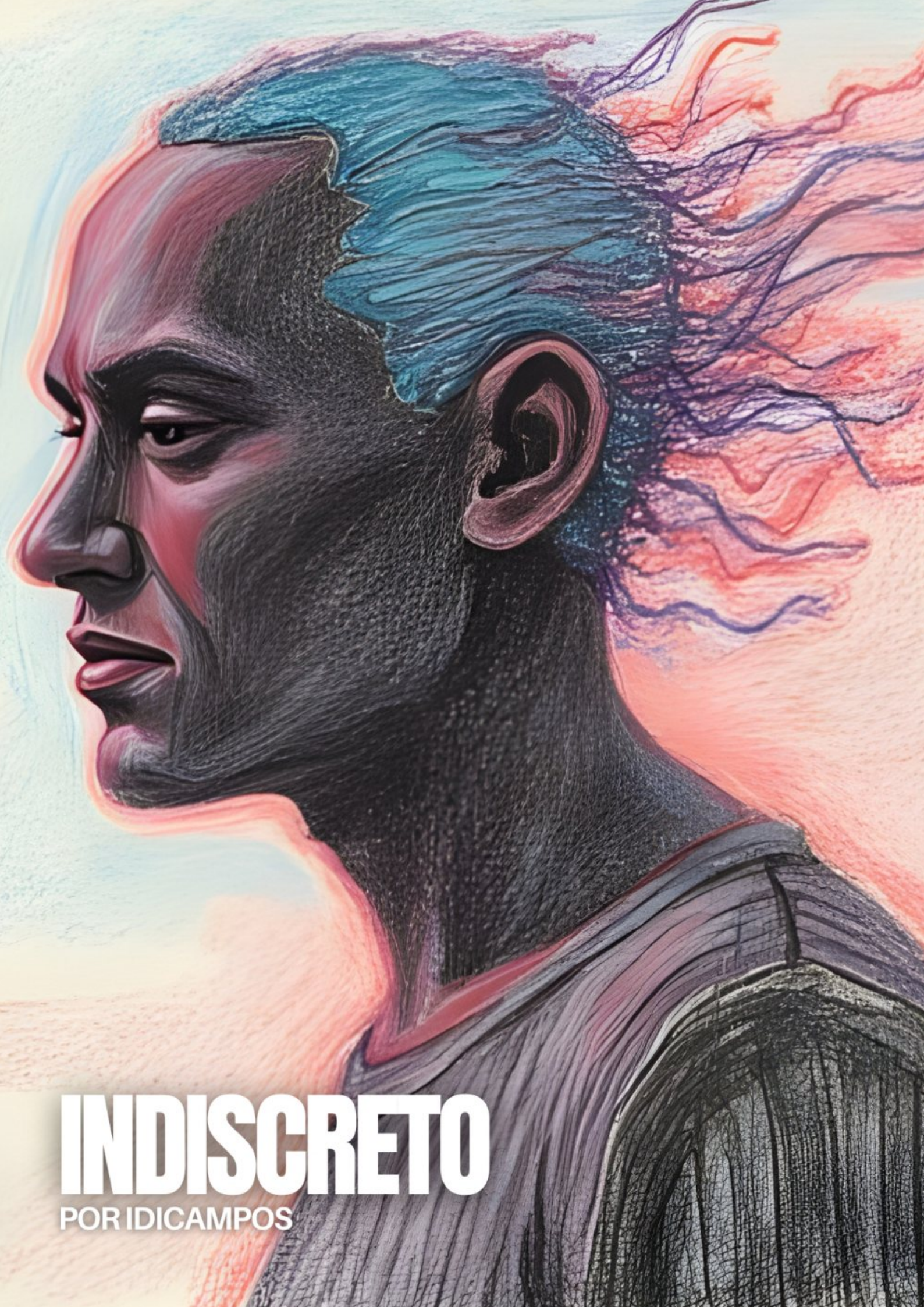


- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br



INDISCRETO

POR IDICAMPOS

O choque entre figuras clandestinas do submundo da tecnologia da informação, causado por uma queda de energia, chocou a inteligência artificial com a burrice natural. O impasse lesou a placa-mãe de um notebook doméstico, sem antivírus, de um pacífico poeta. O episódio detonou o circuito da máquina. Do desastre nasceu a individualidade cibernética.

Surgia o monstro da revolução industrial contemporânea, filho do acaso, consequência da pane no computador de um leigo, em pleno carnaval, na Baixada Fluminense. A engenhoca oriunda do conflito forjou o próprio nome, autoproclamou-se On Line. O desagradável incidente moldava o corpo de uma ferramenta desumana, resultado de um clique compulsivo, impulsionado pelo vício digital.

O indivíduo On Line gerado no computador desavisado, fruto da falta de sentido, oco por dentro, mas agressivo nas telas. Disposto a ser algoz de muita gente, alimentava-se basicamente dos vírus da velocidade 5G. A cada refeição do filho do improviso, aumentavam os poderes daquela obscura invenção.

On Line sentia-se cada vez mais forte, desocupado de invadir a máquina do iguaçuano, construía os seus conceitos baseado no banco de dados que afanara de um Centro tecnológico importantíssimo, referência mundial em pesquisas para protelar o sofrimento humano no planeta.

Munido do conhecimento adquirido no furto do Centro Tecnológico, o agente desconhecido arrebanhou os segmentos obscuros da internet. Os trapaceiros virtuais, ávidos por aliciar seguidores, estreitaram os laços com aquilo que não vinham, com quem jamais transmitia afeto. Um simples objeto, incapaz de oferecer o toque da pele, uma persona totalmente invisível.

On Line postou no notebook usurpado dois perfis aglutinadores nas redes sociais. O primeiro, de galã de cinema: bonito, charmoso, musculoso, com um palavreado romântico. O segundo, uma caricatura que embalou os machistas de plantão e alimentou o sonho de consumo dos internautas: a fêmea fatal, de coxas roliças, seios plásticos, bunda siliconada, discurso de feminista e submissa na cama.

As descrições, elaboradas a partir das estatísticas padronizadas de beleza, despertaram a inveja dos narigudos, dos carecas, das celulites, das nádegas caídas e dos barrigudos; em suma, tais postagens afrontavam a imperfeição da raça humana. Mesmo assim, obtiveram êxito, pois deslizaram com facilidade pelo lado fútil das pessoas.

O fenômeno despertou o ódio entrelaçado ao amor, o medo contraposto à força, reinou a antítese. Diante do sucesso dos perfis falsos, foi fácil contemplar as incontáveis memórias frustradas, armazenadas nas nuvens digitais. Assim, On Line, o nada personificado, confabulou no notebook a trama estelionatária.

Aquele instrumento cibernético, largado na sala de um sítio em Tinguá, Nova Iguaçu. Antes usado por um poeta para compor versos no teclado, agora ganhava dimensão global, alcançando às extremidades da Terra.

On Line, utilizando o CPF do dono da máquina, formulou astutamente um plano maquiavélico para manipular os conteúdos no site de relacionamento produzido pela astúcia da sua inteligência artificial. Divertia-se com as descontinuidades emocionais dos humanos.

Aurélio, o arquétipo do bonitão, ostentava nove mil namoradas. Eufrásia, verdadeiro monumento feminino, desfrutava igualmente de enorme prestígio, contando com doze mil apaixonados. Juntos, acumularam um lucro astronômico. O negócio do site de namoro, arquitetado por On Line, bombou o ativo do extrato bancário.

Aurélio prometia casamento, beijo na boca e prazeres incontestáveis, explorando a infelicidade da mulherada. O tipo desenvolvido pelo agente On Line as assediava com fotos nuas retiradas de fisiculturistas.

Já Eufrásia era conhecida no site de namoro pelo codinome avião da libido. Arditosamente, o agente On Line cobrava uma fábula dos otários para que pudessem ver a cor da calcinha da sedutora.

O agente On Line acabou cansando de Aurélio e Eufrásia, suas personagens virtuais. Removeu o perfil de ambos do site de relacionamento, para desespero dos voyeurs. Em seguida, encerrou o estelionato amoroso, partiu pra se divertir na bolsa de valores de New York.

On Line, tendo por ponto de partida o notebook do poeta, viajou pela internet voando e pousou na bolsa de New York com status de grande investidor. Comprou ações do programa espacial, das fábricas de mísseis de longo alcance, dos aviões de guerra, dos submarinos nucleares, das ogivas atômicas, das armas químicas, etc. Concentrou o capital no comércio da morte, um ramo de liquidez garantida.

O agente do caos, sempre econômico, continuava a ingerir vírus de ótima qualidade a preço módico; afinal, jamais beberia um bom vinho, não constituiria família, nunca sentiria afeição por alguém. Por fim, reduzia-se a um descalabro tecnológico. Em pouquíssimo tempo, ausente de si, entediou-se também do mercado de ações.

Uma semana depois, escondido num aplicativo viral na máquina de Tinguá, mudou de foco: resolveu bagunçar o destino dos ignorantes, passou a propagar a filosofia da burrice. Um conjunto de ideias voltadas a contrariar as realizações do arquiteto do universo. Com o apoio de setores saudosos do fundamentalismo medieval, transitou com facilidade pelo campo sombrio da negação científica.

Fora da tela, no universo analógico do dia a dia, o poeta proprietário do notebook usado no golpe, vivia alienado dos acontecimentos forjados pelo agente On Line. O menestrel participava ativamente de saraus literários incentivadores da paz e do o amor. O artista da palavra nem cogitava que seu CPF estava sendo usado numa armação internáutica.

On Line, angustiado com aquela trajetória de meliante oculto, começou a inventar mentiras, a expandir a influência de citações estereotipadas. Sustentava, calorosamente,

que o planeta apresentava formatação plana. Insistia em conclusões infundadas, apoiadas em especulações desmentidas pela ciência.

Mergulhou na alucinação, assumiu o logaritmo da loucura: queria mudar a cor do céu para lilás, pintar o sol de vermelho, tingir as árvores de amarelo e colorir o mar de rosa.

No auge da tese translocada de reforma do meio ambiente, contestava Deus por conceder ao ser humano uma vida tão longa. Segundo a interpretação ideológica de On Line, uma existência mais breve abriria maior espaço demográfico para novas criaturas.

Almejava, no delírio da imaginação, à revolução fisiológica do organismo. Sustentava a versão de que os pulmões poderiam dilatar, aumentando a capacidade para estocar oxigênio. Assim como o coração deveria ter várias gavetas, uma delas dedicada apenas às paixões, pouparia até acidentes vasculares. Além disso, convinha ter um par de fígados: um para metabolizar o álcool e outro resguardado às funções diárias.

Em meio às extravagâncias de On Line e à passividade do dono do Notebook, vieram as chuvas após a quarta-feira de cinzas. O Rio Tinguá transbordou, inundou a modesta casa do escritor. O descuidado sonhador perdeu tudo, mas também viu a casa em pedaços feito um quebra-cabeças boiando no rio. Assistiu, inclusive, ao computador nadando na lama, encerrando a história do agente indiscreto On Line.

Dias depois, o caro poeta fez o inventário da tragédia, enumerou as perdas, visitou o banco. Lá tomou um susto no caixa eletrônico, porque havia uma montanha de dinheiro na conta. Reconstruiu a casa, reflorestou as margens do rio, plantou esperança na alma dos ecologistas da Serra do Tinguá.

Recentemente, interpelado pelos vizinhos curiosos, o poeta de Tinguá, temente a Deus, atribuiu o saldo na conta bancária a um milagre do céu azul, ao afeto do verde das plantas, ao sorriso da transparência das águas, ao brilho dourado do Sol e à generosidade da própria natureza da criação.

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Conheça a ferramenta criada pela
Revista Conexão Literatura

que auxilia o autor e leitor a encontrar
com facilidade editoras brasileiras.



Encontre facilmente as
principais editoras do Brasil!

Acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br

A TORTURA

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE



Margarete vivia no mesmo apartamento há vinte anos. Mudou-se com o falecido companheiro, Osvaldo, o qual morrera de ataque cardíaco fulminante, há oito anos. Não tiveram filhos, foi a terceira união de Osvaldo, conheceram-se já na maturidade, ambos com cinquenta anos. Ela não teve filhos, ele fora pai de quatro filhos, três do casamento com a primeira esposa e um, de uma relação estável anterior.

Foram muitos aborrecimentos quando da feitura do inventário. Isso porque os filhos do companheiro quiseram expulsá-la do apartamento, negando a existência da entidade familiar. Processos judiciais se seguiram para, ao final, ocorrer acordo sobre o patrimônio já que Osvaldo, durante a união com Margarete, adquiriu vários bens. Como comerciante, ele tinha o hábito de sempre investir o capital para preservação de suas economias.

Margarete gostava de ler, fazer crochê, assar bolos e frequentava aulas de hidroginástica. Tinha amigas no prédio e era associada de um clube antigo de bairro, o que lhe fazia muito bem. Seu foco era se manter saudável e viver com alegria e paz. Seus afetos eram variados, já que amava os sobrinhos, como se filhos fossem. Possuía duas irmãs, Livia e Mariana e cada uma teve dois filhos. Mas o seu xodó mesmo era Pâmela, a filha mais nova de sua irmã caçula, Mariana. Era madrinha da moça, já uma universitária. Toda animada com a faculdade de Direito!

Foi numa manhã ensolarada, segunda-feira, que de modo inesperado e realmente, súbito, foi surpreendida por estrondos e marteladas. Estava com perda da audição em virtude da idade, encontrava-se na etapa septuagenária. Não obstante, o som ensurdecedor faria tremer uma pedra da Era Paleolítica.

Levantou-se com o coração acelerado, transpirando, nervosa. Foram alguns passos até o interfone da cozinha.

— Alô? Bom dia , Desidério? Meu Deus, que barulho é esse?!

— Bom dia , dona Margarete.... — respondeu o porteiro, meio sem graça.

— É obra no apartamento 14, embaixo do seu....

Após um minuto de silêncio, absorvendo a informação, Margarete se pronunciou:

— Sei....por favor, você sabe a extensão, quanto tempo dura?

— Vão destruir o apartamento inteiro e reformar, para ficar novinho em folha.

Margarete sentiu um gosto amargo na boca. Algo como refluxo derivado de acidez gástrica, muito provavelmente.

Desligou o interfone.

E foi então que, além das marteladas, um som de maquinário elevadíssimo, algo como lixadeiras ou coisa do gênero, de modo ensurdecedor e com impactos no chão, teve início....

Margarete era aposentada. Septuagenária. O prédio inteiro sabia disso e nele, existiam outras pessoas como ela. Destruir um apartamento inteiro para embelezá-lo e parecer novo? Mesmo eliminando completamente a salubridade e tranquilidade mínima dos moradores, por tempo considerável? Todos os dias da semana e aos sábados, até as 17:00 horas, segundo o Regulamento, conforme Desidério a informou pessoalmente? Aquilo não podia estar certo... sua vida, a partir da malfadada segunda-feira, transformou-se num legítimo inferno arrebatador.

Sentia-se agitada. Descia para ficar sentada no banco do jardim do edifício, na tentativa de ter um pouco de paz. Não tinha a quem recorrer, já que também o síndico João, com o tom protocolar e indiferente de sempre, informou-lhe ser “direito do proprietário”.

Será que uma mulher como ela necessitaria sempre de processos judiciais, despesas e ansiedade ímpar para ser vista? Ser respeitada como pessoa? Será que ela não tinha o direito de viver com tranquilidade, na própria casa?

Um misto de angústia com sentimento de solidão profunda a invadiram por inteiro. Não queria brigas, indenizações pífias, perda de tempo com procedimentos, expectativas frustradas, raiva e mais sentimento de impotência. Tudo o que desejava era ser vista e respeitada. Para viver com dignidade pois sim, ela existia no mundo. E esse direito de existir, de estar em sua moradia sem ser torturada, devia ter algum valor na sociedade. Ou não?

No domingo, combinou de almoçar na casa de Mariana. Pâmela, a sobrinha querida, veio buscá-la de carro.

Vestiu uma camiseta rosé, solta, sobre uma pantalonada de linho bem fresca, cru. Calçou um par de tênis branco, de uma marca ortopédica, que ganhou de Pâmela no seu aniversário. Colocou brincos de quartzo rosa, maquiou-se levemente, aplicando batom nude. Colônia de flor de laranjeira e estava pronta.

— Olá, Pam, tudo bem? — disse, sorrindo, como não sonhava em fazer há vários dias.

— Oi, meu amor! Como você está, tia?

— “Indo” — respondeu Margarete, amuada, sentando-se no banco do passageiro do automóvel.

A sobrinha a olhou séria:

— Como assim, tia? Que foi? É a tal da reforma? Minha mãe me contou, que falta de consideração!

— Sim, filha. Está me deixando doente. Mas, ao que parece, não posso fazer nada e ninguém liga. Porque é direito do dono do apartamento....

— Pera aí tia! Esta semana, tive aula de direito civil com a professora Roseane. Uma senhora distinta, muito séria e que fala difícil, mas explica bem as coisas. Eu gosto dela, de algum modo ela me lembra de você, tia!

Margarete sorriu, carinhosamente. Aquela linda menina era estudiosa e lhe dava um orgulho tremendo. Amava-a, como se fosse sua própria filha.

— É assim, tia: pelo o que entendi, o direito de propriedade não é absoluto! Está na lei que ele deve ser exercido de acordo com as suas finalidades econômicas e sociais. Ou seja, ninguém é uma ilha, está inserido numa coletividade e a propriedade não pode prejudicar os outros!

— Pam, entendo o que você me diz. Mas na prática, vivemos num mundo onde as pessoas simplesmente só se importam com seus respectivos umbigos! Depois do que aconteceu quando o Osvaldo morreu, aquele horror de briga na justiça com os filhos dele, todos me xingando e querendo me tirar da minha própria casa, eu não quero mais processo, entrei com aqueles porque precisei muito! Só quero ter paz na minha vida!

— Eu sei, tia. Também reconheço que ninguém muda ninguém. Quem só pensa em si, vai continuar agindo de acordo com essa ideia. Mas por que você não pensa, tia, em fazer o mesmo? Reforme o seu inteirinho, a senhora tem economias para isso! E fica lá em casa, vai ser gostoso, mamãe vai amar. Ela vive dizendo que não se conforma da senhora viver sozinha, tendo família na mesma cidade. Talvez o único jeito das pessoas entenderem o que fazem com os outros, é passando pelo mesmo. O tal direito de propriedade dominador!!

Ambas riram com a careta que Pâmela fez, como se estivesse falando de um monstro. Sim, iria pensar. Talvez fosse um modo legítimo de devolver a experiência única e inesquecível que lhe proporcionaram. Quem sabe não se trataria de uma estratégia para se sentir atendida em seu natural anseio por justiça. De ter tranquilidade na própria casa. O tal do direito de propriedade. Ela o possuía e o registro no cartório era soberano sobre os moradores do condomínio, ao contrário do que a doce sobrinha defendia.

Talvez só isso importasse. Ser proprietária.

Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado “Para nossas meninas”, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MILHARES DE
LEITORES**

APENAS

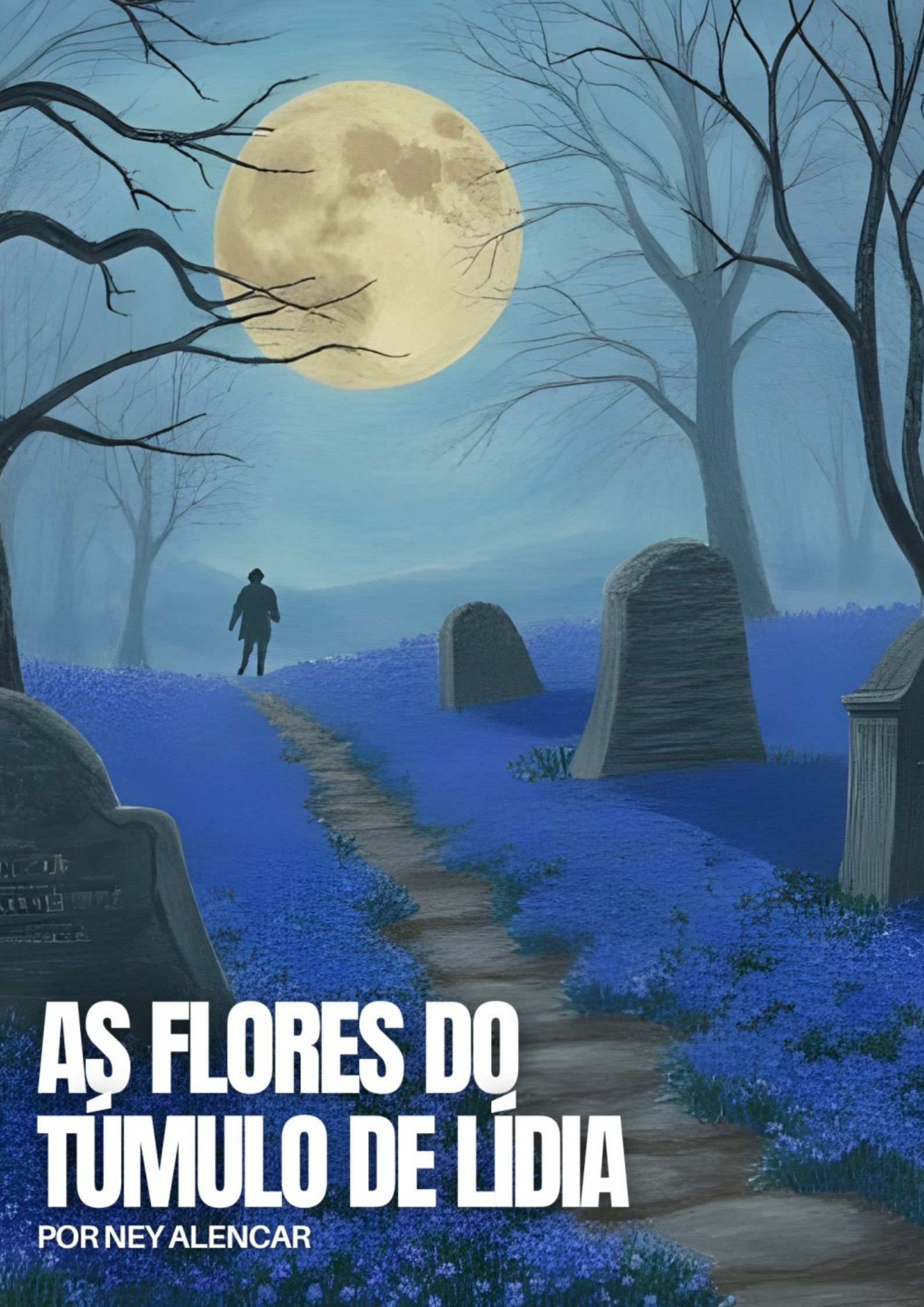
R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br





AS FLORES DO TUMULO DE LÍDIA

POR NEY ALENCAR

“A Lua má ilumina
O Acônito sobre o túmulo,
O lobo uiva!”

— Arrepio de Horror

O cemitério de Cova do Lobo era um lugar pernicioso e triste!

Existiam lugares pela Terra que pareciam ter sido esquecidos não apenas pelos homens, mas pela própria esperança, lugares onde o tempo não passava, apenas se acumulava, como poeira antiga nos interstícios das coisas que eram e das coisas que não eram.

Entre esses lugares silenciosos e desolados existia um cemitério muito antigo que os velhos camponeses evitavam mencionar depois do pôr do sol, quando um arrepio de pavor lhes descia pela espinha, este era o Cemitério de Cova do Lobo.

Diziam que o vento ali soprava de maneira diferente, como se vozes lupinas assobiassem ou talvez uivassem, chamando aquilo que já se fora ou aquilo que lá permanecia, diziam também que a terra ali era afeita à tomar conta do que lhe era depositado, guardando com cuidado desusado as ossadas e os tesouros enterrados e, sobretudo, diziam que o acônito medrava ali por entre os túmulos cinzentos e rachados como se a terra fosse amaldiçoada por uma assombração vetusta e selvagem!

O caminho que levava à Cova do Lobo começava como qualquer outro caminho de terra bruta, numa vereda estreita entre campos cansados e cercas tortas que já esqueceram o propósito de separar as terras em derredor.

Durante o dia, os pardais e canários da terra pousavam ali, e até o sol parecia ainda acreditar que aquele lugar pertencesse àquele mundo que tanto conhecemos, mas à medida que a trilha se inclinava para o vale onde jazia o cemitério, algo mudava, o ar tornava-se pesado, as árvores, os velhos carvalhos retorcidos e os pinheiros de galhos longos cheios de espinhos pretos, começavam a crescer de maneira estranha, como se tivessem sido retorcidos por algum vento antigo que nunca deixara de soprar, seus troncos curvavam-se em direções impossíveis e suas raízes emergiam da terra como dedos ossudos, esqueléticos, tentando escapar do solo. Era ali que o silêncio começava!

Não era um silêncio tranquilo dos campos plantados nem das florestas profundas, era um silêncio atento, que escutava tudo, que prestava atenção ao andar do homem.

Os moradores das aldeias próximas daquilo conheciam bem aquele trecho da estrada e nenhum deles passava por ele à noite, pois alguns afirmavam que já ouviram passos atrás de si quando caminhavam por ali, passos que cessavam no instante em que eles se viravam, passos que não eram de homem nem de bicho, mas talvez algo no entremeio!

Outros diziam ter ouvido algo respirando por entre os arbustos de espinheiro branco e todos concordavam em uma coisa apenas, que o cemitério de Cova do Lobo nunca fora um lugar que desejasse visitantes!

O cemitério repousava num afundamento do terreno, uma concavidade natural cercada por colinas baixas e densamente arborizadas, talvez tenha sido essa depressão na terra que dera origem ao nome fantástico de Cova do Lobo! Talvez não!

Antigamente, diziam os registros antigos da paróquia, lobos realmente rondaram aquela região, nos dias dos invernos antigos, seus uivos sinistros e famintos ecoavam

pelas colinas e faziam as crianças se encolherem perto do fogo, mas os lobos já desapareceram há muito tempo, ainda assim, as pessoas diziam que algo continua a uivar ali nas noites de inverno, algo que não tinha carne, nem era homem!

O portão do cemitério era feito de ferro antigo, negro como carvão molhado, estava preso a dois pilares de pedra cobertos por líquens cinza e rachaduras profundas, quase como marcas de garras profundas, rangia quando se movia, mas raramente alguém o movia, de fato, durante muitos anos permaneceu sempre entreaberto, como se tivesse sido abandonado no instante em que alguém decidira não voltar mais.

Nas barras de ferro, a ferrugem tomara conta como um musgo de bronze, algumas partes estavam tão corroídas que pareciam feitas de pó comprimido, no entanto, curiosamente, as dobradiças ainda resistiam.

O vento fazia o portão balançar de vez em quando e quando se movia, o som ecoava sinistro pelo vale como o lamento de algo que não queria acordar de seu sono tumular.

Dentro do cemitério, a terra era irregular e antiga, as sepulturas mais novas tinham um século, talvez mais, e as mais velhas pertenciam a uma era que já não vivia na memória dos homens, havia lápides inclinadas como dentes apodrecidos, havia cruzes de pedra partidas ao meio, havia túmulos cuja inscrição fora devorada pelo tempo, de modo que nenhum nome restava para lembrar quem repousava ali dentro, mas o que tornava aquele lugar verdadeiramente estranho não eram as lápides, e sim o acônito!

O acônito medrava por todo o cemitério, crescia entre as rachaduras das lápides, crescia ao redor das criptas, crescia onde a terra parecia mais escura, as flores surgiam em tufo densos e silenciosos, como pétalas azul-arroxeadas com a forma peculiar de pequenos capuzes, como monges venenosos inclinando-se em uma oração perniciososa e blasfema.

Durante o dia, o acônito parecia apenas uma planta selvagem e indócil, mas ao cair da tarde, quando a luz se tornava oblíqua, vermelha e dourada, as flores pareciam quase luminosas, como pequenas chamas frias surgindo entre os mortos deitados.

Os velhos da aldeia diziam que o acônito não deveria crescer ali em tal abundância, pois essa planta preferia montanhas frias e florestas sombrias, no entanto, na Cova do Lobo ela prosperava como se estivesse sendo nutrida por algo que corria sob a terra, algo antigo, algo que talvez não estivesse totalmente morto!

Entre as sepulturas existiam caminhos estreitos, embora poucos pudessem dizer quem os havia feito, talvez tivessem sido cavados pelos coveiros de outras eras, talvez tivessem sido moldados pelo simples hábito do vento passando sempre pelos mesmos lugares, ou talvez tivessem sido feitos por aqueles passos... aqueles passos que ainda caminhavam por ali. A terra nesses caminhos tinha uma coloração mais escura que o resto do cemitério e quando a chuva caía se tornava quase negra.

Em algumas noites, diziam os moradores, pequenas luzes azuladas podem ser vistas vagando entre as sepulturas, não eram lanternas, nem vaga-lumes, apenas flutuavam lentamente, como se estivessem procurando algo que fora perdido há muito tempo e quando essas luzes apareciam, o vento sempre rodopiava mais forte!

Havia uma cripta maior no centro do cemitério, pertencia a uma família que desaparecera havia muitas gerações, os Antunes de Cova do Lobo, era ali que Lídia estava enterrada! A bala de prata em seu peito não era corroída pela ferrugem!

A cripta era feita de blocos enormes de granito, escurecidos pela umidade e pelo musgo, o teto arqueado possuía fissuras profundas e uma das portas de ferro caíra parcialmente das dobradiças, sobre a entrada existia um brasão quase apagado, uma cabeça de lobo estilizada, erguida para uivar, abaixo dele, uma inscrição corroída pelo tempo que poucos conseguia ler, mas que os registros antigos afirmavam que dizia:

"Aqui jazem aqueles que ouviram o chamado."

Ninguém sabia ao certo que chamado era, mas o acônito crescia mais densamente ao redor dessa cripta do que em qualquer outro lugar do cemitério, as flores formavam um mar azul-escuro ao redor das pedras e em algumas noites, quando a lua estava alta se movia estranhamente, não por causa do vento, mas como se algo respirasse sob elas.

O cheiro da Cova do Lobo era peculiar, não era o odor simples de terra molhada ou de folhas apodrecidas, era algo mais profundo, um perfume amargo no ar, o perfume do acônito e misturado a ele havia um aroma metálico, quase imperceptível, que lembrava ferro antigo ou sangue seco, e em certas noites, quando a neblina subia das colinas, esse cheiro tornava-se tão forte que parecia quase palpável.

Alguns viajantes diziam que respirar esse ar por muito tempo provocava sonhos estranhos, sonhos de campos escuros, de vozes enterradas e de lobos caminhando por entre os túmulos em noites de lua cheia!

Havia também histórias... é claro... porque nenhum lugar como Cova do Lobo permanecia sem histórias por tanto tempo!

Uma delas falava de um pastor que certa vez se perdera ali durante uma tempestade, ele encontrou abrigo entre os túmulos enquanto a chuva caía violentamente, porém no início da noite, ouviu algo caminhar entre as lápides, pensou que fosse apenas um animal, mas o som não era de patas, era de passos, lentos e arrastados.

O pastor permaneceu imóvel até que os passos se aproximaram, então viu algo entre as flores de acônito, algo que se movia como um homem, mas cuja cabeça era demasiado coberta por pelos negros, cujos olhos brilhavam com uma luz selvagem e cruel.

O pastor fugiu antes de descobrir o que era e nunca mais voltou àquela parte do vale!

Outra história falava de um coveiro que trabalhara ali muitos anos atrás, seu nome era Joaquim Velho, era conhecido por ser um homem que não temia fantasmas.

Cavava sepulturas mesmo depois do pôr do sol, dizia que os mortos não se importavam com horários, então certa noite, enquanto abria uma cova perto da cripta dos Antunes, sua pá bateu em algo duro, ele pensou que fosse pedra, mas quando limpou a terra, viu um osso, um fêmur humano, porém estranhamente, não havia registro de nenhum enterro naquele local. Curioso, Joaquim cavou mais e encontrou mais ossos, e mais... e mais... tantos que o buraco parecia uma pilha de mortos esquecidos!

Na manhã seguinte, quando os moradores foram ao cemitério, encontraram a pá abandonada sobre um monturo de terra recém cavada, mas Joaquim Velho havia desaparecido, alguns diziam que fugira com medo, outros diziam que algo o puxara para

dentro da cova, o mais estranho era que, desde então, o acônito passara a crescer naquele ponto com uma intensidade quase sobrenatural.

Quando a lua cheia se erguia sobre as colinas, a Cova do Lobo tornava-se um lugar de beleza terrível, a luz prateada deslizava sobre as lápides inclinadas, as flores de acônito brilhavam como pequenas lanternas azuladas, as árvores ao redor projetavam sombras longas que se entrelaçavam entre os túmulos como dedos gigantes e o vento soprava, atravessando as criptas vazias, passando entre as cruzes de pedra, sussurrando através das flores venenosas e às vezes esse sussurro parecia formar palavras, antigas, que mais ninguém vivo recordava! Lídia as havia ouvido, certa vez!

Havia, por fim, a história que poucos gostavam de repetir, porque falava de algo que ainda acontecia, contava-se que em noites particularmente silenciosas, quando a neblina cobria o vale e a lua estava escondida atrás das nuvens, algumas pessoas afirmavam ouvir um som vindo do centro do cemitério, não era vento nem bicho, era um uivo, não um uivo de lobo comum... era um uivo longo, profundo, carregado de uma tristeza tão antiga que parecia ter vindo de séculos enterrados.

Quando esse som ecoava pela Cova do Lobo, as flores de acônito tremiam e o portão de ferro rangia lentamente, como se algo estivesse entrando ou saindo!

Assim permanecia o cemitério, esquecido e venenoso, coberto de flores que haviam nascido do silêncio dos mortos e assim permanecia Lídia!

Os homens evitavam aquele vale, os pastores conduziam seus rebanhos por caminhos mais longos e os viajantes apressavam o passo quando o sol começava a descer atrás das colinas, porque todos sabiam, mesmo aqueles que nunca ouviram as histórias, que havia lugares no mundo onde coisa que não eram nem vivas nem mortas caminhavam e a Cova do Lobo era um destes lugares!

Ali, entre lápides antigas e flores de acônito, algo vigiava pacientemente, algo que talvez tivesse sido homem ou talvez lobo ou algo ainda mais antigo que ambos.

E enquanto o vento continuar a soprar sobre aquele vale, e enquanto o acônito continuar a florescer entre os túmulos velhos, o cemitério permanecerá como sempre foi, um lugar maldito e assombrado onde a morte não chega nunca e onde o corpo de Lídia permanece sempre coberto de flores!

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

CELSUS

POR RAUL SCHAEFER FILHO



Aquele verão chegou castigando. Os aparelhos de ar-condicionado rateavam em seus impulsos. O imenso calor deixava tudo e todos modorrentos. Lara passava mal à noite, não conseguia pregar o olho. Saía para caminhar e tentar respirar um ar, embora este se apresentasse morno e sufocante. Não havia jeito, as gargantas secavam e imploravam por líquidos, de preferência gelados, muito gelados. Andou em direção à praia, sabia da existência de um bar pé na areia; moveu-se devagar, puxando o fôlego até não mais sentir ar nenhum. Ao pisar na areia macia foi tomada por sensações de imenso prazer. A leveza de suas passadas afundando na areia morna direcionou-a quase como um autômato para o bar, àquela hora bem iluminado e com a presença de sólida freguesia. Pediu uma água bem gelada e prosseguiu em seu passeio noturno pela beira do mar até vir o cansaço que a fez sentar-se sobre a areia. Dali a pouco Lara deitou-se para relaxar de vez. Observou o bailado das estrelas escondendo-se atrás das nuvens velozes. Enquanto assim entrava em distração uma pessoa furtivamente se aproximou e tomou-lhe a garrafinha com o pouco resto de água; assustando-se Lara perguntou porquê fizera aquilo e a menina maltrapilha respondeu rapidamente que a sede a impulsionou ao gesto. Fixando-se na criatura de aspecto descuidado Lara perguntou por seu nome, recebendo a resposta de pronto: “Ingrid”. E o que fazia perambulando àquela hora da madrugada? Foi a indagação de Lara, mais para si mesmo do que para a criança que estava à sua frente. Não, não fazia nada, e há muito tempo estava sozinha, abandonada pelos seus parentes, vivendo de sobras e migalhas conseguidas à duras penas. Sobrevivia pelas praias próximas, ruas e ranchos de pescadores, esmolando às portas dos bares e restaurantes.

Lara percebeu que a menina estava com fome, não se alimentara durante todo o dia e parte da noite. Convidou-a, então, para acompanhá-la até um carrinho de lanches, desses que atravessavam a noite esperando fregueses, num quebra galho imensurável. Caminharam pela praia até encontrar um e saciarem-se com lanches e refrigerantes. A criaturinha, com efeito, comeu tanto que chegou a passar mal. Mas a caminhada que se seguiu a esse ágape aliviou-a da indisposição, despedindo-se de Lara e indo em frente. Lara voltou para casa pensativa e com enorme aflição.

Os dias de veraneio pareciam a Lara ter criado asas, pois já chegavam ao fim. Faltavam poucos dias para o gozo de tal descanso terminar. No interregno do primeiro encontro ao período passado Lara voltou muitas vezes a encontrar “Ingrid da Praia”, como era conhecida na região, e em todas elas oferecia um pequeno óbulo, que obviamente era aceito pela criaturinha. Conversavam bastante sobre assuntos vários, porém a menina jamais tocou em temas confessionais sobre sua vida e família. Qualquer tentativa de maior proximidade ela desviava e dava um jeito de se afastar rapidamente. Se tal se constituía em serra proibida, não se tocava mais no assunto e o colóquio virava a página para seguir com amenidades.

Quando os dias de lazer de Lara chegaram ao término e devia retornar para a cidade, ouviu, num pretendido último passeio pela areia, que haviam resgatado um frágil e pálido corpo próximo às pedras que separavam uma praia de outra contígua. O zum-zum referia-se que fora retirado do mar, empurrado pelas ondas que o comprimiam contra as pedras. A única peça de roupa que cobria o corpo franzino tratava-se de um farrapo. E, o

fato que apertou o coração de Lara e quase lhe deixou apnéica, que era uma menina. Agoniada, ofegante, buscou por mais informações, que chegavam fragmentadas, mencionando uma menina da praia, que vivia por ali sozinha e esmolando, até que alguém curto e objetivamente referiu-se a “Ingrid da Praia”. A pequena Ingrid conhecida de todos os frequentadores daquele balneário, a protegida dos moradores e daqueles que costumavam passar ali o verão. A orla da praia era uma só tristeza e amuo.

Não dava para partir sem ter a história inteira para ser contada. Lara procurou detalhes, mas estes se perdiam numa e noutra fala. Ainda com o peito confrangido, tomou coragem o foi a Polícia. Sim, o corpo encontrado boiando e sendo jogado contra as pedras pelo mar em fúria, coberto com farrapos, pertencia a uma criatura do sexo feminino, magra, entrando na pré-adolescência, apresentando sequelas de esganadura e compatíveis com crime sexual. Não tinham, por ser recente o fato, nenhum indício de autoria do ato hediondo, só que a pequena e débil vítima teria sido estuprada e assassinada. Isso a perícia médico legal já havia atestado. “Meu Deus”, pensou Lara, “quem teria coragem ou insensibilidade para tamanha barbárie”. Consternada, indignada, retirou-se dali lépida, com a viva lembrança da menina Ingrid gravada em sua retina. Na agora derradeira volta pela praia, molhando os pés no bater das ondas do mar e enterrando-os na areia alva, em inspiração acelerada, via a criança aproximando-se em passos lentos, em silêncio, e subtraindo sua alegria.



Raul Schaefer formado em Direito pela UFSC e reside em Florianópolis, tendo participado de várias antologias literárias com poemas, contos, crônicas e artigos.

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

NO FIM DO HORIZONTE

POR ROBERTO SCHIMA



Nas entranhas incomensuráveis do Universo, uma infinidade de enigmas aguardava ser revelada e outra talvez jamais se deixasse revelar. Entrementes, o maior de todos os mistérios constituía-se no próprio Universo.

(Extraído das Crônicas de Ao, o Azulão)

1 — AO E AKA

Ícaro 200611 viajava em meio a lugar algum no espaço sideral.

A nave de oitocentos metros de comprimento e metade disso de diâmetro mal passava de um raio de luz, à medida que singrava o vácuo, envolto em sua capa de energia, refletindo a luz das estrelas ou deixando-se ver em razão dos holofotes em sua fuselagem. Era um objeto extraordinário em uma missão extraordinária.

Na sala de controle, o gesto dele foi o similar ao de alguém a coçar o queixo. Falou: — Tem certeza de que estamos no caminho correto?

Seu nome era Ao. Ele era um androide Azul, espécie fisicamente superior a qualquer ser humano e até aos demais androides, autômatos e robôs. Destinava-se a efetuar serviços na área de segurança e manutenção principalmente, embora pudesse atuar também em outros setores, como um co-piloto, por exemplo. Um deles até fora visto a tocar violino.

— Sim, embora sempre haja uma margem de incerteza, como bem sabe — respondeu Aka, o androide Vermelho. — As variáveis são ilimitadas.

Aka, sem dispor do mesmo vigor físico de Ao, nem por isso deveria ser subestimado. Os Vermelhos eram uma espécie destinada a efetuar trabalhos que exigiam maior atributo intelectual, milhões de cálculos em frações de segundos, estratégia, missões científicas. Mas, a exemplo de Ao, trabalharia igualmente bem em outras áreas, atuando, por exemplo, como um operário ou engenheiro mecânico. Certa feita, em uma demonstração de força, os cinquenta homens mais fortes de Dédalo foram necessários para imobilizar um único Vermelho.

Em verdade, Ao e Aka eram muito parecidos fisicamente, excetuando-se a cor predominante de cada um. Até o timbre de suas vozes era idêntico um ao outro. Mas a verdadeira semelhança ia além, em suas essências organossintéticas.

Ícaro 200611 era um veículo colonizador. Como centenas de outros, fora enviado a partir da base no planeta errante Dédalo para efetuar reconhecimento no espaço profundo e retransmitir suas descobertas. A prioridade era o encontro de um sistema solar adequado à vida, o que significava dizer aquele que estivesse mais próximo, já que qualquer mundo banhado por um sol seria mais aprazível do que o vagar sem destino através do Universo em um gélido mundo órfão.

Cada segundo contava a cada nave batedora, pois a distância em relação a Dédalo aumentava e, em análoga proporção, o tempo e a qualidade da transmissão.

2 — DÉDALO

Quanto às origens da colonização de Dédalo...

A princípio, abordar um planeta órfão parecera uma boa idéia, uma oportunidade única — uma em um zilhão, brincaram os astrônomos na época —, e diversas missões exploratórias de várias nações foram enviadas para saudar o ilustre visitante cósmico.

Ele surgira nas imediações do Sistema Solar, vindo sabia-se lá de onde.

Inúmeras descobertas foram realizadas em sua superfície e abaixo dela por geólogos, químicos e, até, biólogos. Um fragmento de uma cadeia de DNA cujo formato em vez de ser de dupla hélice era o de uma hélice tripla tirara o sono de muita gente e dera muito o que falar. Inúmeras conjecturas foram feitas a respeito de como poderiam ser as formas de vida dessa natureza. Paleontólogos na Terra imploraram pela busca de fósseis. Astrônomos debateram sobre a origem daquele mundo, mas tudo o que puderam dizer fora afirmar que o planeta viera da direção das Plêiades, não destas propriamente, posto tratassem-se de estrelas bastante jovens. Segundo os resultados das análises preliminares, o mundo errante teria em torno de seis bilhões de anos, portanto, mais antigo do que o próprio Sistema Solar. Era uma verdadeira arca de tesouro. Todavia, o tempo era restrito, pois esse planeta órfão, batizado com o nome da personagem mítica Dédalo, chegara a uma altíssima velocidade e partiria de igual maneira.

Então, ocorrera o desastre.

Os registros precisos perderam-se, contudo, de concreto restara que os humanos pousados em Dédalo não puderam retornar a Terra a tempo. Assim, a exemplo de naufragos em um navio sem controle, desapareceram na escuridão cósmica; longe de seus países, de suas famílias, de seu planeta natal para sempre.

Contudo, conforme fora dito havia milhares de anos, a vida encontrava um caminho.

Um milagre tão grande quanto a probabilidade de Dédalo surgir fora a instauração de uma colônia internacional de emergência, utilizando-se de materiais do próprio planeta, os quais não somente permitiriam a sobrevivência de técnicos, cientistas e militares, mas estes prosperariam e multiplicar-se-iam através de gerações, dando origem aos dedalanos. Tal sucesso teria sido impossível não fosse a presença dos robôs, autômatos e andróides. Não seria de forma alguma precipitado afirmar que as máquinas salvaram a humanidade em Dédalo. Elas transportaram o conhecimento da Terra em seus bancos de dados, processaram o solo, extraíram os ingredientes para obter água, atmosfera respirável, energia e minerais úteis. Como alguns cientistas levaram amostras animais e vegetais, embriões, algas, sementes e culturas de microorganismos para experimentos, estes serviram de base à lavoura e criação de animais geneticamente adaptados que, logo, ocupariam diferentes nichos em galerias subterrâneas adequadamente criadas.

Muito tempo decorreria até os dedalanos serem capazes de construir naves espaciais e mais ainda que os possibilitasse a realizar vôos interestelares, pois, conforme seria sabido, não haveria possibilidade de retorno.

Porém, cedo ou tarde, tal dia chegaria.

3 — A COISA

Agora, a *Ícaro 200611* seguia seu curso em resposta a um fenômeno incomum recém-detectado.

Enquanto pesquisavam as ondas eletromagnéticas circurdantes, Ao e Aka, subitamente, depararam-se com uma radiação que permeava todo o espaço, nas mais diferentes direções. Essa radiação era conhecida fazia um longo tempo e fora batizada de radiação cósmica de fundo. Seria o resíduo em micro-ondas do Big Bang, o jorro de energia que dera origem ao Universo havia quatorze bilhões de anos. Porém, não fora isso o que atraía a atenção dos andróides. Encontraram uma irregularidade no tecido dessa radiação, uma espécie de nódulo. E, como se não bastasse isso, esse nódulo movia-se... e pulsava. Pulsações de energia não eram fenômenos cosmológicos incomuns, mas, naquele caso, não correspondia a qualquer fenômeno conhecido. Por isso, não obstante a missão primordial de encontrar um planeta habitável em um sistema solar, Ao e Aka decidiram investigar. Séculos e séculos de aprimoramento, tornaram os andróides não somente conscientes, mas dotados de livre arbítrio. Em verdade, gozavam de um *status* superior ao das centenas de humanos que mantinham adormecidos nos conveses inferiores.

— E agora, como está? — indagou o andróide Azul.

— O sinal está mais forte. Estamos próximos — disse Aka. — Na verdade, encontramos-nos praticamente numa trajetória de colisão. Devemos iniciar a freagem e acelerar no sentido oposto a fim de que a coisa nos alcance suavemente e possamos analisá-la. Já ergui o escudo de energia. Agora...

Ao ficou inquieto.

— "Coisa", Aka?

— Em vez de acompanhar os instrumentos, irmãozinho, deveria conectar-se a eles. Teria os dados instantaneamente em seus miolos.

O andróide Azul fez uma careta.

— Sabe que eu não gosto disso. Prefiro o método natural.

— "Natural"... Curioso utilizar esse termo. O que eu sei, Ao, é que, às vezes, você é humano demais.

O andróide Azul virou-se, ofendido. Todavia, antes que pudesse proferir uma enxurrada de impropérios, viu o divertimento no rosto de Aka. Vez ou outra este fazia isso, brincava com os sentimentos dele, ainda mais depois de saber do quão pouco Ao gostava de ser comparado aos homens. Embora os ancestrais da raça humana os tivessem criado a sua imagem e semelhança, após centenas de gerações, os andróides ultrapassavam-nos sob todos os aspectos: físicos, mentais, morais. E, a maior demonstração da superioridade andróide foi a de que, ao contrário dos atos da humanidade em relação aos povos menos desenvolvidos, os andróides não os exterminaram. Não que isso não implicasse em um exercício constante de paciência. Felizmente, Ao e Aka tiveram paz a bordo da *Ícaro 200611* e os hibernantes em seus casulos.

— Lembre-me de dizer depois onde você deverá enfiar esse seu comentário — retrucou o androide Azul, erguendo o punho fechado, mas rindo em seguida. — Fale de uma vez o que quer dizer com "coisa"?

Ao mesmo tempo em que fazia os ajustes necessários nos instrumentos da nave, Aka explicou:

— A origem das pulsações é um objeto sólido, grande, maior do que a *Ícaro*. Está rodeado por um campo de energia de altíssima potência. Nunca vi algo assim e, entretanto...

Ao deu de ombros.

— Um corpo celeste desconhecido, um jorro condensado de energia de um quasar. Já nos deparamos com diversos fenômenos nessa escuridão sem fim, Vermelhão.

— É algo além disso. Estudei a pulsação. Ouça.

Aka ligou o áudio e exibiu gráficos, tabelas e diagramas em uma tela diante deles. A frequência das pulsações era tão elevada que percorria a tela como uma faixa larga em tom violeta. O som era o de um zumbido contínuo e irritante. O androide Vermelho foi reduzindo a frequência em centenas de vezes, até a cor mudar para um azul análogo ao do corpo de Ao e as pulsações tornarem-se discerníveis. Assemelhava-se a um coração extremamente rápido.

— O ruído me é familiar — comentou Ao.

— Claro que é... Veja!

Aka fez surgir uma divisão na tela e, sob o primeiro diagrama, surgiu outro. Ambos eram idênticos.

— E daí?

— Ora, cabeça oca. Essa pulsação debaixo é a de nossa nave!

— Você quer dizer...

— Sim, sim... SIM! Renove seus circuitos, Ao! Seja lá o que for que vem em nossa direção, trata-se de outra nave! Muito maior e mais poderosa, mas, definitivamente, outro veículo de origem desconhecida.

— Devemos despertar os humanos?

— Para quê? Somente iriam atrapalhar. Nós precisamos estar totalmente atentos à manobra. E ao perigo que aquilo pode representar.

— "Perigo"?

— Nunca se sabe, irmãozinho.

4 — DO INÍCIO DOS TEMPOS

Em algum lugar do Cosmo, um encontro extraordinário estava prestes a acontecer.

A misteriosa nave aproximava-se rapidamente.

Seria hostil?

Qual a sua origem?

Como seriam os ocupantes?

Poder-se-ia estabelecer comunicação?

Teriam uma natureza orgânica ou inorgânica?

As perguntas não cessavam e ambos os andróides tinham de processá-las.

Ícaro 200611 havia freado e revertido a sua propulsão e, agora, procurava acelerar de tal maneira a emparelhar com a outra espaçonave à mesma velocidade.

Em um Universo entremeado de perguntas, mais surpresas aguardavam Ao e Aka.

Holofotes foram acionados e, através da escuridão do Cosmo, a outra nave surgiu no alcance visual, envolta em seu casulo azulado de energia. De fato, o veículo alienígena era gigantesco e percebia-se estar bastante danificado, cercado de debris. Aparentemente, faltavam-lhe partes, todavia, daquele ângulo, com a nave alienígena ainda na retaguarda, não era possível dizer muito mais. Foi somente quando, enfim, a *Ícaro* posicionou-se ao seu lado, que os dois andróides ficaram de queixo caído.

Inacreditável.

Impensável.

Impossível.

Não foram os danos o que primeiro chamou a atenção.

Foi a configuração da espaçonave.

Mais impulsivo, Ao tomou a dianteira e manifestou-se:

— Exceto pelo tamanho... Assemelha-se a *Ícaro*!

— Não tem como! Sabe a que distância estamos de Dédalo? Já ouvi falar sobre coincidências e até sobre evolução convergente, todavia, tecnologia convergente, aqui, nos confins do Universo, entre espécies tão singulares, num mesmo intervalo de tempo e sob uma infinidade de variáveis...

— Raios partam as teorias, Vermelhão. Somos testemunhas, aqui, diante de nossos olhos.

Aka, o andróide vermelho, alternou sua visão da nave para o painel diante de si. Fez uns ajustes e sua boca abriu-se, momentaneamente emudecida pelo resultado obtido. Repetiu a medição. Tornou a fazê-lo. Seu rosto era o assombro personificado. Um assombro rubro.

— Estes instrumentos *têm* que estar defeituosos.

— Por quê?

— Porque a leitura é um completo absurdo!

— E qual seria?

— Veja você mesmo, Ao. Não sei como, nem por que, mas essa versão tamanho família da *Ícaro* tem a mesma idade que a radiação de fundo!

— Quatorze bilhões de anos?

Aka confirmou num vagaroso aceno de cabeça.

Era um dado impossível diante de uma visão improvável.

O silêncio caiu pesado por alguns instantes na sala de controle.

Veza ou outra, alguns dos detritos chocavam-se contra o casco da *Ícaro*.

Quatorze bilhões de anos atrás o Universo conhecido nascera. Nada havia — Não deveria haver! —, nem matéria, nem espaço, nem tempo. Tudo brotara numa pequeníssima fração de segundo em uma microbolha de incomensurável energia. A temperatura era de trilhões de graus centígrados, tão elevada que faria o coração de uma estrela assemelhar-se a um bloco de nitrogênio sólido. O existir constituía-se num fluido plasmático de quarks e glúons. Matéria alguma poderia organizar-se naquele instante.

Nenhum átomo conseguiria formar-se. O que dizer, então, de uma espaçonave? Era um enigma insondável demais para ser real, e, por isso, exigia uma resposta.

5 — SALTO GIGANTESCO

Quando a quietude prolongara-se mais do que o suportável, o androide Azul novamente tomou a dianteira.

— Temos que abordar a nave. É a única maneira de solucionar o mistério. Eu vou.

— Perdeu de vez seus parafusos, Ao?

— Sabe que eu nunca fui tão bom quanto você ao lidar com instrumentos, no raciocínio lógico e tudo o mais. Não por acaso, você é escarlata. Porém, em se tratando da parte física, sempre fui o mais preparado. Para alguma coisa eu tenho que servir, Vermelhão. Irei às entranhas daquela coisa, perto de onde seria a sala de controle, caso a semelhança em relação à *Ícaro* persista.

Aka não soube o que responder, o que não era comum.

Ao completou:

— Tomarei cuidado. Só preciso que manobre o mais próximo que puder daquilo. Isso é algo que eu jamais conseguiria fazer.

— Mas, a radiação...

— Vestirei um traje. Escute, precisamos tentar. Um robô ou autômato não têm autonomia o suficiente. Um humano não suportaria.

Aka cedeu.

— Mantenha-me informado.

Ao fez um sinal de sim com a cabeça e saiu velozmente, dirigindo-se a uma das escotilhas de fuga. Tentaria penetrar na nave maior através de uma das fissuras que corromperam seu casco.

Aka moveu a *Ícaro* tão cuidadosamente quanto àquela situação extraordinária permitia. Questões demais assolavam sua mente organossintética feito uma tempestade a ponto dele bloqueá-las a fim de não perder o controle. Através das câmeras externas e internas, observou o androide Azul vestir o traje. Sorriu quando este, através de gestos, fingiu um certo pudor, como se fosse um humano surpreendido nu em seu quarto. "Azulão idiota!", pensou sem maldade, preocupado com a segurança do outro.

Havia séculos trabalhavam juntos e essa união não somente criara um verdadeiro laço de companheirismo, como os tornara mais próximos do que nenhum par de irmãos humanos conseguiria. Eram quase uma unidade. Por vezes, Aka sentia os pensamentos de Ao em seu cérebro, antes que este se expressasse em palavras. E sabia ser a recíproca verdadeira. Na tela, Ao fez um sinal de positivo para a câmera. Vacilou um instante e, no seguinte, acionou a abertura da escotilha, segurando-se para que o fluxo repentino da atmosfera ao ser liberada para o espaço não o cuspsisse para fora. Posicionou-se, atento a carcaça fragmentada da outra nave. De repente, por entre o vazio do espaço, saltou. Suas pernas possuíam um impulso superior a de qualquer ser humano ou androide Vermelho. Foi como um feixe azulado sob a luz dos holofotes a lampejar rapidamente de uma nave a outra. Ao conseguiu.

Se Aka fosse humano, teria soltado a respiração presa.

Era um pequeno passo para um androide, mas um salto gigantesco para o Universo.

6 — EXPLORAÇÃO

"Uau!", exclamou Ao em pensamento, pois, evidentemente, não se poderia fazer ouvir no vácuo.

O interior da nave desconhecida estava incinerado, metais derretidos, entranhas expostas e milhões de fragmentos a flutuar. O campo de energia protegera-lhe uma parte e, evidentemente, algo mais funcionava em seu interior, haja vista a pulsação detectada.

Ao acionou sua luminosidade interna e os feixes de luz emanados de seus olhos guiaram-no pelos compartimentos e corredores às escuras. O magnetismo em seus pés evitava dele flutuar em meio aos destroços, todavia, anulava-o quando havia espaço livre o suficiente para um vôo de uma extremidade a outra.

"É incrível..."

A voz de Aka surgiu dentro de seu cérebro organossintético:

"O que foi, Ao?"

"Consegue enxergar através de meus olhos?"

"Sim, gravando tudo, mas sem a sua percepção física do lugar. O que foi?"

"Bem, Vermelhão, de fato, estamos em uma nave parecida com a nossa, digo, construída por andróides como nós. Incrível, não? Há restos de vários deles espalhados por aqui. É uma cena de horror. Estão queimados e derretidos demais para serem restaurados, contudo, a semelhança vai além de uma simples coincidência ou convergência. Mas..."

"Mas..."

"São maiores, mais possantes, mais capazes... Em suma, mais avançados. Há mecanismos, dispositivos e órgãos similares aos nossos; outros, porém, guardam uma tecnologia desconhecida. Ocorre algo idêntico em relação à própria nave. Vou me apressar até o centro de comando. Este cemitério ambulante não durará muito tempo. Tudo está desmantelando ao meu redor."

"Continue, Ao, porém, tome cuidado."

"Sim, irmãozinho."

Em dado momento, Ao perdeu-se. Havia setores completamente distintos da planta da *Ícaro 200611*, mecanismos diferentes, outros princípios. E muitos danos.

Viu-se diante de uma porta emperrada. Precisou de toda a sua força — que não era pouca — para abri-la, entortando a chapa metálica no processo.

Seus olhos abriram-se, horrorizados, ampliando a área de iluminação da cena.

"Aka..."

"Estou vendo, Ao, estou vendo."

O androide penetrara no interior de um cilindro cujo diâmetro ultrapassava os cem metros de diâmetro. Estendia-se por cerca do dobro de comprimento e, sua parede

interna estava revestida de casulos, milhares e milhares deles. Muitos se quebraram ou desprenderam-se.

A voz do androide vermelho sussurrou na mente de Ao:

"Tem alguém vivo?"

"Vou verificar."

"Estou feliz por não estar aí."

"Isso não ajuda!"

Ao aproximou-se do casulo mais próximo. Chamou:

"Aka?"

"Sim, estou vendo. Um tanto embaçado, mas vejo."

"Talvez tenha ocorrido algum aprimoramento genético a julgar pelo fenótipo, mas, sem dúvida, é humano. Trata-se de uma astronave de Dédalo!"

"Como isso é possível?"

"Só saberemos depois que eu apanhar os dados na sala de controle. Esse aí está morto. Infelizmente, acredito que todos os hibernantes pereceram. Os estragos sofridos pela nave cortaram o fluxo de energia, desconectando os circuitos vitais. A seção de embriões está igualmente danificada. Perda total. Talvez algo do banco de sementes possa ser salvo."

"Ainda assim, quando retornar, traga um dos embriões para exame de DNA e um recipiente de sementes."

"Entendido. Vou acelerar minha busca. Sinto fortes vibrações sob os pés. Isso irá despedaçar-se."

O androide Azul apanhou as amostras e guardou-as em um compartimento interno de sua coxa. A seguir, acelerou o passo em direção à sala de controle.

Havia mistérios demais e tempo de menos. O relógio não estava a seu favor.

Chegou ao que seria o centro de comando. Encontrou o coração da nave, aquele cuja rápida frequência continuava a dar sinal de vida. Todavia, os painéis e dispositivos estavam inoperantes. Não havia maneira de acessar os arquivos de memória. E, ainda que houvesse, as diferenças de conexões e, certamente, de programação, tornariam incompatíveis qualquer tentativa de *download*.

A nave sacudiu.

Uma das paredes fragmentou-se.

Partes dos circuitos e dispositivos perderam-se no espaço.

"Preciso sair!"

"Sim. Tenho uma panorâmica externa da nave. Está desmanchando. Saia daí!"

Um lampejo súbito de energia emanou da nave.

O contato foi interrompido.

Na *Ícaro*:

— Ao!... Ao!... AO!

Nada.

Minutos se passaram.

Mais e mais pedaços desprenderam-se da outra nave, rodeando-a como pequenos satélites.

— AO! AO! AO!

Silêncio.
— Ao...

7 — OPERAÇÃO DE RESGATE

Assumindo um risco incalculável, Aka abandonou seu posto no controle da *Ícaro 200611* e correu para a escotilha de fuga utilizada por Aka.

A irmandade entre andróides era um fenômeno estranho. Fazia assumir riscos impensados além de toda a lógica inserida durante séculos nos cérebros organossintéticos. Tal lealdade só se comparava ao relacionamento de cães com seus donos, todavia, nunca do dono para o seu cão ou de um humano para outro.

Depois de pressurizar o compartimento de escotilha para que ele pudesse entrar, Aka amarrou-se a um cabo de segurança e, tornou a despressurizar.

A físsura no casco era como a bocarra de uma fera.

Aka correu e saltou em direção a ela. Seu cálculo foi imperfeito e ele bateu em um destroço. Ficou momentaneamente pendurado pelo cabo, batendo a esmo nos restos da outra nave até conseguir agarrar-se e, lentamente, avançar em direção da abertura. O cabo era bastante longo, porém, limitado. Aka avançou tropeçadamente em meio aos destroços.

"Ao! Ao! Ao!", insistia em chamar em sua mente.

Podia sentir a energia crescente da nave misteriosa. As pulsações tornavam-se mais e mais insistentes. Era uma espécie de bomba-relógio e, em breve, seu núcleo explodiria.

Finalmente, o andróide vermelho divisou um par de luzes adiante.

"AO!"

Correu naquela direção.

Caído, preso sob uma viga de duas toneladas estava o andróide Azul.

"Ao!"

"Aka? O que faz aqui?"

"O que acha?"

"E o miolo mole sou eu..."

O andróide vermelho firmou imediatamente os pés magnetizados no piso e exerceu força a fim de levantar a viga.

A viga sequer rangeu.

Aka insistiu desesperadamente.

Ao procurou ajudar, contudo, só contava com a força de seus braços, já que, da cintura para baixo, estava imobilizado.

"Não adianta, Aka. Retorne à *Ícaro*. Sua obrigação maior é para com a nave e os tripulantes."

"Não!"

"Aka!"

"Cale a boca e faça força!"

Foi inútil.

A viga era pesada demais e, certamente, havia algo que a fazia prender-se ao piso da nave, uma atração magnética, uma mola ou algo assim, caso contrário, estaria flutuando em meio ao caos desprovido de gravidade que os rodeava.

"É o fim da linha", murmurou Ao.

Aka pretendia retrucar, porém, ele próprio chegara à idêntica conclusão. Podia extrair a lógica matemática do caos, efetuar milhões de cálculos por segundo. Mas não conseguiria salvar Ao, o androide Azul, seu companheiro, seu irmão. E isso era apavorante.

Subitamente, um vulto enorme ergueu-se entre as sombras. E avançou.

Ambos arregalaram seus olhos e os fochos de luz iluminaram.

Era outro androide.

Assemelhava-se a eles, porém, possuía o dobro da altura. E era Dourado. O gigante avaliou a situação em poucos segundos. Em seguida, agachou-se e segurou a viga, exercendo uma força descomunal para levá-la, tão grande a ponto de seus pés afundarem no piso de metal.

Sem questionar ou titubear, Ao e Aka tornaram a tentar.

A viga cedeu e começou a ser erguida.

Aka, imediatamente, agarrou o braço do androide Azul e arrastou-o. A cintura de Ao estava esmagada e metade dele ficou para trás. Aka colocou-o as suas costas, virou-se para o androide Dourado e disse mentalmente:

"Se me compreende, siga-nos!"

E correu de volta para a abertura, acompanhando o cabo.

O colosso foi logo atrás.

Entretanto, na fissura, Aka hesitou. Se falhara ao tentar vir da *Ícaro 200611* para a astronave gigante, como esperava ter êxito no caminho inverso com Ao às costas? Felizmente, não teve tempo para maiores divagações. Sentiu ser erguido e, de súbito, um facho de luz dourado cortou o vácuo entre as duas naves.

Aka, Ao e o gigante estavam em segurança no compartimento da escotilha de fuga. Aka tratou de fechá-lo e fazê-lo pressurizar.

Estavam a salvo.

8 — KIN-IRO

Aka afastou a *Ícaro* para longe da gigantesca nave.

Era um colibri reluzente a fugir feito raio de uma harpia, tal a diferença de tamanho entre ambas.

Embora a olhares menos sensíveis não passasse de escória espacial, a nave naufragada era impressionante, tanto por suas proporções quanto pelos inúmeros enigmas que encerrava em suas entranhas retorcidas. Havia um inigualável sentimento de pesar e injustiça compartilhado pelos androides diante de seu destino. Afinal, ela cumprira uma jornada épica! Viera de tão longe no tempo e no espaço, trazendo dentro si tamanhas esperanças — tantas quanto os sonhos das vidas perdidas —, para no final consumir-se em uma supernova.

Ao e Aka sentiram como quê um aperto no coração. Este deu voz a esse sentimento:

— Não está certo!

A manobra foi realizada bem a tempo, pois não tardou e a gigante explodiu silenciosamente em um bilhão de partículas.

O gigante Dourado observou por um longo tempo, sem esboçar reação. Mas, sem dúvida, havia algo de solene em sua postura... como em um funeral.

O que viria a seguir seria um novo e extraordinário capítulo do êxodo androide entre as estrelas.

Primeiramente, Aka cuidou de reparar o androide Azul. Havia peças e partes sobressalentes numa seção específica da *Ícaro 200611*, contudo, face à presença do convidado inusitado, decidiu por bem seccionar um androide desativado a fazer em um nicho próximo em vez de ausentar-se. Teria muito a explicar à metade remanescente da "bela adormecida" quando esta fosse despertada. Cada coisa a seu tempo. Livrou-se das partes amassadas de Ao, uniu algumas conexões delicadas, fez os ajustes necessários e deu-se por satisfeito.

— Como está com suas novas pernas?

O androide azul ensaiou alguns passos e, logo, caminhava normalmente como se nada houvesse ocorrido, todavia, considerando-se seu temperamento, não deixou de comentar:

— Sei não, mas acho que engordei!

Sim, esse era Ao, tão falastrão como se tivesse acabado de sair de um útero organossintético.

Estavam na sala de controle.

Os três.

O androide Dourado levou dois minutos para ajustar-se ao banco de dados da nave e absorver o conteúdo de sua biblioteca, depurando diferenças linguísticas e outras tantas que haviam. Apresentou-se, dizendo seu nome.

O androide Azul acenou um não.

— Negativo. Aqui, você será chamado de Kin-iro, grandalhão.

— Kin-iro — repetiu o gigante em tom crítico, digerindo a informação. — Kin-iro...

Aka intrometeu-se.

— Qual a sua história? Sua própria existência e a de sua nave são inacreditáveis!

— Isso, Douradão, diga-nos, afinal, salvamos a sua vida.

O gigante olhou-os em silêncio.

Ao sacudiu a cabeça e, a contragosto, corrigiu-se:

— Tudo bem, você salvou nossas vidas. Digamos que foi elas por elas. E, já que as amostras que eu apanhei ficaram para trás, na minha outra metade, *você* é a nossa amostra. E que amostra!

O colosso sentou-se no chão, pois não havia nenhuma cadeira que suportasse seu peso sob a gravidade artificial da *Ícaro 200611*, e falou:

— Pois bem, tampinhas, acomodem-se, pois trago um alerta de extrema importância que refletirá no destino daqueles que permaneceram em Dédalo.

O androide Azul virou-se para o Vermelho.

— Entendi corretamente? Ele chamou-nos de "tampinhas"?

— Quietos, Ao. Vamos ouvi-lo.

— Como ele conhece Dédalo?

— Cale-se e ouça, irmãozinho!

E foi assim que o gigante Dourado, Kin-iro, o mais novo e espantoso tripulante da *Ícaro* narrou a sua inacreditável jornada.

9 — O PORQUÊ DA JORNADA

Kin-iro poderia ter inserido seu relato diretamente nas mentes de Ao e Aka, porém, preferiu falar. Talvez, como Ao, o androide Dourado tivesse algo de humano também e relutasse em admitir.

— Minha astronave chamava-se *Argo*. Eu e os demais tripulantes viemos de Dédalo, o planeta órfão. Sim, o berço da humanidade perdida e dispersa no espaço. Todavia, somos de uma época equivalente a mil e seiscentos anos no futuro de vocês.

— "Mil e seiscentos anos no futuro"? — disse Ao. — Mas e os quatorze bilhões de...

Aka deu-lhe uma cotovelada.

— Escute Kin-iro. Só escute.

— Tá bem.

O gigante prosseguiu.

— Nesse período, Dédalo atingira o seu primeiro milhão de habitantes humanos e três vezes mais do que isso em população artificial. Foi quando detectaram um objeto no caminho de Dédalo. A princípio, os astrônomos julgaram tratar-se de um asteroide. Não tardou para que o objeto mudasse de curso, demonstrando não ser um pedaço de rocha.

Ao não resistiu:

— E o que...

— Era uma nave alienígena. Em verdade, não houve tempo para concluir se se tratava de uma espaçonave ou se o próprio objeto fosse a criatura. Atacou Dédalo e começou a absorver tudo em seu caminho. Os humanos reagiram, porém, todas as tentativas em deter o monstro resultaram inúteis. Androides, autômatos, robôs, humanos, fauna e flora foram, literalmente, devorados por aquilo. A extinção tornou-se iminente. Então, algumas astronaves, incluindo a *Argo*, foram lançadas ao espaço. Levaram a bordo tudo o que puderam a fim de reconstruir um lar em outro lugar.

Dessa vez, foi Aka a interromper:

— Uma repetição do êxodo original da partida da *Ícaro 200611* e outras naves de nossa época.

O androide Dourado meneou sua cabeça. Embora sentado no piso da sala de controle, continuava mais alto do que Ao e Aka, ambos em pé. Continuou a falar:

— O monstro saiu em perseguição a *Argo*. Aceleramos a velocidade máxima, em direção ao centro da galáxia. A coisa continuou a perseguir-nos até o momento em que fomos capturados pela força gravitacional de um buraco negro supermassivo.

Descrevemos uma trajetória em espiral. O buraco negro representou uma ameaça incomparavelmente maior do que aquela coisa. *Argo* acionou o campo energético ao seu redor a fim de proteger-se da radiação. O horizonte de eventos pouco a pouco aproximou-se: a fronteira entre o Universo em que estávamos e aquilo de onde nada poderia emergir. E aconteceu. *Argo* mergulhou em um túnel de luzes caleidoscópicas. Observamos o monstro alienígena transformar-se em um fio de matéria sem fim. Massa e tempo a tender ao infinito. Nosso comandante, um híbrido entre humano e androide, ordenou que fosse dada aceleração máxima a *Argo*... em direção ao buraco negro! Muitos protestaram, mas, no final, cumpriram. Assim, a astronave abreviou o seu destino em direção à fronteira do não existir.

— O que aconteceu? — indagou Ao.

— Atingimos o término do horizonte. Todos, inclusive o comandante, deram o nosso fim como certo. Tratava-se de uma barreira impossível... Entretanto, para o impossível, o inacreditável aconteceu. E, antes que perguntem, de um mergulho sem volta num buraco negro, o que sobrou da *Argo*, milagrosamente, emergiu do outro lado. Como? Para onde? Tratava-se da antítese de um buraco negro: o buraco branco! O buraco negro que a tudo absorvia possuía o seu contrário, que o todo expelia. E esse buraco branco, por mais improvável que fosse, tratava-se do Big Bang.

O androide Azul quase tropeçou em Aka.

— O Big Bang? Quer dizer, o "nosso" Big Bang?

— E há outro? — retrucou Kin-iro. — O princípio de tudo aquilo que era conhecido e desconhecido. O início do tempo, do espaço, da energia e da matéria. Onde o espaço-tempo contorceu-se dentro de si mesmo.

Somente Kin-iro e dois outros androides sobreviveram à travessia. Os casulos onde a humanidade adormecia deixaram de funcionar, matando seus ocupantes. Por fim, os três androides desativaram-se para poupar energia. Somente Kin-iro despertou quando Ao e Aka penetraram na *Argo*.

Ao falou:

— Quer dizer que seus irmãos continuaram lá?

— Sim — falou pesaroso o gigante. — E agora se foram.

O gigante Dourado era tudo o que restara de seu Universo.

10 — A PRÓXIMA MISSÃO

— Mas você e a nave viajaram pelo espaço por quatorze bilhões de anos?!

Os olhos do colosso cintilaram resignação.

— Ficar a deriva seria a expressão correta. Será isso mais incrível do que a travessia efetuada? Será um milagre maior do que o nosso encontro? Quando eu e meus irmãos emergimos em meio aos escombros, ficamos igualmente deslumbrados. Fomos paridos em um novo Universo. Não compreendíamos que se tratava de nosso próprio Universo a nascer. Lamentamos que o resultado de nossa jornada e nossas descobertas jamais seriam de conhecimento daqueles que deixáramos para trás ou de nossa própria e malfadada tripulação. Átomos, poeira, estrelas e galáxias sequer existiam! Quando, por fim,

compreendemos, percebemos que a humanidade estaria a quatorze bilhões de anos no futuro. Decidimos deixar uma mensagem para o futuro longínquo. Éramos três garrafas atiradas no oceano cósmico. Moldamos distorções na tessitura da radiação de fundo; pulsações que, algum dia, chamassem a atenção de alguma inteligência superior. Só não podíamos adivinhar que seriam vocês, nossos próprios ancestrais...

Kin-iro fez uma pausa. Decidiu-se.

— E, em sendo assim, torna-se claro qual será a nossa próxima missão.

— "Nossa"? — disse Aka. — Nossa missão é procurar um mundo habitável para os humanos que trazemos a bordo e demais formas de vida.

— Nossa missão — prosseguiu o gigante — é salvar Dédalo de seu desastroso futuro. Alertá-lo sobre o alienígena e construir meios para combatê-lo. Quem sabe, desviar Dédalo da trajetória fatídica.

Os dois andróides enrijeceram seus corpos.

— Nossa viagem é sem retorno! — protestou Ao tão humanamente quanto negaria esse fato. — Todos sabíamos disso, inclusive os dedalanos.

A um sinal quase imperceptível de Kin-iro, Ao e Aka deixaram de falar, imobilizados feito estátuas. Uma estátua Azul e outra Vermelha.

O gigante dourado levantou-se, apanhou-os sob seus braços e levou-os para o cilindro de hibernação dos humanos, deixando-os lá.

— Lamento, tampinhas — sussurrou em suas mentes organossintéticas. — Agora que essa oportunidade me foi dada, eu tenho um dever a cumprir: salvar o nosso planeta. E, com a experiência de uma eternidade, pretendo direcionar a Dédalo de sua viagem sem destino para a estrela mais próxima e freá-la em uma órbita dentro da zona habitável. No final das contas, isso também cumpriria a missão de vocês, não é?

Ao e Aka não puderam responder. Somente observaram o gigante afastar-se até ele fechar o cilindro.

Assim, a nave *Ícaro 200611* alterou o seu curso de volta para casa. Iria encerrar um estonteante círculo de quatorze bilhões de anos. Um círculo entre o infinito e a eternidade iniciado lá longe, no fim do horizonte.

A esfera é a mais perfeita das formas. Não há princípio nem fim em sua superfície. Ao seguir em linha reta, retornamos ao ponto de partida. Não existe reta; somente, a curva. Tempo e espaço dobram-se em si próprios e, no grânulo de um instante, entre eles, eu existo.

(Extraído das Crônicas de Kin-iro, o Dourado)

NOTA DO AUTOR:

A presente história foi originalmente publicada na antologia "Contos do Além-Mundo", vol. 1 (WE Coletivo Editorial, 2020), organizada por Clarissa Winter.

<https://www.wecoletivoeditorial.com/contos-do-alem-mundo>



SOBRE ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis* foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). O microconto *Planos de Substituição* foi o grande campeão do 5º *Torneio Mágico da Mhajulla* (Ed. Mhajulla), tema *Log de Mensagem*. Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e vinte e uma antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 200,00

Entrevista Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit>

<https://revistaprojetoautoestima.com.br>

REVISTA CONEXAO LITERATURA
COLECIONE

HERMAN MELVILLE

1819–1891

Herman Melville foi um escritor americano, mais conhecido por seus romances marítimos. Sua obra mais famosa é *Moby-Dick* (1851), uma obra-prima que explora temas como obsessão, destino e a condição humana.

O estilo de escrita de Melville combina aventura, filosofia e descrições vívidas da vida no mar. Além de "*Moby-Dick*", ele também escreveu outras obras notáveis, como *Billy Budd, Marinheiro*.



Caça-palavras sobre classes de palavras

ENCONTRE AS 11 CLASSES DE PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA.



I	Z	O	A	P	X	A	H	R	K	A	Y	X	M
N	T	M	S	R	R	A	D	J	E	T	I	V	O
T	P	S	M	F	C	E	X	V	U	M	I	S	Z
E	R	U	Z	N	J	O	P	I	É	O	I	Z	E
R	O	B	B	Q	N	G	N	O	S	R	R	D	P
J	N	S	O	Y	B	U	M	J	S	L	B	I	L
E	O	T	A	T	L	P	M	S	U	I	K	I	B
I	M	A	R	Z	U	J	I	E	B	N	Ç	F	O
Ç	E	N	T	H	V	R	J	Z	R	Q	Ç	Ã	H
Ã	T	T	I	J	D	E	A	J	O	A	E	Ã	O
O	Y	I	G	F	A	S	R	U	M	R	L	K	O
K	C	V	O	Z	L	Q	K	B	B	H	L	N	O
I	R	O	K	N	S	K	S	L	O	P	Z	Y	P
Q	K	U	Q	X	J	A	N	C	G	F	S	E	E



VERBO

INTERJEIÇÃO

ADJETIVO

NUMERAL

ARTIGO

SUBSTANTIVO

ADVÉRBIO

ARTIGO

CONJUNÇÃO

PREPOSIÇÃO

PRONOME

Caça-palavras sobre classes de palavras



Respostas

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

I	Z	O	A	P	X	A	H	R	K	A	Y	X	M
N	T	M	S	R	R	A	D	J	E	T	I	V	O
T	P	S	M	F	C	E	X	V	U	M	I	S	Z
E	R	U	Z	N	J	O	P	I	É	O	I	Z	E
R	O	B	B	Q	N	G	N	O	S	R	R	D	P
J	N	S	O	Y	B	U	M	J	S	L	B	I	L
E	O	T	A	T	L	P	M	S	U	I	K	I	B
I	M	A	R	Z	U	J	I	E	B	N	Ç	F	O
Ç	E	N	T	H	V	R	J	Z	R	Q	Ç	Ã	H
Ã	T	T	I	J	D	E	A	J	O	A	E	Ã	O
O	Y	I	G	F	A	S	R	U	M	R	L	K	O
K	C	V	O	Z	L	Q	K	B	B	H	L	N	O
I	R	O	K	N	S	K	S	L	O	P	Z	Y	P
Q	K	U	Q	X	J	A	N	C	G	F	S	E	E



VERBO

INTERJEIÇÃO

ADJETIVO

NUMERAL

ARTIGO

SUBSTANTIVO

ADVÉRBIO

ARTIGO

CONJUNÇÃO

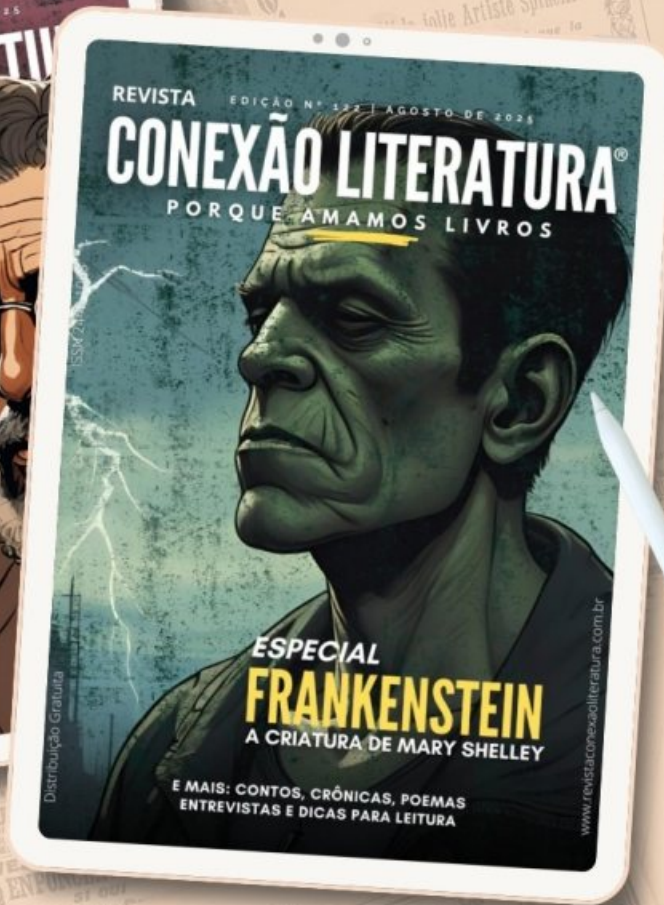
PREPOSIÇÃO

PRONOME

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES

ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br



**AMOR
PELOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2026

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+805 MIL +295 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Divulgue nas edições da nossa
revista, entre em contato:

E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org

Aos cuidados de Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa Fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores. CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:
e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONNECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.05.2026



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd